



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

CINTYA DE ABREU VIEIRA

**TECITURAS DA FEMINILIDADE E DA MATERNIDADE: DE
FREUD AO ROMANCE A *FILHA PERDIDA*, DE ELENA
FERRANTE**

Porto Nacional/TO
2024

CINTYA DE ABREU VIEIRA

**TECITURAS DA FEMINILIDADE E DA MATERNIDADE: DE
FREUD AO ROMANCE A *FILHA PERDIDA*, DE ELENA
FERRANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Professora Dra. Rejane de Souza Ferreira

PORTO NACIONAL/TO
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- V658t Vieira, Cintya de Abreu.
Técnicas da feminilidade e da maternidade: de Freud ao romance *A filha perdida*, de Elena Ferrante. / Cintya de Abreu Vieira. – Porto Nacional, TO, 2024.
151 f.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2024.
Orientadora : Rejane de Souza Ferreira
1. Mulher e mãe. 2. Relação mãe e filha. 3. Ambivalência. 4. Psicanálise; Literatura. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CINTYA DE ABREU VIEIRA

**TECITURAS DA FEMINILIDADE E DA MATERNIDADE DE
FREUD AO ROMANCE A *FILHA PERDIDA*, DE ELENA
FERRANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dra. Rejane de Souza Ferreira, Orientadora – PGG-Letras/UFT (Orientadora)

Prof. Dra. Rita Maria Manso de Barros, PPG-Psicanálise e Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas/UERJ (Avaliadora externa)

Prof. Dra. Viviane Cristina Oliveira, PPG-Letras/UFT (Avaliadora interna)

Prof. Dra. Dinameire Oliveira Carneiro Rios, PGG-Letras/UFT (Suplente)

Porto Nacional, 2024

Às mulheres, que constituem parte dos fios com os quais me teci, que me ensinaram que coragem é um substantivo feminino.

À minha irmã, Fernanda, que me ensina sobre tecer asas com liberdade.

Ninguém, a começar pelas costureiras das mães, deve pensar que uma mãe tem corpo de mulher.

Elsa Morante

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Dra. Rejane de Souza Ferreira, por saber dosar rigor acadêmico com generosidade. Ainda, pela disponibilidade e apoio com os quais sempre pude contar, principalmente, nos momentos adversos dessa pesquisa.

Ao meu marido, Lucas Vieira, com quem escolhi conjugar diariamente o verbo amar, obrigada por trazer leveza aos meus dias. Agradeço por ser um dos meus maiores incentivadores e, por desdobrar-se para ser presença-afeto mesmo em meio às suas incontáveis viagens de trabalho.

À minha mãe, por inscrever em mim o amor pela leitura, apesar dos poucos recursos que tinha à sua disposição. Obrigada por me ensinar que o estudo nos possibilita traçar caminhos onde só havia abismos.

Ao meu pai que, ainda que tenhamos tido a nossa convivência comprometida pela sua condição de saúde e por tantos outros percalços da vida, soube me transmitir o desejo ao escolher o significativo que nomeou e marcou o início da minha existência e que, a posteriori, eu pude lê-lo nas entrelinhas e servir-me disso para inventar o meu próprio caminho.

À minha irmã, Fernanda, que me apresentou o elo forte do amor fraterno e da cumplicidade, em quem tantas vezes posso encontrar coragem e resiliência. Obrigada por acreditar no meu percurso acadêmico e profissional.

Ao meu avô, Isaías, pelo desejo decidido e entusiasmo pela vida com os quais me inspira a persistir e resistir.

Ao meu tio Gilmar, *in memoriam*, por me ensinar em ato que tinha um mundo de possibilidades para além das fronteiras da Estância. Sua intrepidez ainda ressoa nas minhas escolhas.

Às minhas amigas e amigos, pelas partilhas, apoio e presença reconfortante sempre que precisei.

À colega de turma, Thauna Carvalho, com quem pude compartilhar as preocupações e as alegrias do mestrado.

Às colegas da Escola Brasileira de Psicanálise - seção sul, pelas discussões animadas no cartel, Mal-ditas mulheres, que enriqueceu o meu percurso teórico.

À Universidade Federal do Tocantins pelo ensino público de qualidade.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras, com os quais tive a alegria de aprender, por me apresentarem diferentes facetas do fascinante universo literário.

Aos meus pacientes, por confiarem as suas histórias à minha escuta e me ensinarem

sobre a singularidade da clínica e da leitura da vida.

À minha analista, que há um par de anos com a sua presença-escuta me possibilita extrair da minha história a escrita de novas narrativas.

A Deus, por me sustentar nos momentos exaustivos, que não foram poucos, e me permitir chegar até aqui.

RESUMO

Esta dissertação investiga a obra *A filha perdida* (2016), da escritora italiana Elena Ferrante, através da vertente psicanalítica em consonância com um enfoque sociológico como possíveis chaves de leitura, pois, toda psicologia individual é ao mesmo tempo social. O núcleo dessa pesquisa se concentra nos retratos da feminilidade e da maternidade que compõem as experiências das personagens femininas do romance, sobretudo, da protagonista Leda. O enredo analisado contempla as complexidades destas mulheres demonstrando que as construções retratadas são permeadas por ambivalências que aludem aos conflitos que a posição feminina e materna pode comportar, justamente, pela maternidade não responder a todas as inquietações e desejos femininos. Logo, a ambivalência é um fio condutor no romance, que também está presente nas relações entre mães e filhas das personagens, por isso, consideramos a psicanálise uma vertente profícua nesta pesquisa. A contribuição lacaniana da dissociação natural entre a figura da mulher e da mãe permite perscrutar os desdobramentos dessas posições subjetivas como efeitos da cultura e da linguagem. A perspectiva psicanalítica também ensejou refletir sobre os desdobramentos da relação primordial da menina com a mãe para a constituição subjetiva feminina, e por isso pudemos analisar a relação da menina Elena com sua mãe Nina e a relação de Leda com sua própria mãe a partir das memórias que ela fazia de sua própria infância. O enfoque sociológico que utilizamos, por sua vez, permitiu discorrer a respeito da concepção universal do imaginário social a respeito da mulher como instintivamente inclinada à maternidade, que resulta na romantização, na sacralização da figura da mãe e no apagamento da mulher. Além disso, contribui para situar os aspectos coletivos que se entrelaçam com as vivências íntimas das personagens, pois os conflitos íntimos de Leda, como filha e como mãe, repercutem nas relações que ela estabelece com as outras personagens, especialmente, com a tríade napolitana na praia, Nina, Elena e a boneca Nani. As relações de espalhamento e duplo que se constituem entre as personagens e os conflitos entre maternidade e feminilidade são inferidos nas metáforas e processos metonímicos que compõem a narrativa, indicando a costura intencional entre forma e conteúdo. Portanto, esse aspecto foi contemplado como escopo de nossa investigação. Outrossim, nos detivemos na forma espiralada da narrativa através do fluxo de consciência da narradora-personagem, em que suas experiências são elaboradas sempre a posteriori, refletindo o seu processo de (des)construção da feminilidade que se dá a partir dos (des)encontros com as outras personagens do romance.

Palavras-chaves: Mulher e mãe; Relação mãe e filha; Ambivalência; Psicanálise; Literatura.

ABSTRACT

This dissertation investigates the work *The Lost Daughter* (2016) by the Italian writer Elena Ferrante, through psychoanalytic approach in line with a sociological focus as possible keys to interpretation, as all individual psychology is at the same time social. The core of this research focuses on the portrayals of femininity and motherhood that shape the experiences of the female characters in the novel, especially the protagonist, Leda. The analyzed plot contemplates the complexities of these women, demonstrating that the depicted constructions are permeated by ambivalences that allude to the conflicts inherent in the female and maternal positions, precisely because motherhood does not address all feminine concerns and desires. Therefore, ambivalence is a guiding thread in the novel, which is also present in the relationships between mothers and daughters of the characters, which is why we consider psychoanalysis a fruitful approach in this research. Lacanian contributions regarding the natural dissociation between the figure of the woman and the mother allow for an exploration of the ramifications of these subjective positions as effects of culture and language. The psychoanalytic perspective also enabled reflections on the ramifications of the primary relationship between a girl and her mother for the formation of female subjectivity, and thus we could analyze the relationship between the girl Elena and her mother Nina, and Leda's relationship with her own mother based on her recollections of her own childhood. The sociological approach we employed, in turn, allowed us to discuss the universal conception of the social imaginary regarding women as instinctively inclined to motherhood, which results in the romanticization and sanctification of the mother figure and the erasure of the woman. Moreover, it helps to situate the collective aspects intertwined with the intimate experiences of the characters, as Leda's intimate conflicts, both as a daughter and a mother, resonate in the relationships she establishes with other characters, especially with the Neapolitan triad on the beach, Nina, Elena, and the doll Nani. The relationships of dispersion and doubling that form between the characters and the conflicts between motherhood and femininity are inferred in the metaphors and metonymic processes that make up the narrative, indicating an intentional weaving between form and content. Therefore, this aspect was considered as the scope of our investigation. Additionally, we focused on the spiral form of the narrative through the stream of consciousness of the narrator-character, where her experiences are always elaborated retrospectively, reflecting her process of (de)constructing femininity through her (dis)encounters with the other characters in the novel.

Keywords: Woman and mother; Mother-daughter relationship; Ambivalence; Psychoanalysis; Literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OS ENTRELAÇAMENTOS DA PSICANÁLISE E DA LITERATURA: DE FREUD A CONTEMPORANEIDADE.....	17
2.1	As facetas da relação de Freud com a literatura.....	17
2.2	A contribuição de Lacan para a relação da psicanálise com a literatura.....	23
2.3	As vertentes da psicanálise contemporânea e suas associações com a literatura.....	25
3	A FEMINILIDADE E A MATERNIDADE NA PSICANÁLISE.....	31
3.1	Freud: dos impasses com o Complexo de Édipo ao laço pré-edipiano da menina com a mãe	31
3.2	A mãe e a mulher: uma leitura lacaniana da teoria freudiana.....	37
3.3	Outras contribuições psicanalíticas sobre a maternidade e a feminilidade	40
4	A RELAÇÃO MÃE E FILHA PELO OLHAR DA PSICANÁLISE.....	52
4.1	A relação mãe e filha em três casos clínicos de Freud.....	52
4.2	Nós: quando mãe e filha se enlaçam pela devastação.....	59
5	NÓS E LAÇOS EM <i>A FILHA PERDIDA</i> : MULHERES, MÃES E FILHAS.....	75
5.1	Mulheres e mães tecidas de ambivalências.....	76
5.2	As metáforas que costuram a forma e o conteúdo da trama.....	103
5.3	Mães e filhas: (des)encontros no tear da feminilidade.....	117
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
	REFERÊNCIAS.....	146

1 INTRODUÇÃO

Cada obra de arte é um instante: cada obra conseguida é um equilíbrio, uma pausa momentânea do processo, tal qual como ele se manifesta ao olhar atento. Se as obras de arte são respostas à sua própria pergunta, com maior razão elas próprias se tornam questões.

Theodor Adorno

Desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade, os temas da feminilidade, da maternidade e da relação mãe e filha constituem parte do interesse de escritores, pois, trata-se de temáticas que apontam para questões fundantes dos seres humanos. Além disso, as conquistas femininas possibilitaram abordar esses conteúdos desvelando ambivalências, que por um tempo foram ignoradas em detrimento da concepção da mulher como figura divina cujo único destino era o ideal materno. A criação do método contraceptivo no século XX, entretanto, possibilita repensar o lugar do desejo e da sexualidade feminina. Compreender a mulher como um ser de múltiplos desejos é colocar em xeque a equivalência natural entre a figura feminina e a maternidade, restituindo à última a possibilidade de apenas uma dentre as muitas escolhas subjetivas que a mulher tem a seu dispor e não mais a única, como a equivalência mulher = mãe previa. A relação mãe e filha, por sua vez, possui suas próprias peculiaridades para a constituição feminina, pois ainda que uma mulher não escolha ser mãe, ela, em alguma medida, terá que enfrentar as marcas da relação que constituiu com sua mãe.

Elena Ferrante, no romance *A filha perdida*, consegue retratar muitas das facetas dos desejos femininos, das ambivalências da maternidade e da relação mãe e filha. A autora através da personagem principal do romance, Leda, contribui para problematizar as questões oriundas da sacralização da mulher e da mãe. Também ajuda a repensar a importância da relação mãe e filha para a constituição da feminilidade de uma mulher e como isso ressoa em outras áreas de sua vida. A intencionalidade da autora pode ser vista para além da temática, através dos aspectos estruturais da obra como o nome das personagens e as metáforas que vão aparecendo ao longo da narrativa. Ferrante versa sobre a maternidade opondo-se a visão simplista e reducionista do tema. Exploraremos esses detalhes no capítulo cinco desta dissertação.

Nossa pesquisa parte da questão norteadora: o que as personagens do romance *A filha perdida* retratam sobre o processo da construção da feminilidade, da maternidade e da relação mãe e filha à luz da psicanálise alinhada ao enfoque sociológico? Para sustentar nossa investigação, recorreremos à teoria psicanalítica como uma possível chave de leitura, por se tratar de uma perspectiva teórica que se debruça sobre as ambivalências da constituição da feminilidade e da maternidade e os possíveis impasses na relação mãe e filha. Compreendemos

que a psicanálise se ocupa das questões subjetivas dos sujeitos, sem ignorar o contexto em que estão inseridos e as questões que constituem a coletividade, uma vez que para psicanálise nos fundamos e nos constituímos a partir dos outros. O próprio Freud (2020 [1921]), em seu texto “Psicologia das massas e análise do eu” apontou a relação intrínseca entre psicologia individual e psicologia social, considerando as marcas que os fenômenos sociais deixam na vida psíquica individual. Portanto, dada a especificidade do campo psicanalítico e os aspectos do romance analisado, julgamos ser necessário recorrer também ao enfoque sociológico para enriquecer o estudo sobre a obra *A filha perdida*, pois não pretendemos reduzi-la a mera ilustração psicanalítica, nem pretendemos ignorar outros fatores que compõem a riqueza das questões retratadas sobre as figuras femininas e materna, bem como a relação mãe e filha, expostas, através das vivências das personagens.

Apesar de a maternidade e as questões concernentes ao feminino já terem sido alvo de muitos estudos, ainda existem muitos estereótipos e idealizações em torno da figura da mãe e da mulher. A literatura, por sua vez, é um modo de abordar essas temáticas de forma profícua, permitindo levantar questões para as quais pode haver resistências. Leyla Perrone-Moisés (2016) nos lembra que a ficção pode funcionar tanto como um convite a crítica à uma cultura que é consumista e utilitária, quanto uma evasão da sociedade. Além disso, ela considera a literatura como sendo um dos poucos exercícios de liberdade e discorre sobre a capacidade da literatura mostrar algo da realidade atual e, ao mesmo tempo, de forma implícita, formular perguntas a respeito dela. A psicanálise, a seu modo, também se interessa pelo material ficcional da clínica e pelas perguntas; além disso, preza pela liberdade de expressão e as manifestações subjetivas. Por isso, o estudo aqui empreendido sobre *A filha perdida* não pretende alcançar respostas últimas sobre o ser feminino e a maternidade, mas apontar as nossas próprias percepções do real implícito neste romance de Ferrante, pois lemos nessa obra, um convite a refletir sobre como a experiência da maternidade está longe do idealizado.

No que diz respeito à estrutura, essa dissertação está organizada em cinco capítulos, nos primeiros capítulos levantamos discussões teóricas que serão retomadas para a análise do livro *A filha perdida*, no capítulo cinco, portanto, o primeiro se intitula “Os entrelaçamentos da psicanálise e da literatura: de Freud a contemporaneidade”, que tem por objetivo se debruçar sobre alguns pontos de confluência entre a literatura e a psicanálise. Para isso, o capítulo está subdividido em três partes: em, “As facetas da relação de Freud com a literatura”, investigamos a influência dessa arte na produção freudiana e identificamos a contribuição freudiana, no texto

Unheimliche de 1919. Nesta seção, mencionamos o trabalho de Freud com as histéricas com o intuito de contextualizar historicamente a relação da psicanálise com a literatura, de forma geral, e não com o objetivo de aplicar a psicanálise no romance de Ferrante em foco. Com o propósito de dar continuidade ao processo histórico da relação literatura e psicanálise, no subcapítulo subsequente, “A contribuição de Lacan para a relação da psicanálise e da literatura”, damos enfoque no trabalho de Lacan, por considerarmos importante sua contribuição para o distanciamento das práticas reducionistas da relação entre essas duas áreas, como a patografia, a psicobiografia e a psicocrítica. Por último, em “As vertentes da psicanálise contemporânea e suas associações com a literatura”, verificamos que nas possibilidades atuais entre essas duas áreas, a psicanálise está circunscrita dentro da crítica literária como uma prática que respeita a especificidade da literatura e traz contribuições para fomentar discussões em ambas as áreas, respeitando seus limites, como sugerido pela pesquisadora Cleusa Passos (2009), pois ela usa uma abordagem semelhante a que aplicamos nesta pesquisa.

No segundo capítulo “A feminilidade e a maternidade na psicanálise”, seguimos o critério de partir das contribuições freudianas em um percurso histórico até chegarmos nos avanços contemporâneos no que tange essa temática. Revisitamos o pensamento freudiano para compreender as limitações de sua transmissão sobre esse tema e que, posteriormente, outros psicanalistas puderam avançar nesses impasses. No subtítulo “Freud: dos impasses com o Complexo de Édipo ao laço pré-edípiano da menina com a mãe” investigamos as dificuldades freudianas no estudo da feminilidade e o destaque dado por ele para a relação pré-edípiana entre a menina e sua mãe. Também percorremos os equívocos da herança teórica de Freud, como a equivalência entre a feminilidade e a maternidade, considerando ser o bebê o substituto fálico que possibilita a mulher a saída normal da feminilidade. Nesse ponto, mais uma vez, trazemos a contribuição de Lacan para repensar esse aspecto problemático na obra do inventor da psicanálise. É o que investigamos em “A mãe e a mulher: uma leitura lacaniana da teoria freudiana”. Lacan é o responsável dentro da psicanálise por propor uma separação entre a figura da mulher e da mãe e, por consequência, pensar a maternidade em termos de função. Em “Outras contribuições psicanalíticas sobre a maternidade e a feminilidade”, analisamos as contribuições de psicanalistas como Jacques-Alain Miller (2010), Marie-Hélène Brousse (2023), Maria Rita Kehl (2016), Michèle Behaïm (2007), Elisabeth Roudinesco (2003), entre outros que partem da concepção lacaniana sobre mulher e mãe e inserem questões contemporâneas a essas discussões.

No penúltimo capítulo, nos debruçamos sobre “A relação mãe e filha pelo olhar da psicanálise” por compreender que a psicanálise possibilita pensar as complexidades que

permeiam essa relação e contribui, em alguma medida, para a leitura e interpretação da obra. Subdividimos este capítulo em duas partes, na primeira, “A relação mãe e filha em três casos clínicos de Freud”, percorremos as dificuldades e avanços de Freud em relação ao tema. Em “Nós: quando mãe e filha se enlaçam pela devastação”, identificamos a contribuição lacaniana para pensar a especificidade da relação mãe e filha e suas consequências para constituição feminina, investigamos o termo proposto por Lacan, devastação, e como ele incide na relação mãe e filha e nas parcerias amorosas de uma mulher, como a repetição do fracasso da relação com a mãe. Recorremos às psicanalíticas contemporâneas como Malvine Zalcborg (2003), Ana Cláudia Santos Meira (2021), Graciela Bessa (2012), Elisabeth Rocha Miranda (2017), Lêda Guimarães (2014), Lucélia Maria Gonçalves (2021), para repensar as propostas freudianas e lacanianas atreladas às questões contemporâneas da relação mãe e filha. Fazemos esse estudo sobre a relação mãe e filha neste capítulo para enriquecer as discussões sobre o romance *A filha perdida* que será o enfoque do último capítulo, intitulado “Nós e laços em *A filha perdida*: mulheres, mães e filhas”.

No capítulo derradeiro, “Nós e laços em *A filha perdida*: mulheres, mães e filhas”, nos debruçamos sobre a análise do romance, tendo como base as discussões anteriores da teoria psicanalítica com o acréscimo do enfoque sociológico, pois entendemos que esses aspectos são fundamentais para tentar compreender a representação que as personagens do romance fazem da realidade humana. Na primeira parte, “Mulheres e mães tecidas de ambivalências”, partimos da concepção do mito do amor materno proposto por Elisabeth Badinter (1985), que coaduna com o trabalho da psicanalista Vera Iaconelli (2023) para discutir a relação da culpa experimentada por Leda com questões sociais e culturais que a rodeiam. Utilizamos as contribuições da psicanálise para fomentar a discussão sobre as ambivalências de Leda como mãe e mulher, partimos da proposta de Lacan sobre a disjunção entre a figura da mulher e da mãe e de psicanalistas contemporâneos que contribuem para pensar os impasses da feminilidade e da maternidade. Na segunda parte, “As metáforas que costuram a forma e o conteúdo da trama”, depreendemos a relação entre o enredo da obra e a sua forma. É o que verificamos nas diversas metáforas que compõem a narrativa, que revelam tanto os conflitos internos da protagonista, bem como, questões sociais e culturais, aludindo à miscelânea entre o íntimo e o coletivo. As imagens metafóricas e os processos metonímicos que encontramos em *A filha perdida*, tais como a cigarra, o cesto de frutas, o chapéu e o alfinete, o mar, a boneca, o título da obra e a etimologia do nome das personagens dão consistência a perspectiva de maternidade que é apresentada na obra. Além disso, condensam os conflitos e os espalhamentos vividos entre as personagens, comunicando a complexidade da relação mãe e filha e, suas possíveis

reverberações em outras relações estabelecidas pela personagem Leda. Para investigar esses aspectos da obra nos valem das contribuições dentro da teoria literária de Mikhail Bakhtin (2003, 2014), Leyla Perrone-Moisés (2016), Julia Kristeva (2005) e, também, nos servimos dos trabalhos das pesquisadoras Giuliana Bergamo (2019, 2020) e Fabiane Secches (2020) sobre *A filha perdida* e a escrita de Elena Ferrante. Por fim, em “Mães e filhas: (des)encontros na construção da feminilidade”, investigamos as relações entre mães e filhas das personagens do romance, sobretudo como a relação de Leda com suas filhas repercute em sua sexualidade, profissão e amizades, pois isso indica o quanto a construção da feminilidade de uma mulher pode ser afetada por sua posição como mãe e, em especial, como mãe de menina. Ainda, investigamos como a condição de Leda como filha repercute no exercício de sua própria maternidade, reatualizando suas vivências como filha. Ainda, como tudo isso reverbera nas relações que Leda estabelece com outras mulheres, principalmente, com Nina, Elena e a boneca. Identificamos que esses aspectos das relações estabelecidas no romance, podem ser inferidos na estrutura da narrativa em relação a ordem em que os fatos são apresentados, de forma espiralada. Nessa parte da pesquisa, também retomamos o conceito freudiano apresentado no primeiro capítulo dessa pesquisa, o *infamiliar (Unheimliche)* para aprofundar as discussões sobre as relações difusas estabelecidas entre as personagens do romance, que constituem uma espécie de duplo. A contribuição das psicanalistas contemporâneas, especialmente Malvine Zalcberg (2003), para pensar a especificidade dessa relação é fundamental para sustentar essa compreensão. Ainda nesse capítulo, recorreremos ao estudo de Giuliana Arcocha Bergamo (2019) sobre *A filha perdida* para enriquecer a nossa própria análise.

Por fim, nós concordamos com a pesquisadora e psicanalista Vera Iaconelli (2023) a respeito do discurso maternalista está obsoleto frente às atuais configurações sociais e a realidade contemporânea das mulheres mães. Como percebemos em *A filha perdida*, reduzir a figura feminina à natureza materna tem efeitos deletérios para as mulheres na construção da própria maternagem e para as relações que se estabelecem entre mães e filhas, e podem se estender a relações mortíferas entre mulheres fomentando angústia e culpa.

2 OS ENTRELAÇAMENTOS DA PSICANÁLISE E DA LITERATURA: DE FREUD A CONTEMPORANEIDADE

Contarei então a loucura de uma mulher sensata, a fim de mostrar que a loucura frequentemente é tão somente a razão sob outra forma.

J. W. Goethe

Desde Sigmund Freud a literatura é um campo caro à psicanálise e, naturalmente, alguns equívocos foram traçados nessa relação. O próprio fundador dessa linha terapêutica se equivocou em algumas vertentes metodológicas quando, por exemplo, defendeu a análise da obra a partir da vida do autor. Portanto, optamos por privilegiar nesta pesquisa, pela natureza deste trabalho, a postura que Freud adota no texto *Das Unheimliche*, de 1919, em que ele aborda a literatura sem reduzir a obra a vida do autor, além disso, o conceito de *infamiliar* proposto por Freud nesse texto pode ser relacionado a algumas vivências da narradora de *A filha perdida*, de Elena Ferrante, conforme discutiremos no capítulo cinco. Em seguida, percorremos um pouco da contribuição lacaniana, que dentre os pós freudianos que praticavam a patografia, a psicobiografia e a psicocrítica, representa um ponto de virada na interface da psicanálise com a literatura, rompendo com a perspectiva diagnóstica e reducionista. Por fim, visitamos as contribuições de algumas psicanalistas contemporâneas para as confluências entre esses dois campos, como Heloisa Caldas, Shoshana Felman, Lucia Castello Branco e Cleusa Rios P. Passos, que seguem na esteira lacaniana de romper com as outras práticas reducionistas e de patologização dos personagens e do autor, logo essas psicanalistas contemporâneas mencionadas privilegiam o texto e sua construção.

2.1. As facetas da relação de Freud com a literatura

A produção textual de Freud revela seu interesse em investigar não apenas a literatura, mas também artes, contudo, em função de nosso objetivo, iremos nos ater apenas no interesse literário de Freud. Esse, por sua vez, surgiu logo no início de seu trabalho, antes mesmo de ele utilizar a literatura como subsídio para formular sua teoria e ilustrar alguns dos seus conceitos, ele já fazia uso de mecanismos literários quando a medicina de sua época fracassou no atendimento às mulheres que pareciam sofrer dos nervos. Elas não se enquadravam na forma objetiva a que eram submetidas a investigação, pois a objetividade não contemplava as questões subjetivas que elas enfrentavam.

Antes de desenvolver o tratamento psicanalítico, Freud utilizou métodos de tratamento alternativos utilizados por outros médicos para tratar as histéricas. O seu primeiro contato com essas pacientes foi através de um estágio, no Hospital da Salpêtrière, em Paris, ao trabalhar com o médico Jean-Martin Charcot, que era conhecido por tratar com o método hipnótico as pacientes que tinham o diagnóstico de histeria. Essa abordagem clínica não dava voz às mulheres, pois elas eram submetidas a sugestão médica e seu controle. Com o tempo, através de seus estudos, Freud vai se dando conta das falhas dessa prática e de suas limitações. Ele é o responsável por inaugurar um novo tratamento para as histéricas, ao romper com método da medicina e com a hipnose, e posteriormente, com o método catártico proposto pelo médico Josef Breuer:

Quando, no final do século XIX, algumas mulheres começam a resistir ao método hipnótico proposto por seus “médicos dos nervos” para tratar aquilo a que eles chamavam de histeria, a psicanálise nasce. Com ela nasce também um psicanalista, aquele que escuta, e uma nova prática clínica em que a voz, que antes era monopólio do saber médico (e do homem), é o seu principal objeto. Agora, talvez pela primeira vez na história da humanidade, a mulher pode falar livremente, sem julgamentos e censuras, dando voz ao seu próprio corpo e àquilo que antes aparecia como sintoma (BRANCO e SOBRAL, 2022, p. 116 e 117).

Freud cria a associação livre¹ e desenvolve um conceito caro à psicanálise, que é a transferência², fazendo leituras ficcionais dos casos.

Em outros termos: desde o início, o psicanalista estava advertido quanto à necessidade de forjar um método próprio, que transitasse entre registros discursivos diversos: era preciso combinar pelo menos o rigor conceitual do cientista com o rigor formal do poeta. Não custa lembrar: não se trata aqui de um elogio romântico a uma suposta oposição entre a liberdade da poesia e a rigidez da ciência. Ao contrário, a tarefa do analista consiste em ler os relatos clínicos como romances, com todo o rigor formal que é exigido pela própria apresentação do material. Convém não confundir rigor e rigidez. Ler os relatos clínicos como romance: a objetividade do fato clínico depende de sua construção formal, através da escrita. Essa construção engloba recursos linguísticos heterogêneos, indo desde o uso do fragmento e do aforismo ao

¹ Método criado por Freud, onde o paciente é convidado a falar livremente, sem censura, tudo que lhe ocorrer e lhe vier à cabeça. Diferente da hipnose quando o médico sugeria os temas para as pacientes. Associando livremente, os pacientes que trazem os conteúdos da sessão, dessa forma Freud acreditava que o conteúdo inconsciente iria emergir.

² Freud é o grande responsável por perceber que a transferência, ou seja, a repetição de afetos que as pacientes atualizavam na relação com o médico, poderia ser usada como motor para o tratamento, podendo ser manejada. Podendo ser uma transferência positiva, mas também se manifestar sob os aspectos de hostilidade sendo uma transferência negativa. Para não ser uma resistência ao tratamento caberia ao médico estar disposto a trabalhar esses conteúdos com os pacientes, pois esses afetos remeteriam às vivências anteriores que eram atualizadas no *setting* terapêutico.

estabelecimento de inferências causais entre eventos aparentemente desconexos; desde a análise de semelhanças fonéticas até a reconstrução narrativa de detalhes das cenas descritas (IANNINI, TAVARES E ROMÃO, 2021, p. 16).

Não são apenas os psicanalistas contemporâneos que compreendem e investigam a influência da literatura na obra de Freud, na própria escrita de seus textos e que consequentemente muda a forma de lê-los, o próprio fundador da psicanálise confessa esse limite entre a literatura e a psicanálise, aproximando sua obra da Literatura moderna e ainda reconhece a capacidade dos artistas e escritores para se apropriarem da psicanálise. Esses aspectos são mencionados por ele em entrevista com o escritor italiano, Giovanni Papini em Viena em maio de 1934:

Todo mundo acredita que eu me atenho antes de mais nada ao caráter científico de meu trabalho e que minha meta principal é o tratamento das enfermidades mentais. É um tremendo erro que tem prevalecido durante anos e que tenho sido incapaz de corrigir. Eu sou um cientista por necessidade e não por vocação. Sou, na verdade, por natureza, artista [...] e disso existe uma prova irrefutável: em todos os países onde a Psicanálise tem penetrado, tenho sido melhor compreendido e aplicado pelos escritores e artistas que pelos médicos. Meus livros, de fato, se parecem mais a obras de imaginação que a tratados de patologia [...] Eu tenho podido cumprir meu destino por uma via indireta e realizar meu sonho: seguir sendo um homem de letras, mesmo que sob a aparência de um médico. Em todo grande homem de ciência está o gérmen da fantasia; mas nenhum propõe, como eu, traduzir a teorias científicas a inspiração que a Literatura moderna oferece. Na Psicanálise, o senhor encontrará reunidas, mesmo que transformadas em jargão científico, as três grandes escolas literárias do século XIX: Heine, Zola e Mallarmé estão reunidos em minha obra sob o patrocínio de meu velho mestre, Goethe (ANDRADE, 2005, p. 32).

Freud se empenha na construção da psicanálise enquanto ciência sem ignorar a importância da arte, da cultura e da literatura. Um argumento a favor dessa premissa é o prêmio Goethe que lhe é agraciado em 1930. Tratava-se de um prêmio concedido às pessoas de diferentes áreas que davam uma contribuição relevante para a cultura, que se destacavam por sua inventividade. O psicanalista recebeu o prêmio por conta da combinação, em suas obras, do rigor científico com a literatura, e por sua proposta de tratamento que se diferenciava das contribuições médicas de seus coetâneos.

A relevância da literatura para Freud também é demonstrada no lugar que ele atribui a ela na formação dos psicanalistas. Em seu texto de 1926, ao defender que a psicanálise poderia ser exercida por pessoas que não são formadas em medicina, marcando uma independência da psicanálise em relação a formação médica, ele justifica argumentando que a formação do analista está para além da formação da graduação de medicina. Pois, a formação do analista

deveria incluir disciplinas alheias à medicina, entre elas, cita a Ciência da Literatura. Freud (2010 [1919]) já havia mencionado os interesses da psicanálise pela história da literatura, mitologia, história e filosofia e ele conclui que, se a psicanálise fosse ensinada nas universidades estaria dentro de uma especificidade que incluiria essas disciplinas e ele nomeia de: *universitas literarum*.

Visto a importância que ele atribuiu para a literatura na formação dos psicanalistas, agora nos deteremos no texto em que Freud privilegia a obra e sua construção interna sem buscar respostas interpretativas na vida do autor. Portanto, na análise que Freud faz das obras literárias para subsidiar a teoria psicanalítica, o trabalho *Das Unheimliche (1919)* ganhou maior notoriedade, pois é nele em que o psicanalista manifesta um interesse supremo pela obra, *O homem da Areia* de E.T.A Hoffmann, sem relacionar a vida do autor. Por esse e outros motivos, ficou conhecido como o texto em que ele muda de perspectiva investigativa. Porém, Ernani Chaves pondera:

É claro que, na história controversa da recepção desses escritos, há uma exceção: *Das Unheimliche (1919)*, que passou a ser reconhecido como sendo o único texto de Freud que escaparia ao determinismo da vida sobre a obra. Como se depois de 1919 Freud tivesse mudado inteiramente de posição. O que, no mínimo, o texto sobre Dostoiévski, de 1929, desmente inteiramente. Assim, é como se o texto de 1919 introduzisse uma ruptura total, que favoreceria inteiramente as suas “inovações”, delegando, desse modo, tanto os escritos anteriores quanto os posteriores a um lugar secundário quase inteiramente à sombra. Nessa perspectiva conceitos importantes mobilizados naqueles textos, como os de identificação, sublimação, fantasia, projeção, escolha, lembrança encobridora, Eu, Supereu, pareciam nada dizer de muito importante aos psicanalistas, o mesmo valendo para o campo da Estética e da Filosofia da Arte (CHAVES, 2020, p. 11 e 12).

As múltiplas formas de Freud se aproximar da arte e da literatura demonstram não haver uma verdade última sobre esses campos, capaz de dizer tudo sobre eles. Por tanto, o psicanalista utilizou vários métodos, oscilando entre suas formas de analisar os assuntos dessa área, não obedecendo uma evolução cronológica. Pois, nos textos produzidos em períodos próximos podem ter contradições de ideias e até mesmo em um mesmo texto (AUTUORI E RINALDI, 2014). A relação de Freud com a arte e a literatura reflete algo do seu estilo como escritor, clínico e pesquisador, pois em sua obra as contradições não são camufladas, o próprio autor as coloca em cena, a construção da sua teoria foi dinâmica, sendo sempre questionada e modificada, pelo próprio autor, no decorrer de toda sua vida.

O texto, *Das Unheimliche*³ (1919) é um exemplo da dinamicidade do pensamento de Freud. Neste texto o autor investiga através dos exemplos da literatura fantástica o tema do *infamiliar*, retomando construtos teóricos importantes para a psicanálise, como: a castração, o recalque, o duplo e a sexualidade infantil. O autor contrasta as vivências com a realidade da ficção literária:

O infamiliar da ficção – da fantasia, da criação literária – merece, de fato, uma consideração à parte. Ele é, sobretudo, muito mais rico do que o infamiliar das vivências. Ele não só o abrange na sua totalidade, como é também aquele que não aparece sob as condições do vivido. O antagonismo entre recalcado e superado não pode ser transposto para o infamiliar da criação literária sem uma profunda modificação, uma vez que o reino da fantasia tem como pressuposto de sua legitimação o fato de que seu conteúdo foi dispensado da prova de realidade. O resultado paradoxal que ressoa aqui é que na criação literária não é infamiliar muito daquilo que o seria se ocorresse na vida e que na criação literária existem muitas possibilidades de atingir efeitos do infamiliar que não se aplica à vida (FREUD, 2020 [1919], p. 107).

A partir da relação do personagem Nathaniel com o Homem da Areia, aquele que arranca os olhos das crianças, Freud investiga sobre o tema do *Unheimliche*, palavra que ele extrai do cotidiano alemão e eleva a *status* de conceito psicanalítico:

[...] Então entendemos por que o uso da língua permitiu que o familiar deslizesse para seu oposto, o infamiliar, uma vez que esse infamiliar nada tem realmente de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento. Essa relação com o recalçamento também lança luz, agora à definição de Schelling, para quem o infamiliar seria algo que deveria permanecer oculto, mas veio à tona. (FREUD, 2020 [1919], p. 85 e 87).

O interesse dos analistas próximos a Freud pelo tema da literatura e da arte, evidencia que ele transmitiu que se tratava de um assunto caro à psicanálise. Contudo, alguns de seus discípulos restringiram as possibilidades de leitura, como os casos da prática da patografias e psicobiografias. A patografia é uma prática de análise literária expandida pelos psicanalistas, mas que já existia desde o final do século XIX, adotada, a princípio, por médicos psiquiatras. Ela visava estudar as obras de autores e filósofos renomados, como Baudelaire e Nietzsche, por exemplo, relacionando a obra com as experiências traumáticas do autor. Na psicanálise, esse gênero se fortalece com a associação da investigação da sexualidade e complexo de Édipo dos autores. O psicanalista René Laforgue é um dos principais exemplos, da união da patografia

³Em português adotaremos a tradução de Ermani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares pela editora Autêntica, por utilizarem um neologismo que se aproxima do conceito do texto original em alemão, “o infamiliar”.

com a psicanálise, com seu livro, publicado em 1931, *O fracasso de Baudelaire: um estudo psicanalítico sobre a obra de Charles Baudelaire* (CHAVES, 2020).

A patografia não se detinha ao texto literário, como fonte de leitura e interpretação por si mesmo, mas buscava encontrar respostas interpretativas para a obra em um possível diagnóstico do autor. Como discute Passos (1995), a literatura enquanto expressão, por exemplo, da neurose do autor, fica restrita a ilustração analítica, como uma descrição clínica, como é o caso do trabalho de René Laforgue.

Outro trabalho que seguia, em parte, essa vertente era a proposta da seguidora de Freud, Marie Bonaparte, sobre Edgar Allan Poe. O livro da escritora e psicanalista foi publicado em 1933, com título: *Estudo psicanalítico*. Ela segue na direção de relacionar vida e obra do autor, contudo Noel (1978) salienta que se trata de um material rico e não se restringiu a patografia, contendo características da psicobiografia, e, posteriormente sendo um material de interesse da psicocrítica.

A psicobiografia evidencia um avanço em relação a patografia, não tendo por objetivo diagnosticar o autor. Entretanto, “com a psicobiografia, paralelos entre atividade literária, biografia e motivações inconscientes insistem nas trilhas redutoras” (PASSOS, 1995, p. 17). Dentro das motivações inconscientes, a infância do escritor ganha um destaque, um trabalho de Freud que se aproximou dessa proposta de seus seguidores foi a análise do episódio da infância de Goethe. Alguns dos pós-freudianos que se destacaram nessa área foram: Jean Delay, Marie Bonaparte, Dominique Fernandez, Jean Laplanche e Marcel Moré. No trabalho de Laplanche, sobre Hölderlin havia um interesse na manifestação poética da loucura, com influências do ensino laciano, pelo interesse na simbolização do sujeito.

Noel (1978) faz um levantamento sobre a relação dos discípulos de Freud com a literatura. Ele descreve que nos primeiros cinquenta anos, após as publicações freudianas, os analistas adotaram predominantemente uma perspectiva de preocupação em relação ao autor. Contudo, houve outra face de análise literária que foi desenvolvida pelos seguidores de Freud, no caso, a psicocrítica:

Por sua vez, a psicocrítica (nome surgido em 1948) de Charles Mauron (1963), com suas superposições, metáforas obsedantes e a descoberta do mito pessoal do escritor, corporifica um avanço para os estudos literários, uma vez que o interesse primeiro é a obra, sua rede de imagens e estruturas. Em última instância, no entanto, os psicocríticos ainda recorrem a documentos referentes à vida, reiterando-se a problemática sujeição do literário a uma leitura que acaba atribuindo ao biográfico expressiva importância, esquecendo-se de pontuá-lo com um dos elementos da obra diluído em sua fatura (PASSOS, 1995, p. 18).

Isso comprova que Freud não estava interessado apenas em aspectos da vida dos autores, como alguns pós-freudianos enfocaram. Com as diferentes faces da relação freudiana com a literatura que apresentamos, buscamos evidenciar que limitá-lo a uma única abordagem com esse campo é empobrecer a contribuição multifacetada que ele deixou, como aponta Sousa:

Mesmo que Freud tenha evidenciado o quanto as particularidades da história de vida do artista reverberam nas formas de sua criação, não podemos deduzir daí que a vocação do método psicanalítico, no diálogo com a arte, fosse apenas de nos esclarecer sobre os processos psicopatológicos dos artistas. Freud era muito mais ambicioso. Ele trouxe uma nova contribuição sobre os motores da criação artística abrindo assim novas reflexões para o campo da estética (2020, p. 327 e 328).

Dos pós-freudianos, Lacan é um dos pioneiros a romper com a patografia, a psicobiografia e a psicocrítica. Ele tece uma outra relação com a literatura, não a utiliza como ilustração da clínica, não está interessado em diagnosticar o autor, nem em relacionar biografia e obra de maneira redutora. “Nas últimas décadas, Lacan é um dos mais atilados e instigantes leitores de Freud. Na esteira do mestre, em suas reflexões sobre certos conceitos, volta-se para o literário, retomando Sófocles, Shakespeare, Poe, Claudel e alcançando indiretamente, novo olhar para a relação Literatura e Psicanálise” (PASSOS, 1995, p. 18).

2. 2 A contribuição de Lacan para a relação da psicanálise com a literatura

Lacan se aproxima da mitologia para discorrer sobre questões da teoria psicanalítica, contudo ele não psicanalisa os personagens, mas extrai aspectos lógicos das narrativas, como por exemplo, a leitura que ele faz da *Antígona* relacionando ao desejo e a ética da psicanálise. Também nos momentos em que Lacan se deteve em escritores como Marguerite Duras e Joyce, percebe-se que ele não estava interessado nas questões edípicas deles, como foi o interesse de Freud ao se debruçar sobre alguns escritores.

[...] ao contrário de Freud, predominante temático em literatura, Lacan explora vertentes que dão corpo à realização da obra. Tais vertentes não surgem mais como ponto fixo de significação (caso do Édipo, da castração, da psicose, etc.), e, sim, virtual rearranjo de sentidos, rearranjo encontrado na rede de significantes, visando não a um dado externo ao texto, ou anterior a ele, mas à somatória possível de sentidos que operam por deslizamento, haja vista a mencionada noção de “rede” (PASSOS, 2009, p. 202).

Ele segue a pressuposto freudiano de que os artistas estão à frente dos psicanalistas, e que eles têm algo a ensinar à psicanálise. “Lacan, por sua vez, não aplicou a psicanálise nem à

arte, nem ao artista, mas não deixou de aplicar, por exemplo, a literatura à psicanálise, já que ela nos ensina sobre o saber fazer com a linguagem” (CALDAS, 2007, p. 15). Lacan se interessou pelo saber fazer dos artistas e escritores e o uso da linguagem, como demonstra o seminário 23, que contém a palestra intitulada "Joyce, o sintoma", proferida por Lacan em 1975, na Sorbonne. Em seu trabalho sobre James Joyce, Lacan considera que ele tenha conseguido através da sua escrita um efeito próximo ao tratamento psicanalítico: “O extraordinário é que Joyce o tenha conseguido, não sem Freud (embora não baste que o tenha lido), mas sem recorrer à experiência da análise (que talvez o tivesse engodado com um fim medíocre)” (LACAN, 2003, p. 566).

A perspectiva lacaniana sobre o texto de Joyce demonstra que seu interesse pela cultura é indissociável da psicanálise, da sua teoria e de sua clínica. É a partir dos impasses da clínica que ele dirige a atenção para as obras literárias, como as de James Joyce (MANDIL, 2003). Contudo, a dimensão clínica de Lacan não fez com que ele tratasse o texto e o autor como se fossem seus analisandos, sua posição diante da literatura é outra:

Sobre esse aspecto, cabe uma observação a respeito da maneira como Lacan se aproxima da obra de Joyce. Diferentemente de Freud, não se evidencia na perspectiva lacaniana qualquer preocupação a respeito das possibilidades da psicanálise como “ciência da literatura”. Isso, todavia, não o libera para uma leitura que se confunde com a mera aplicação dos conceitos da psicanálise, como se esses conceitos já estivessem definitivamente estabelecidos. A riqueza da leitura que Lacan faz da obra de Joyce reside, a meu ver, no fato de sua orientação da psicanálise ser também a de um *work in progress*, o que permite pensar seus conceitos e sua prática sujeitos a constantes reelaborações diante dos impasses ou das dificuldades que estão em seu caminho. Sabemos como é empobrecedor restringir os avanços da psicanálise sobre as obras literárias a uma ilustração de seus conceitos. Quando Lacan se aproxima da obra de Joyce, não o faz como mero “adorno” a suas elaborações, mas como alguém que tem a plena consciência, transmitida por Freud, de que a arte em geral, e a literatura em particular, como bem observa François Regnault (1993), participam da *organização* dos conceitos da psicanálise (MANDIL, 2003, p. 19 e 20).

É o que vemos, também, na abordagem Lacaniana da literatura de Marguerite Duras. Ele faz uma homenagem à escritora, pelo arrebatamento de Lol V. Stein, personagem do romance *O Deslumbramento*. Lacan percebe que a escritora francesa, sem a teoria psicanalítica, chega às questões que são do interesse da psicanálise, como a pulsão escópica. Ele fala da construção que ela faz sobre o enlaçamento da personagem através do olhar, a partir das parcerias amorosas que ela estabelece, e os desdobramentos disso na narrativa do romance. Contudo, ao reconhecer algo próximo a um saber psicanalítico, inconsciente, na escrita de Duras, ele alerta sobre não psicanalisar a escritora:

Penso que, apesar de Marguerite Duras me fazer saber por sua própria boca que não sabe, em toda a sua obra, de onde lhe veio Lol, e mesmo que eu pudesse vislumbrar, pelo que ela me diz, a frase posterior, a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é a de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede, e portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho. Foi precisamente isso que reconheci no arrebatamento de Lol V. Stein, onde Marguerite Duras revela saber sem mim aquilo que ensino. No que não diminuo em nada seu talento por apoiar minha crítica na virtude de seus meios. Que a prática da letra converge com o uso do inconsciente é tudo de que darei testemunho ao lhe prestar homenagem (LACAN, 2003, p. 200).

Em *Lituraterra*, Lacan (2003), mais uma vez, contrasta seu método de articulação entre psicanálise e literatura com os métodos praticados por outros psicanalistas. Ele critica a psicobiografia e aponta seus limites para trabalhar o texto. Ele usa, como exemplo para sustentar seu argumento, o conto *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe. Esse conto havia sido analisado por Marie Bonaparte em uma perspectiva psicobiográfica.

No conto de Poe, Lacan dá atenção ao automatismo de repetição, adotando recursos de escrituras, semelhantes aos de Barthes, conjugando sabor e saber. Ele se afasta da análise psicobiográfica e rejeita o tratamento que Freud deu às personagens. Se em *Gradiva*, Freud toma as personagens como pessoas a serem psicanalisadas, em *A carta roubada*, Lacan se afasta dessa abordagem e privilegia o deslocamento da cadeia simbólica e da modificação quando detém um significante textual que é, ao mesmo tempo, chave e ambíguo em francês: *lettre/carta*, letra (PASSOS, 2009).

A partir dessas contribuições freudianas e lacanianas para possibilidades de aproximação da psicanálise com a literatura, veremos agora outras propostas de métodos adotados por alguns psicanalistas e críticos literários contemporâneos que se ocupam da relação entre esses dois campos e as suas contribuições para pensar os tensionamentos e (des)encontros entre essas duas áreas.

2.3 As vertentes da psicanálise contemporânea e suas associações com a literatura

O psicanalista e pesquisador, Mandil (2005), ao investigar as aproximações entre literatura e psicanálise, adota a proposta de Borges de incluir um lugar para o impossível, pois considera haver um limite para a dimensão simbólica, logo o impossível seria o encontro com aquilo que não é possível representar. Tanto a literatura quanto a psicanálise lidam com tipos de impossíveis em suas práticas particulares e, também, no encontro entre esses dois campos.

Sendo assim, ele propõe que a relação entre essas duas áreas deve ser vista como produtos de uma invenção constante, oriunda de averiguação dos seus conceitos e fundamentos. A aproximação entre literatura e psicanálise deve abranger um esforço de atualização: “tanto em relação ao que se apresenta como desafio para a Literatura, quanto ao que se coloca como questão crucial para a prática analítica no mundo contemporâneo” (MANDIL, 2005, p. 46).

Uma possibilidade de convergência entre a psicanálise e a literatura é a noção de que se trata de formas de produção de texto, uma escrita, na literatura, e a outra através da associação livre, em análise que deve ser lida pelo psicanalista. Miranda (2005) propõem pensar o texto literário e o texto inconsciente, a partir do ensino de Lacan, como próximos, o que não significa idênticos e que a literatura altera a psicanálise, mas não a transforma em literatura, pois Freud e Lacan ao aproximar alguns textos aos seus ensinamentos, também marcam uma separação. Ruth Brandão ao comentar sobre “o E da questão”, quando se trata de pensar literatura e psicanálise e da alteridade de cada uma dessas áreas fomenta que: “Partimos da idéia de que o E não é sempre adição. Não se somam os saberes, eles se enlaçam, costuram-se, recortam-se. O E é também limite ou marca do indecível, impossibilidade de atravessar territórios heteróclitos. Litorais” (BRANDÃO, 2005, p. 5).

Diante das diferenças entre essas duas áreas, multiplicam-se as formas de abordá-las. Há uma vertente psicanalítica que recorre a literatura, na contemporaneidade, como possibilidade de abordar as ebulições culturais e sociais articuladas à clínica, como por exemplo, o trabalho da psicanalista Maria Rita Kehl. Ela propõe pensar a personagem Emma Bovary, de Gustave Flaubert, como paradigma da mulher durante a consolidação da cultura burguesa e suas contribuições para pensar as questões clínicas sobre a feminilidade e a maternidade.

Heloisa Caldas, em seu livro *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*, aborda o objeto voz a partir da literatura, com a obra de José Saramago, articulando com a clínica psicanalítica de orientação lacaniana. Ela busca comparar o fazer da literatura com o fazer da experiência analítica, pois ambas fazem uso da linguagem verbal, considerando que há algo da análise que se escreve e que algo da voz pode se incluir na escrita. O trabalho da psicanalista não se separa dos interesses culturais e de temas emergentes na contemporaneidade:

Para este trabalho, fazia-se necessária a interface entre a produção literária que propõem uma nova forma de dizer, proveniente do saber singular do escritor, e a produção que se dirige ao coletivo e tenta dar âmbito universal a esse saber singular. Acredito ter encontrado isso em José Saramago. Sua literatura está engajada nas questões da contemporaneidade; quase toda semana, em crônicas e artigos de jornal, ele se mete em questões políticas, sem deixar de nos

brindar, ano após ano, com um livro dedicado aos temas intrigantes da época (CALDAS, 2007, p. 24).

Outra vertente é a da literatura como possibilidade de pensar os mecanismos da clínica, como a proposta de trabalho da Lucia Castello Branco criando o neologismo psicanálise literária. “A psicanálise literária é uma expressão criada por Branco para fazer alusão à psicanálise que tem na letra o seu principal operador teórico e, na literatura, aliada à psicanálise, os fundamentos que sustentam essa prática da letra” (BRANCO E SOBRAL, 2022, p.20). A prática da letra é uma noção do ensino lacaniano e que está ligada também nas relações entre psicanálise e literatura, sendo de grande importância: “ora, a letra é o que faz borda entre uma e outra. É a letra o litoral que, como acontece com a água e a areia no oceano, permite que esses dois campos heterogêneos se encontrem e se toquem, deixando um pouco de um e levando um pouco do outro em um movimento contínuo e cuidadoso” (BRANCO E SOBRAL, 2022, p.21). No livro *O que é Psicanálise Literária?*, a criadora do neologismo esclarece que não visa esgotar a definição do termo e nem trazer uma explicação última, pois se trata de uma nomenclatura em desenvolvimento e construção. A psicanalista localiza que ele estaria se desenvolvendo desde seus primeiros trabalhos com a literatura e a psicanálise, por exemplo, em oficinas de escrita oferecidas para psicóticos, em 1991, projeto desenvolvido pelo CNPq: “Tais práticas, desenvolvidas até hoje, nos permitem dizer, então, que a psicanálise literária nasce do encontro da poesia com a psicose” (BRANCO E SOBRAL, 2022, p. 111). Ela relaciona o surgimento do termo com a sua pesquisa sobre o que Shoshana Felman fala sobre escrita, loucura e psicanálise a partir da abordagem lacaniana da literatura. Também se apoia na proposta de Shoshana Felman de uma psicanálise não mais aplicada ao texto, mas implicada. Outra característica ligada à psicanálise literária é a escrita: “[...] mas sobretudo a psicanálise literária como uma clínica do escrito e da escuta na direção de alguns trabalhos que, no campo da teoria literária, têm pensado a escuta como ressonância corporal e como um operador de leitura” (BRANCO E SOBRAL, 2022, p. 101).

Na gênese da criação desse neologismo para abordar as relações entre literatura e psicanálise, Lucia Castello Branco, em entrevista com Ayanne Sobral, diz que uma das suas motivações foi se afastar do binarismo causado por essa expressão:

Na verdade, minha primeira ideia ao formular a expressão “psicanálise literária” foi contribuir, de alguma forma, para sair de um certo binarismo que pode ser sugerido (e que sempre nos incomodou), pela ideia de “Literatura e Psicanálise”. Chegamos mesmo a propor, ainda com a coordenação da Ruth, um colóquio: “Literatura e Psicanálise: o e da questão”. Convidamos Eduardo Vidal, Jeferson Machado Pinto, Ana Maria Portugal e vários doutorandos da

linha de pesquisa. Cada um fez um texto bem interessante, problematizando este “e”, essa conjunção aditiva. E minha ideia, ao propor a psicanálise literária, era justamente eliminar a aditiva, enfatizando um certo atrito entre esses dois campos, não sem alguma ironia. Pois a ideia também passava por “psicanálise freudiana”, “psicanálise literária” (BRANCO E SOBRAL, 2022, p. 62).

Uma outra perspectiva de enlaçamento da psicanálise com a literatura, é a da crítica literária psicanalítica como uma disciplina circunscrita dentro da teoria e crítica literária, que como discorre Bartucci atualmente tem mudado seus interesses e métodos:

Se, anteriormente, privilegiava uma leitura preocupada em captar as motivações do autor, dando lugar a uma interpretação psicopatologizante do texto, a uma psicografia, ou mesmo ao exame da construção textual a partir da primazia do significante, hoje distingue-se por privilegiar, na enunciação, indícios de transformação do elemento extraliterário. Isto implica que tal crítica, ao indagar-se acerca da possibilidade efetiva de uma crítica literária psicanalítica, privilegie a discussão sobre o método psicanalítico de pesquisa do inconsciente – o método interpretativo aplicado ao texto. [...] Assim, o crítico psicanalista não lê o texto, ele o “desliga”, a partir das marcas que permanecem visíveis ao seu “olhar-escuta”. Neste redimensionamento da noção de interpretação, ainda que conservando o caráter “flutuante” que define a escuta psicanalítica, o que distinguiria a posição do crítico psicanalista seria a sua capacidade para trabalhar a partir dos inúmeros deslocamentos provocados pelo texto em seu próprio desejo (BARTUCCI, 2001, p. 32 e 33).

Shoshana Felman é uma das críticas literárias contemporâneas que segue essa perspectiva de relação da psicanálise com a literatura. Ela foi influenciada pelo ensino de Lacan, frequentou seus seminários e teve uma relação próxima a ele, que esteve na *Vale University* a seu convite. Partindo do ensino lacaniano, enquanto professora e pesquisadora, ela se dedicou a estudar as confluências entre literatura e psicanálise. Em um de seus trabalhos, ela analisa a obra *A volta do parafuso* de Henry James, tecendo críticas a exegese psicanalítica do texto, por parte do crítico Edmund Wilson, que tem uma abordagem de diagnosticar a narrativa, restringindo as possibilidades de interpretação:

[...] É, entretanto, o que parece que Wilson faz, na medida em que repete o gesto da governanta; é, então, precisamente, o que faz a psicanálise, todas as vezes em que cede à tentação do diagnóstico, à tentação de indicar, de mostrar ou de situar justamente a loucura na literatura, acreditando chegar ao ponto de “explicar” o sintoma mesmo do fenômeno literário. A psicanálise, como a governanta, somente diagnostica a literatura para se justificar para garantir seu controle de sentido – para denegar sua própria leitura (FELMAN, 2020, p. 265).

Felman se opõe a postura psicanalítica diante da literatura que se coloca como dominadora dela, tentando explicar o texto, controlando seu sentido, em uma posição de maestria e eliminando a reserva de silêncio do texto, “o que especificamente – no interior da palavra – não sabe falar; matando o silêncio mesmo da palavra por excelência literária – de uma palavra que não sabe dizer o que ela sabe –, é a psicanálise que acaba, paradoxalmente, por recalcar o inconsciente que ela ‘explica’” (FELMAN, 2020, p. 263).

A professora e crítica literária adverte de que quando a psicanálise se coloca na posição de maestria diante da literatura, para dominá-la, ela tende a ficar cega diante do texto e que narrativas como a de Henry James, *A volta do parafuso*, tendem a serem uma armadilha para esse tipo de interpretação psicanalítica que fracassa. Contra essa necessidade de diagnóstico e interpretação excessiva da narrativa, ela propõe o conceito: a coisa literária. Sendo aquilo, no texto, que resiste à interpretação, um ponto de irredutibilidade. Sendo assim, ela subverte a noção de loucura, na relação da psicanálise com a literatura, não como um diagnóstico, mas como uma resistência à interpretação.

A loucura, em outros termos (como a coisa literária), não consiste nem em sentido, nem em não sentido; ela não é um significado último, igualmente em falta ou disseminado que se pudesse imaginar, nem mesmo um significante último que resiste à decifração exaustiva, e sim um tipo de ritmo imprevisível, incalculável, inarticulável, mas estritamente narrável, através da narrativa do deslizamento de uma leitura entre o muito-pleno-de-sentido e o muito-vazio-de-sentido. Toda leitura é uma narrativa ritmada pela retórica de sua falta-a-dizer sobre sua relação com o texto e com a loucura do texto. [...] Quanto mais um texto é “louco” – em outros termos, quanto mais ele resiste à interpretação –, mas são os modos específicos de sua própria resistência à leitura que constituem seu “sujeito” e sua literariedade. O que a coisa literária, em cada texto, nos conta é precisamente, a especificidade mesma de sua resistência à nossa leitura (FELMAN, 2020, p. 296).

A proposta de aproximação da psicanálise com a literatura por parte de Shoshana Felman demonstra uma ruptura com algumas práticas freudianas e de alguns pós-freudianos de uma busca exaustiva por uma interpretação última para o texto, determinista, diagnosticando o autor e personagens das obras literárias. Com o neologismo “a coisa literária”, ela reconhece um limite da psicanálise diante das obras literárias, recuando de uma interpretação selvagem e de uma postura de supremacia psicanalítica diante da literatura. Portanto, respeitando as especificidades literárias e reconhecendo que a psicanálise tem a aprender com a literatura.

Ainda nessa direção, Cleusa Rios P. Passos tem desenvolvido um trabalho sólido nas trilhas da crítica literária psicanalítica, também embasada em uma leitura lacaniana. Ela discutiu em seus trabalhos os limites entre as possibilidades da psicanálise com a literatura,

considerando que a literatura não pode perder aquilo que lhe é próprio por conta de outro saber. Ela considera que as trocas entre os dois campos devem trazer ganho para as duas áreas em sua dimensão cultural.

Passos (1995) articula as confluências da literatura com a psicanálise com a noção barthesiana, do texto literário como um tecido de significantes, no qual giram saberes diversos. Sendo o psicanalítico, um deles. Ela considera que o lugar da psicanálise nesse campo é indireto, pois o texto literário ocupa o primeiro lugar e que a relação entre as duas áreas pode ter uma forma dupla: a psicanálise pode lançar luz sobre alguns pontos da obra literária, e essa, por sua vez, pode reafirmar a dimensão cultural da psicanálise.

Após percorrer esse breve panorama da relação da psicanálise com a literatura, no próximo capítulo, abordaremos a maternidade e a feminilidade em uma perspectiva psicanalítica, pois julgamos essas noções essenciais para a proposta de análise dessa pesquisa, uma vez que a psicanálise se interessa pelas ambivalências que constituem a construção da maternidade e feminilidade. No que diz respeito a esse assunto, Lacan contribui para repensar a associação natural entre a figura da mulher e da mãe, indicando que a cisão entre essas duas figuras, pode fomentar conflitos. Essa perspectiva coaduna com os desdobramentos da narrativa de *A filha perdida*.

3. A FEMINILIDADE E A MATERNIDADE NA PSICANÁLISE

O corpo de mãe tem o filho como litoral. E o corpo de mulher?

Fernanda Leal

Neste capítulo, perscrutamos como o tema da feminilidade e da maternidade são concebidos pela psicanálise desde Freud, em seus primeiros estudos sobre as mulheres, as contribuições de Lacan, Miller e de psicanalistas como Juliet Mitchell, Françoise Dolto, Maria Rita Kehl, Marie-Hélène Brousse, Graciela Bessa, Michèle Benhaïm, Colette Soler, Elisabeth Roudinesco, Thaís Becker de Campos, Monah Winograd, entre outros. Acreditamos que essas contribuições se mostram relevantes para fomentar as discussões que apresentaremos no capítulo cinco, ao analisarmos as personagens do romance *A filha perdida*.

A psicanálise é responsável por romper com alguns tabus da época em que Freud vivia, pois o tema da sexualidade, em especial das mulheres, eram conteúdos velados. Porém, cabe ressaltar que, naturalmente, o primeiro psicanalista teve algumas limitações no tocante a sexualidade feminina, o que gerou uma série de críticas à psicanálise por reafirmar estereótipos, entre eles, a leitura dos textos de Freud que indicam uma equivalência entre o desenvolvimento da feminilidade e da maternidade. Nesse ponto, Lacan é importante para fazer uma separação entre a figura da mulher e da mãe, rompendo com essa correlação.

3.1 Freud: dos impasses com o Complexo de Édipo ao laço pré-edipiano da menina com a mãe

Freud toma a sexualidade masculina, o Édipo no menino, como parâmetro para pensar a sexualidade feminina. Contudo, encontra alguns impasses devido às diferenças da constituição feminina da masculina. Até o final de sua vida, ele percebe a mulher como enigma, devido aos obstáculos que enfrentou ao se debruçar sobre esse assunto. Iannini e Tavares (2018, p. 272) consideram que: “a “obscuridade” acerca da vida sexual das mulheres, assim como a “incompletude” de suas próprias investigações sobre o tema, foi um *leitmotiv* da obra de Freud, desde pelo menos os *Três ensaios sobre a teoria sexual (1905)*”.

No texto de 1916, *Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*, o psicanalista descreve as fases do desenvolvimento sexual infantil e ao detalhar sobre o Complexo de Édipo, ele não faz distinção do caso da menina para o do menino:

Como os senhores perceberam, só descrevi a relação do menino com o pai e a mãe. Para a menininha, ela configura, com as necessárias modificações, de maneira bem parecida. A ligação carinhosa com o pai, a necessidade de eliminar a mãe como supérflua e assumir seu lugar, um coquetismo já elaborado com os meios da posterior feminilidade, oferecem, justamente na menininha, um quadro gracioso, que nos faz esquecer a seriedade e as possíveis consequências graves que se escondem por trás dessa situação infantil (FREUD, 2018 [1916], p. 227).

Nesse mesmo trabalho, ele se refere ao Complexo de Édipo como a escolha da mãe como objeto amoroso, porém não explica como isso acontece no Complexo de Édipo feminino, pois essa etapa dos seus estudos só será alcançada nos textos sobre a feminilidade de 1930 e 1931, como veremos mais adiante. Antes, em um texto de 1923, *Organização genital infantil*, Freud vai discorrer sobre o complexo de castração, sendo uma representação de perda associada ao genital masculino que terá, a partir da diferença anatômica, consequências subjetivas para o menino e a menina. Ele considera que, para ambos os sexos, existe apenas o genital masculino, nomeando de primado do falo. Logo, ele declara que a falta de pênis na mulher está atrelada a uma depreciação e a disposição à homossexualidade. Ainda que ele faça essas afirmações sobre essas consequências no desenvolvimento da feminilidade na mulher, por outro lado, ele diz que: “Infelizmente, só podemos descrever essas relações para o menino; falta-nos o conhecimento para os processos correspondentes na menininha” (FREUD, 2018 [1923], p. 239).

Ao retomar o assunto, no texto *O declínio do Complexo de Édipo* (1924), agora com ênfase no processo de dissolução edipiana, ele encontra mais uma vez impasses para descrever sobre o desenvolvimento sexual feminino, declarando que no caso da menina esse material é incompreensível, obscuro e lacunar. A partir da diferença anatômica genital, ele vai nomear o complexo de masculinidade da mulher, que seria a expectativa de menina de ser restituída futuramente com um órgão genital semelhante ao do menino. Portanto ele vai dizer que tem uma diferença crucial: “a menina aceita a castração como um fato consumado, enquanto o menino teme pela possibilidade de sua consumação” (FREUD, 2018 [1924], p. 253).

A teoria freudiana sobre a dissolução do Édipo na menina vai indicar uma saída simbólica, na equação: a substituição do pênis por um bebê do pai e que esse desejo como o desejo de ter um pênis, continuam no inconsciente e são responsáveis de preparar o ser feminino para o desenvolvimento da feminilidade. Ainda que construa essas explicações, Freud parece não se dar por satisfeito, pois conclui dizendo, mais uma vez, que: “De modo geral, no entanto, precisamos admitir que nossa compreensão desses processos de desenvolvimento na menina é insatisfatória, lacunar e vaga” (FREUD, 2018 [1924], p. 254).

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), Freud vai indicar alguns pontos de virada importantes em sua concepção sobre a sexualidade feminina, que anuncia vertentes que serão aprofundadas em trabalhos posteriores. Ele assume, outra vez, as limitações de suas pesquisas anteriores sobre a sexualidade feminina:

Quando investigamos as primeiras formações psíquicas da vida sexual na criança, tomamos geralmente como objeto a criança de sexo masculino, o menino. Achávamos que no caso da menina tinha de ser semelhante, mesmo que diferente de alguma maneira. O que não ficou claramente determinado foi o ponto do processo de desenvolvimento em que se encontraria essa distinção (FREUD, 2018 [1925], p. 261).

O ponto de distinção relevante que Freud reconhece, pela primeira vez, nesse trabalho, é que o Complexo de Édipo na menina é secundário, pois primeiramente ela passa por uma fase pré-edípica em que a mãe foi o primeiro objeto amoroso. Ele indaga como ocorre a transição da mãe como objeto de amor para o pai, na menina. Ele vai elucidar que isso ocorre devido a inveja do pênis, pois a menina responsabiliza a mãe pelo que considera lhe faltar, consequentemente, ela diminui a ternura dirigida à mãe. Além disso, a teoria freudiana afirma que existem outras três respostas à inferioridade do pênis vivida pela menina, como formação reativa o complexo de masculinidade, que se não for superado pela mulher trará dificuldades para desenvolver a feminilidade. Outra resposta seria o sentimento de inferioridade como cicatriz da ferida narcísica que se estabelece na mulher. A última consequência da inveja do pênis, que ele considera a mais importante de todas, seria a renúncia à sexualidade clitoriana: “Dessa maneira, o conhecimento da diferença anatômica entre os sexos força a menina a afastar-se da masculinidade e do onanismo masculino por novas vias, que levam ao desdobramento da feminilidade” (FREUD, 2018 [1925], p. 268).

Por fim, outra distinção importante que Freud vai descrever, nesse texto, sobre a diferença entre a constituição masculina e feminina, é a formação do Supereu como herdeiro do Complexo de Édipo. No caso do menino, ele dissolve o Complexo de Édipo pelo complexo de castração, já a menina é introduzida na narrativa edípica pelo complexo de castração. Logo, ele vai concluir que na menina faltam motivos para a destruição do Complexo de Édipo:

A castração já produziu antes seu efeito, que constituiu em forçar a criança na situação do complexo de Édipo. Por isso, este foge ao destino que lhe está preparado no caso do menino; ele pode ser abandonado lentamente, ser resolvido por recalamento e deslocar seus efeitos amplamente na vida anímica normal da mulher. Hesitamos em afirmá-lo, mas não podemos nos defender da ideia de que o nível do que é eticamente normal é diferente para a mulher. O Supereu nunca se torna tão implacável, tão impessoal, tão

independente de suas origens afetivas como o exigimos do homem (FREUD, 2018 [1925], p. 270).

Em 1931, em *Sobre a sexualidade feminina*, Freud retoma os aspectos do Édipo feminino e da constituição da feminilidade, que ele havia anunciado no texto de 1925, aprofundando alguns pontos. Duas questões principais norteiam a pesquisa que ele lança mão nesse texto: considerando que a menina também concebe a mãe como primeiro objeto amoroso, como ela muda para o pai como objeto; e, quando e o que a leva a se desligar da mãe. O psicanalista também considera se há relação entre essa transformação de objeto amoroso e o abandono, na sexualidade feminina, da zona genital original, o clitóris, para a vagina. Para sustentar essa investigação, ele reconhece que é preciso abandonar o paralelismo entre a sexualidade masculina e a feminina: “Há muito tempo abandonamos todas as expectativas de um paralelismo claro entre o desenvolvimento masculino e o feminino” (FREUD, 2018 [1930], p. 287). Logo, enfatiza a importância da ligação pré-edípica da menina com a mãe, argumentando que anteriormente havia subestimado a duração dessa fase e que se trata de uma relação rica e multifacetada. Sendo que algumas pessoas do sexo feminino ficam presas a essa relação primária com a mãe sem nunca conseguir uma transição em direção ao homem: “Assim sendo, a fase pré-edípica da mulher alcança uma importância que até então não lhe havíamos atribuído” (FREUD, 2018 [1930], p. 286).

Outro ponto que ganha relevância para Freud, no desenvolvimento da sexualidade feminina, é a transposição das ligações afetivas da mãe como objeto e depois para o pai como objeto, pois ele considera que esse seria o fator principal que leva ao desenvolvimento da feminilidade. Sendo assim, ele investiga os motivos que favoreceriam esse deslocamento de objeto. Ele considera como motivos de hostilidade dirigidas à mãe: a acusação que a menina dirige a mãe como responsável por não ter um órgão como o masculino, que não a amou o suficiente e da maneira adequada e, ainda, a proibição da satisfação autoerótica clitoriana. Contudo, ele destaca que esses motivos não seriam suficientes, pois fazem parte de forma geral das consequências da sexualidade infantil. Logo, ele propõe como motivo principal a ambivalência da ligação da menina com a mãe: “Talvez seja melhor dizer que a ligação com a mãe precisa acabar, justamente por ser a primeira e tão intensa [...]” (FREUD, 2018 [1930], p. 297). Ele vai compreender esse afastamento da mãe de suma importância para a virada à feminilidade, pois não se trata apenas da mudança de objeto. Juntamente com as motivações que levam a menina a se afastar da mãe em direção a figura do pai, ele vai acrescentar o papel das moções sexuais ativas e passivas. Nessa passagem de objeto, a menina muda da atividade sexual para passividade:

Certamente os anseios ativos foram mais fortemente atingidos pelo impedimento (*Versagung*), demonstram ser completamente inviáveis e por isso também são mais facilmente abandonados pela libido, mas também do lado dos anseios passivos não faltam decepções. Com o afastamento em relação à mãe, também cessa a masturbação clitoriana e, bastante, frequentemente, com o recalçamento da masculinidade progressiva da menininha, uma boa parte do seu anseio sexual fica permanentemente danificado. A passagem ao pai como objeto é realizada com auxílio dos anseios passivos, na medida em que estes escaparam à reviravolta. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora livre para a menina, desde que não seja limitado pelos restos da superada ligação pré-edípica à mãe (FREUD, 2018 [1930], p. 303).

A conferência de 1933, intitulada *A feminilidade*, tem estreita relação com o texto de 1930, nela Freud complementa a explicação sobre a fase pré-edípica na menina e sua importância para a construção da feminilidade, que continua a considerar como enigma que merece a atenção dos psicanalistas. Ele salienta que a masculinidade e a feminilidade não são apreendidas pela anatomia. O que releva que Freud fez uma distinção entre fêmea e macho, que são ligados a biologia, e masculinidade e feminilidade como construções subjetivas e singulares.

Dessas elucidações que ele faz, a questão das metas passivas na sexualidade feminina é um ponto importante, pois ele esclarece que não é equivalente de passividade. O que pode gerar um equívoco nesse ponto da teoria freudiana, além disso, ele considera a influência cultural e da educação nesse traço feminino:

Poderíamos pensar em caracterizar psicologicamente a feminilidade através da preferência por metas passivas. Naturalmente, isso não é a mesma coisa que passividade; é preciso uma grande porção de atividade para que uma meta passiva se estabeleça. Talvez isso ocorra de tal maneira que no caso da mulher, por sua participação na função sexual, ela estenda para outras esferas de sua vida uma preferência, mais ou menos ampla, pela conduta passiva e por anseios de meta passiva, conforme modelo de vida sexual se limite ou se amplie. Devemos, contudo, atentar para que a influência das normas sociais não seja subestimada, normas que, de forma semelhante, forcem a mulher para situações passivas (FREUD, 2018 [1931], p. 317-318).

Ele não descarta as questões sociais e culturais que podem incidir na constituição da feminilidade, e coloca o acento do interesse da psicanálise na questão singular do tornar-se mulher e não na tentativa impossível de responder o que vem a ser uma mulher. Nesse processo da menina à construção da feminilidade, ele vai destacar, mais uma vez, a importância das duas tarefas de viragem que tornam a sexualidade feminina mais complicada que a do menino: a da

zona erógena do clitóris para a vagina e a transição de objeto amoroso da mãe para o pai. Tarefas que constituem para ele a saída da fase masculina para a fase feminina do Édipo:

[...] Sabíamos, naturalmente, que teria havido um estágio preliminar de ligação com a mãe, mas não sabíamos que ele poderia ter um conteúdo tão rico, durar tanto tempo e deixar atrás de si tantas ocasiões para fixações e predisposições. Durante esse tempo, o pai é apenas um rival incômodo; em alguns casos, a ligação com a mãe vai além do quarto ano de vida. Quase tudo o que encontramos mais tarde na ligação com o pai já estava presente nela, e depois foi transferido para o pai. Em suma, ganhamos a impressão de que não podemos entender a mulher, se não considerarmos essa fase da *ligação pré-édipica com a mãe* (FREUD, 2018 [1931], p. 322).

Nessa fase de rica e intensa ligação libidinal com a mãe, Freud vai considerar que ela pode ser das mais diversas formas, manifestando-se através de desejos orais, sádicos, anais e fálicos, perpassando as três fases de desenvolvimento sexual infantil. Ela contém moções tanto passivas quanto ativas, e tem um caráter ambivalente. O que vai explicar o desligamento da menina com a mãe e a relação libidinal transferida para o pai.

Na investigação sobre o que contribui para pôr fim a intensa ligação da menina com sua mãe e se dirigir ao pai, Freud vai listar algumas questões, como: a demanda do leite materno ter sido insuficiente, a reclamação sobre uma outra criança com quem a mãe divide a atenção, e queixas sobre a insuficiência de outros cuidados maternos. Os desejos infantis não satisfeitos pela mãe são a fonte de hostilidade da criança. Contudo, Freud ratifica que isso também pode acontecer com o menino e não é motivo para ele, no Complexo de Édipo, querer se desligar da mãe.

Por isso, ele conclui que no caso da menina existem motivos a mais para dirigir hostilidade contra a mãe, até chegar ao ponto de mudar de objeto para o pai. Sendo eles, a recriminação da mãe na fase fálica contra a satisfação autoerótica da menina e a responsabilidade que ela atribui a mãe pelo órgão que lhe falta, sendo sua resposta ao complexo de castração. Neste ponto cabe um esclarecimento, para Freud masculino e feminino não equivalem a anatomia, como destaca a psicanalista Kuss (2021), a ausência inscrita na mulher não é anatômica, mas significante. Ela elucida mais esse ponto dizendo que:

Freud entende, então, que a proporção em que masculino e feminino se misturam, varia a cada caso. Faz-se fundamental destacar esse trecho afim de não cairmos na superficialidade de fazer equivaler o masculino à presença de genes sexuais XY e o feminino ao XX, uma vez que, para o psicanalista vienense, não há anatomia que garanta uma posição sexuada do sujeito, ainda que a anatomia conduza a um destino. Já vimos que tanto Freud quanto Lacan nos ensinam que não há inscrição para diferença sexual no inconsciente, o que

leva a entender que o que faz com que a menina tão primariamente hostilize a mãe, é menos a sua anatomia e mais uma posição de identificação com a posição de faltante que a mãe ocupa nela (KUSS, 2021, p. 83).

Freud vai assinalar as três possíveis saídas da menina diante do descobrimento da própria castração: inibição sexual ou neurose, complexo de masculinidade e, a terceira saída possível, a feminilidade normal. Essa última ocorre pela equivalência simbólica do deslizamento do desejo do pênis para o desejo do filho:

Com o abandono da masturbação clitoriana, renuncia-se a uma parte de atividade. Agora prevalece a passividade, e a viragem em direção ao pai se realiza predominantemente com o auxílio de moções pulsionais passivas. Vocês percebem que um impacto como esse no desenvolvimento, que remove a atividade fálica do caminho, aplaina o terreno da feminilidade. Se nesse caso não se perde muito com o recalçamento, essa feminilidade pode vir a ser normal. O desejo com o qual a menina se volta para o pai é, sem dúvida, originalmente, o desejo do pênis que a mãe lhe negou, e que ela agora espera do pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo do filho, portanto, se o filho entra no lugar do pênis, de acordo com uma velha equivalência simbólica (FREUD, 2018 [1931], p. 333).

Como veremos mais adiante, sobre a questão específica da maternidade para psicanálise, há uma contradição e uma limitação na saída que Freud aponta para a feminilidade com o desejo pelo filho no lugar do pênis. Pois, não seria uma remoção da atividade fálica, o desejo pelo filho seria uma saída fálica atrelada a perspectiva masculina. Cabe, portanto, reler e questionar a teoria freudiana sobre a feminilidade, pois ele mesmo confessa, ao final dessa conferência, que se trata de um saber incompleto e fragmentário e indica que as próprias experiências de vida ou os poetas possam dizer mais sobre a feminilidade.

Esses pontos problemáticos na obra de Freud sobre a constituição da feminilidade estão atrelados, como enfatiza a psicanalista e feminista Juliet Mitchell (1988), a sociedade patriarcal que ele estava revelando e analisando através das formações psicológicas. Ela considera que o texto de Freud de 1925, que discutiremos anteriormente, *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, é uma chave para compreender as opressões que as mulheres estavam submetidas no patriarcado. Pois, ela considera que o complexo de Édipo revela o poder do pai e o patriarcado significa a importância do pai.

3.2 A mãe e a mulher: uma leitura Lacaniana da teoria freudiana

Alguns psicanalistas pós-freudianos puderam retomar esses impasses na obra de Freud e avançar com outras possibilidades teóricas para os entraves do Édipo feminino e a constituição

da feminilidade. Lacan (1958) vai fazer uma releitura do Édipo freudiano, propondo três tempos lógicos do complexo do Édipo, e o falo como significante do desejo diferenciando do órgão, o pênis. Outro avanço importante na compreensão lacaniana do complexo do Édipo, é sobre o pai que não se limita ao pai biológico, mas a função paterna, o Nome-do-pai que pode ser exercida por outras instâncias que fazem a interdição na relação da mãe com a criança:

Sabemos que a função do pai, o Nome-do-pai, está ligada à proibição do incesto, mas ninguém jamais pensou em colocar no primeiro plano do complexo de castração o fato de pai promulgar efetivamente a lei da proibição do incesto. Às vezes o dizemos, mas isso nunca é proferido pelo pai, digamos, como legislador ex cathedra. Ele é um obstáculo entre o filho e a mãe, é o portador da lei, mas isso de direito, ao passo que, nos fatos, intervém de outra maneira, e é também de outra maneira que se manifesta a falta de sua intervenção (LACAN, 1958, p. 194).

Para Lacan, o Édipo se desdobra em torno das questões relativas à dialética do desejo. A forma como cada criança irá se colocar diante do desejo da mãe e do Nome-do-Pai, constitui um ponto crucial para a subjetivação do sujeito, incluindo as questões relativas à sexualidade. No primeiro tempo do Édipo, o sujeito se identifica com o objeto de desejo da mãe, ela busca ser o falo. No segundo tempo, o pai age como privador da mãe, desvinculando o sujeito da sua identificação. No terceiro tempo, o pai intervém como aquele possui o falo. “É por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo, e não que o é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais como objeto do qual o pai pode privar” (LACAN, 1958, p. 200).

O terceiro tempo é responsável pelo declínio do complexo de Édipo, Lacan vai diferenciar o desfecho do Édipo masculino e do feminino. Ao contrário de Freud que salienta a maternidade como saída para a feminilidade, Lacan vai destacar que há algo de extraviado na feminilidade, pois as mulheres não se restringem a solução fálica:

Também lhes saliento que o desfecho do complexo de Édipo, como todos sabem, é diferente na mulher. Para ela, como efeito, essa terceira etapa, como sublinha Freud – leiam seu artigo sobre o declínio do Édipo –, é muito mais simples. Ela não tem de fazer essa identificação nem guardar esse título de direito à virilidade. Ela, a mulher, sabe onde ele está, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado pai, e vai em direção àquele que o tem. Isso também indica por que uma feminilidade, uma feminilidade verdadeira, tem sempre o toque de uma dimensão de álibi. Nas verdadeiras mulheres há sempre algo meio extraviado (LACAN, 1958, p. 202).

Massara (2014) empreende uma pesquisa sobre a proposta de Lacan do extravio na mulher na constituição de sua feminilidade. Ela afirma que o extravio seria um desvio diante do falo

para o não simbolizável, portanto o que levaria a reconhecer uma mulher é algo nela que ultrapassa o falo: “Conclui-se que a passagem da menina pelo Édipo pode produzir esse elemento que se extravía da estrutura proposta. Diante de uma falta do significante do que viria a ser a mulher, pode-se desviar do falo em alguma medida, como efeito do desgarramento feminino em relação ao simbólico” (MASSARA, 2014, p. 25).

A pesquisadora comenta que as verdadeiras mulheres rompem com as duas possibilidades que Lacan propõe para a mulher existir falicamente: a mãe e a Dama do amor cortês. Entretanto, essas mulheres não extraviam totalmente com o simbólico, elas ocupam dois lugares diante do falo, dentro e fora da linguagem. Diante do Édipo, a mulher de verdade não se enquadra totalmente na estrutura edipiana sobre a sexualidade, por isso ficam restos sem simbolização:

A ideia de que a feminilidade tem uma dimensão de *álibi* parte do pressuposto de que buscar pelo falo ou por algum objeto que o substitua é legítimo no caso da mulher, já que ela não o possui. Se uma mulher não tem o objeto que, de saída, lhe falta, não há nada mais compreensível do que os desvios que se produzem no curso de seu desenvolvimento em razão dessa falta e em consequência dessa busca. Se, por um lado, o complexo de castração põe termo ao Édipo do menino, para a menina, inicia-se aí uma busca eterna para contornar essa falta. Os extravios ocorrem no momento em que, ao se deparar com a castração, a menina se debate para achar uma solução para sua sexualidade (MASSARA, 2014, p. 30).

Por conta desse extravio característico da mulher, Lacan vai propor no seminário 20 que a mulher vai estar situada no lado direito do quadro da sexuação. Do lado esquerdo temos a posição fálica e masculina, porém do lado feminino do quadro, as mulheres irão situar-se numa posição não-toda fálica. A posição fálica admite conjunto e universalidade, porém a posição não-toda fálica remete a singularidade da posição feminina: “Além disso, é impropriamente que o chamamos *a* mulher, pois, como sublinhei da última vez, a partir do momento em que ele se enuncia pelo não-todo, não pode se escrever. Aqui o artigo *a* só existe barrado” (LACAN, 1973, p. 86 e 87).

Logo, Lacan vai afirmar que *A* mulher não existe, enquanto um conjunto universal, justamente, por não haver um representante inconsciente para a mulher, como no caso da posição masculina, haver o falo. Diante disso, ele situa a posição feminina como invenção, pois algo nas mulheres extravía da posição fálica. A psicanalista, Marie-Hélène Brousse, em uma entrevista, elucida pontos importantes desse dito lacaniano:

Essa fórmula: “A mulher não existe” não deve então nunca, em caso algum, ser lida como “Não há feminino”. Trata-se do contrário, o que quer dizer que *A* mulher, enquanto universal, não existe: há gozo feminino que não responde

à lógica do universal, daí o fato de Lacan barrar o “A” que marca justamente a universalidade, assim como ele pode barrar o “M” de mulher no sentido da Mulher em maiúscula... O ideal feminino, que é apenas um dos aspectos do falo, o ideal feminino, que é apenas um dos modos de aparição das insígnias fálicas erigidas. Então, não é de modo algum uma definição do feminino do lado do ideal, se vocês quiserem, não é também uma definição do feminino do lado da identificação a um traço, a uma marca. Não é isso (BROUSSE, 2012, p. 19 e 20).

Ainda sobre essa questão sobre as mulheres não estarem totalmente inscritas na ordem fálica, a psicanalista relaciona à proposição lacaniana do gozo feminino, pois trata-se de um gozo que não está ligado às representações e a ordem significante. Logo, é uma posição feminina que está para além da função paterna: “Ou seja, o feminino enquanto não inteiramente contido na função do Nome-do-Pai, função esta que Lacan considera, com Freud, que enuncia em termos edípicos, como o centro e o pivô do funcionamento simbólico. Portanto, um gozo não totalmente simbolizável que escapa ao processo de simbolização” (BROUSSE, 2012, p. 19). Portanto, ela considera que a proposta de Lacan sobre o feminino é um mais além do Édipo, não exclui o Édipo, mas não se restringe a ele. O que vai permitir situar que o gozo feminino não se define em critérios de poder, em termos de grupos, de emblema ou identificação. E ele não é reivindicável, pois tudo que é da ordem da reivindicação se coloca do lado do falo.

3.3 Outras contribuições psicanalíticas sobre a maternidade e a feminilidade

Miller (2010), ao retomar as formulações lacanianas sobre as mulheres, vai declarar que elas são mais amigas do real, justamente pela relação que elas têm com a castração, as diferenciando dos homens nesse quesito: “Em todo caso, é desse modo que elas se inscrevem na literatura psicanalítica e por isso mesmo justificaria a expressão – também arriscada – de *amigas do real*” (Miller, 2010, p. 2). Uma parte da constituição feminina não é recoberta pelo simbólico, através da significação fálica, portanto elas têm mais intimidade que os homens com o registro do real.

Como já anunciamos desde o início deste capítulo, esta articulação que Lacan faz entre a subjetivação feminina e sua posição com esses registros (real e simbólico) é importante para a separação entre a figura da mulher e da mãe. Pois, longe da figura da mãe ser uma forma de responder o que é ser uma mulher, ela é para psicanálise lacaniana uma função entrelaçada ao desejo, como aprofundaremos mais adiante. Além disso, a mãe está situada do lado fálico do quadro da sexualização e não responde ao ser da mulher, pois é uma posição do lado do ter.

Transforma-se em mãe, no outro da demanda, é se transformar naquela que tem, por excelência. “Transformar-se em mãe é a solução para a posição feminina?” é a pergunta que permanece aberta. Podemos dizer que se trata de uma solução do lado do ter, e que não é seguro que Freud tenha elaborado outra solução para as mulheres a não ser essa. Há, entretanto outra solução, outro registro de solução, que é a do lado do ser. Esta consiste em não tapar o buraco mas metaboliza-lo, dialetizá-lo sendo o próprio buraco, ou seja, fabricar um ser com o nada (MILLER, 2010, p. 5).

Além disso, a premissa de que a figura da mãe recobre tudo na mulher é uma leitura da mulher pautada na biologia, porém o feminino e o masculino para psicanálise estão para além da biologia, mulheres e homens são seres de linguagem constituídos pelos laços discursivos, portanto uma mãe para psicanálise seria um significante e uma função que tem um importante papel inaugural na vida libidinal e afetiva de uma criança:

[...] uma mãe também é significante, assim como Lacan nos aponta que são: “mulher”, “homem”, “criança”. Não se trata de um significante qualquer, mas de um muito específico, já que, como o dito popular aponta “mãe só tem uma”. Uma mãe não é aquela que necessariamente pariu uma criança, ou que doou seus óvulos, ou que amamentará o bebê ou que grudará na criança. Uma mãe é uma função, nos ensina a psicanálise, que será ocupada por aquela que primeiro amará a criança. Uma mãe é, então, um duplo portal: para a vida e para o amor. É a mãe quem traz seu filho à vida, para além da existência, já que é a mãe que, investindo libido no corpinho de seu filho, o erotiza e inscreve nele a alegria de viver (KUSS, 2021, p. 89).

Marie-Hélène Brousse vai enfatizar que existe uma dificuldade de definição do feminino sem estar unicamente atrelado a biologia e as normas sociais, que seria uma definição do feminino pela fêmea, logo, pela maternidade. O que pode ser compreendido pelo fato de os caracteres sexuais secundários da mulher serem os da mãe, como relembra Lacan. Como a autora aponta, a clínica psicanalítica demonstra, através do relato das analisantes, essa não correspondência entre a mulher e a biologia por meio da maternidade. Pois, muitas pacientes mostram que seus filhos, não necessariamente, as tornam mais mulheres. Pode ocorrer, com frequência o contrário, esses sujeitos se descobrirem através da maternidade serem mais mães e menos mulheres:

Seremos, portanto, levados a conceber essa lógica do não-todo que é, então, a lógica feminina, como uma lógica para além do sentido sexual e que implica um corte, se posso assim dizer, no interior mesmo dos sujeitos que se situam do lado feminino. Isso leva, por exemplo, a pensar o corte, a poder precisar o corte, entre a mulher de um lado e a mãe do outro: a mãe funcionando do lado, se posso assim dizer, masculino, ou seja, funcionando no sistema simbólico organizado pelas estruturas de parentesco, etc., e, portanto, respondendo a um funcionamento fálico, mas também a conceber que uma mulher possa ser não-toda e que aquilo que não é da ordem do materno, por exemplo, responde

nela a outra lógica. E que essa lógica outra, ela se manifesta ou se encarna em uma posição de gozo diferente (BROUSSE, 2012, p. 17).

Essa diferença entre o que é da ordem do materno e o que responde a outra lógica, não-toda fálica na mulher, pode ser apreendida pela figura da mitologia grega, Medeia. Nessa personagem, o contraste entre a mãe e a mulher é levado às últimas consequências, revelando que a mãe não recobre tudo que há na mulher. Miller, à luz do ensino de Lacan, vai explicar sobre Medeia como verdadeira mulher: “[...] para Lacan o verdadeiro, em uma mulher, se mede por sua distância subjetiva da posição da mãe. Porque ser uma mãe, ser mãe de seus filhos, é para uma mulher querer se fazer existir como A. Fazer-se existir como A mãe é fazer existir como A mulher que tem” (MILLER, 2010, p. 6).

Miller vai destacar que uma Verdadeira mulher não é uma posição que ela se mantenha o tempo todo, mas que quando ocorre se percebe com maravilha ou horror que a mãe não tamponou nela o buraco. É o que acontece com Medeia, que não se deve imitá-la, mas quando ela mata seus filhos com Jasão, revela que o há de mulher nela supera o que há de mãe. Ela avança os limites simbólicos, como os da filiação, ao transpor a figura da mãe escancara a relação da mulher com o extraviado proposto por Lacan, nas palavras de Miller (2010, p. 9): “Uma verdadeira mulher explora uma zona desconhecida, ultrapassa os limites, e se Medeia nos dá um exemplo do que há de extraviado em uma verdadeira mulher, é porque explora uma região sem marcos, mas além das fronteiras”. Ela retrata o exemplo radical do que é ser mulher mais além do que ser mãe.

O que ela sacrifica, para, de algum modo, abalar essa lógica, é, precisamente, então, as crianças: os objetos fálicos que a faziam mãe. E o que sobra? Sobra uma mulher. Uma mulher, certamente, com ódio, mas uma mulher que, durante... — nos textos e, em particular, nos textos de uma das tragédias antigas sobre Medeia, diz-se que o que era importante para ela era a satisfação quase inefável de ser uma mulher para Jasão. Não a satisfação de ser a mãe de seus filhos, isso ele lhe permite continuar a ser com facilidade, mas não é o que ela quer. Ela não quer ser uma mãe, ela quer ser uma mulher, uma mulher apaixonada, e uma mulher apaixonada decepcionada, que se vingue e que, se posso assim dizer, vai embora sem culpabilidade, uma vez a coisa feita (BROUSSE, 2012, p. 18).

Medeia atesta a limitação da solução freudiana para a feminilidade. Por outro lado, há na teoria freudiana sobre as mulheres, o indicativo que são sujeitos de desejo, a figura mitológica de Medeia indica isso. Entretanto, os filhos como substitutos fálicos não são suficientes para eliminar o desejo feminino. Kehl (2016) relendo a teoria freudiana sobre o

desejo feminino de desejo de pênis, enquanto objeto fálico, revela que a mulher é mais feminina na medida que mais deseja ser outra coisa.

Não seria diferente no caso da maternidade, ela em si, não é equivalente da feminilidade, mas na medida em que a mulher não se satisfaz por completo na maternidade, mas deseja outras coisas para além de ser mãe, ela coloca em cena facetas da sua feminilidade e fábrica modos próprios de ser mulher. Bessa (2012) diz que desde Freud é possível identificar que as mulheres são insaciáveis, pois não há, no inconsciente, nada que possa satisfazê-las. Logo, uma criança não satura o desejo de uma mulher, justamente por ser o que lhe falta, mas apenas um substituto. Alvarenga (2021, p. 6) nos oferece uma síntese dessas elaborações, ao dizer que: “A mediação fálica não drena todo o pulsional em uma mulher, nem toda a corrente materna”. Ela acrescenta essa afirmação dizendo que, ainda que um filho seja colocado no lugar de fetiche da mãe, ela não obtura o desejo da mãe. Além disso, nos lembra do paradoxo da maternidade como solução da feminilidade pela vertente do ter, pois se trata de uma experiência de castração. A maternidade confronta a mulher com a sua falta, ao invés de eliminá-la.

A psicanalista Françoise Dolto, em seu livro *Sexualidade feminina*, assevera que a experiência da maternidade para mulher permite reformular o tema da castração pelo inconsciente. Segundo a autora, a maternidade possibilita que a mulher resolva resíduos emocionais edipianos, como o luto possível pelo narcisismo fálico de seu corpo. E ainda, a mulher pode se confrontar com transferência de afetos pré-edipianos e edipianos para as pessoas com as quais convive. Além disso, ela afirma que a mulher na condição de mãe torna-se um falo para si mesma: “Sendo a fertilidade sentida como condicionada pelo falo, a mãe geradora torna-se, para si mesma e para os outros, a imagem do falo autóctone, não apenas na época da gestação, como também na época da vida de nutrição antes que o bebê alcance uma mobilidade expressiva do corpo em relação ao mundo circundante” (DOLTO, 1996, p. 92).

Entretanto, se a maternidade possibilita que a mulher encarne uma posição fálica diante do filho e para si mesma, isso pode garantir os primeiros cuidados com a criança, na relação estabelecida entre mãe e filho. Contudo, é necessário que a mulher, que existe para além da mãe, decline da posição exclusivamente fálica que coloca o filho como objeto a completá-la, viabilizando buscar outros objetos fora dessa relação. Portanto, se em um primeiro momento, é necessário para constituição subjetiva de uma criança que ela se aliene à sua mãe, em um outro momento, é preciso que haja uma separação. Caso não exista, pode haver diversas implicações para ambos, para mãe enquanto mulher e para o filho. A psicanalista francesa, Colette Soler, discorre a respeito dizendo que se faltar na mãe uma dimensão de um desejo

outro, para além do que se satisfaz na relação com o filho, ele poderá estar condenado à alienação máxima de realizar a fantasia da mãe. Ela ainda completa dizendo que:

Não é a falta de amor, mas o excesso de amor, que pode ser prejudicial aqui, e que clama por um efeito de separação necessário. Foi por isso que Lacan enfatizou o desejo da mãe. Este deve ser entendido como o desejo da mulher na mãe, desejo adequado para limitar a paixão materna, para torná-la *não-toda* mãe, ou, em outras palavras, *não-toda* para seu filho e até *não-toda* para a série de filhos, os rivais fraternos. Isso já estava implícito na escrita da metáfora paterna, pois a operação que coloca o significante do pai no lugar do significante da mãe tem por resultado especificar a falta materna como falta fálica e instituir o pai como parceiro fora da série. A mãe não é toda para seu filho porque sua aspiração fálica divide-se entre o homem e o filho, e é bom que seja assim, porque é o desejo da mulher, mais geralmente um desejo outro mantido fora das gratificações da maternidade, que introduz a criança, por meio da angústia de castração, numa dialética de identificações contraditórias pela qual ela poderá soltar-se da posição passiva de objeto da mãe e, no fim, assumir seu próprio sexo (SOLER, 2005, p. 141).

A ambivalência entre o desejo da mãe e o desejo da mulher, que divergem quanto aos seus objetos de satisfação, é o que permite que mãe e filho possam buscar outras possibilidades para além da relação estabelecida entre eles e constituir outros laços sociais. Do contrário, estariam fadados a uma relação simbiótica sustentada na ilusão de completude, em que ambos ficariam alienados. Soler (2005) vai esclarecer que não é o amor da mãe que media essa separação, mas sua divisão por um objeto que causa seu desejo, como indicado por Lacan. A psicanalista aponta a importância da teoria lacaniana sobre a mãe, em que a falta fálica funciona como causa de desejo. Sendo o que causa a divergência entre ser mãe e ser mulher, pois ambas se situam em relação a falta fálica, mas de formas distintas. O desejo feminino na mãe é o que possibilita sua ausência. Por ser mulher, a mãe é *não-toda* para o filho.

Essa ambivalência e a não correspondência direta entre a mãe e a mulher, é indispensável para estruturação psíquica da criança, enquanto sujeito. A mulher que existe para além da mãe, pode ser o que permite que uma criança e, posteriormente, um adulto, seja tantas outras coisas para além de ser filho. Portanto, que uma mãe enquanto mulher não seja tudo para o filho, possibilita que esse filho não fique obrigado a ser tudo para essa mãe. Nessa relação complexa de alienação e separação, a psicanalista, Michéle Behaïm, considera o ódio materno como um fator importante e estruturante, quando elaborado. Caso, o amor materno não fosse acompanhado da faceta do ódio, ele poderia reduzir o filho a objeto. “A mãe não ambivalente, não cheia de ódio, pode sonhar com um filho que não precisaria de mais nada, confundindo assim necessidade e desejo: um filho então suprido que, em troca, pode desejar apenas suprir

as esperanças da mãe, sendo a primeira esperança talvez a de ser suprido por ela” (BEHAÏM, 2007, p. 12).

Para a autora, o ódio é o que permite essa possibilidade de separação entre mãe e filho, o que permite que a mãe falte e se ausente em parte. Ela vai falar do amor condicional, ele contém o ódio vital, que permite amar a criança sem destruí-la. “O ódio é o que poderia estruturar o amor materno como um amor que autoriza a criança a viver” (BEHAÏM, 2007, p. 15). O ódio simbólico seria o que permitiria a elaboração por parte da mãe da falta estrutural, e que faz com que seu desejo deslize para outro objeto para além da criança, que pode ser o pai da criança, por exemplo, para encontrar uma meia-satisfação.

Dada a importância do desejo no desempenho da função materna, Barros e Vieira (2015, p. 27) vão propor que a mãe não é um sujeito, mas um desejo: “como todo desejo, ela tem um objeto que poderíamos chamar de ilimitado. Esse desejo determina o lugar da criança no mundo, que por sua vez não é ilimitado. A criança vai surgir como significação desse desejo, ou seja, como ponto de interrupção no que há de ilimitado no desejo materno”.

E a partir do enigma do desejo materno, quando a criança percebe que a mãe não é exclusivamente sua, que ela tem outros interesses para além da maternidade, que ela pode perceber que não é o falo para a mãe, que não a completa. A partir disso, a criança poderá também começar a estruturar algo do seu próprio desejo, porque a mãe é não-toda e não satisfaz todas as demandas infantis, o sujeito ficará diante de um resto não saciado que o instalará no circuito do desejo:

Não se trata da mãe procurar satisfazer todas as demandas, o que é algo da ordem do impossível, mas de escutá-las e suportá-las como demandas de amor; basicamente, sustenta-las nas paixões que evoca. Da impossibilidade de uma satisfação completa da demanda é que se produz como resto, o desejo. Se seguimos Lacan quando define o amor como desejo do desejo do Outro, está implícito o desejo de receber do Outro aquele “nada” que veicula o próprio desejo. Por isso, continuamos a falar e, através da palavra, o amor pode se revelar (ZALCBERG, 2007, p. 40).

Mais uma vez, percebemos através da dialética do desejo, na relação entre mãe e filho, que a maternidade para psicanálise não é algo natural e garantida pela biologia, mas sim uma construção permeada pela linguagem, pela cultura e pelas questões sociais. Para Roudinesco (2003), desde Freud existe uma refutação contra o naturalismo, pois ele foi contrário ao instinto materno e a existência de uma raça feminina, o que se percebe através do princípio do monismo sexual e logo da importância do falocentrismo na sua teoria.

A inserção da criança no mundo da linguagem, implica em uma perda, esse resto da demanda, como apontado, é condição para o desejo. A falta da mãe, denuncia para o filho que ele também é um sujeito faltante, o insere na castração, sendo a falta condição para a existência do desejo. A mãe poder suportar que não sabe tudo, que não pode tudo é condição para transmitir a falta para seu filho:

Quanto menos a mãe “sabe” o desejo da criança, mais esta emerge como sujeito desejante. Essa passagem da interpretação do grito à escuta de uma palavra equivale à passagem do registro Imaginário ao registro Simbólico, de uma relação pré-genital a uma relação genital, e corresponde àquilo que, do corpo a corpo, apaga-se, para dar lugar ao corpo autônomo (BENHAÏM, 2007, p. 25).

A partir do limite do acesso da criança ao corpo da mãe, em uma posição de alienação, o sujeito pode constituir algo do próprio corpo, não como uma extensão do corpo materno. Esses limites nas demandas ilimitadas e insaciáveis da criança, são subjetivadas pela metáfora paterna. Sem a metáfora paterna, na relação da mãe com a criança, elas ficam diante de um ilimitado do gozo materno, que desconhece limite, logo a criança fica no lugar de objeto da mãe. É preciso que algo exterior a essa relação introduza um limite, que permita que a mãe e o filho, por não se completarem busquem em outro lugar satisfazer ainda, que parcialmente, do seu desejo:

O desejo da mãe não é propriamente uma identidade e nem prévio ao significante. Quer dizer, trata-se de alguma coisa que somente existe na relação com o significante do Nome-do-Pai. Sem o significante do Nome-do-Pai não há desejo materno. Não podemos tratar esses símbolos, NP/DM, sem essa articulação, que é essencial. Se não há o significante que relativiza o infinito do desejo da mãe, pode-se chamar de outra coisa, de gozo, mas não de desejo materno. A função do Nome-do-Pai seria a de tornar relativo um apetite que sem ele seria infinito (BARROS e VIEIRA, 2015, p. 28).

O significante do Nome-do-Pai é responsável por limitar o gozo materno, que desconhece limites. Esse gozo, sem essa mediação, tende a reduzir o filho a objeto exclusivo de satisfação materna. Por isso, Lacan (1992) se referiu à mãe como a boca do crocodilo prestes a devorar o filho, se não fosse um rolo de pedra a fazer interdição. Ao pensarmos o significante do Nome-do-Pai como essa instância que mediará e limitará a relação da mãe com o filho, cabe ressaltar que esse limite precisa ser reconhecido pela mãe para que a intervenção paterna ocorra. Pois, é justamente a mulher, enquanto não-toda e com o desejo dividido que permite que a mãe transmita esse limite para o filho. Portanto, o rolo de pedra proposto por Lacan abrange o Nome-

do-Pai e, conseqüentemente, a mulher que está para além da mãe, que possibilita um limite na relação entre mãe e filho. Essa articulação entre desejo e gozo na mulher-mãe é descrita a seguir:

Mas, somente o Nome-do-Pai não basta; para que a operação de divisão se inscreva é necessário que uma mulher na mãe e sua sexualidade seja o rolo de pedra. Em outras palavras, para efetivar uma separação se faz necessário que para além do bebê, algo desperte o desejo de uma mulher que habita o corpo materno. Nesse sentido, o exercício da maternidade implica a articulação com o gozo Outro, de modo a conduzir uma mulher na mãe a buscar algo além das gratificações maternas para abrir o campo de tessituras constitutivas do bebê. Por tal razão, essa separação salva a criança de ser engolida pelo desejo materno e faz contorno ao gozo ilimitado que há na mulher-mãe (GONÇALVES, 2021, p. 105).

Portanto, para psicanálise, ao contrário de mãe e mulher serem sinônimos, ou posições que se recobrem, é na verdade a ambivalência e a diferença entre essas duas posições subjetivas que permitem que elas se constituem. Pela mulher ocupar uma posição fálica e não-toda fálica, ela pode buscar a maternidade como uma das modalidades de causa do seu desejo. E, justamente, por não haver objeto que satisfaça completamente o desejo, e por ser não-toda fálica, a mulher pode se lançar a outras experiências para além da maternidade, nas invenções que encontra para tecer sua feminilidade.

Freud ao ouvir sobre a sexualidade feminina, em plena era vitoriana, não escapou de esboçar respostas para constituição da feminilidade dentro do que estava reservado para as mulheres naquele cenário: a maternidade como destino. Contudo, em um outro momento da psicanálise, podemos compreender que a maternidade, longe de responder o que é ser uma mulher, ela reintroduz as questões concernentes ao ser feminino: a relação pré-edipiana, a castração, a falta, a relação com o gozo Outro e com o desejo. Logo, a maternidade não seria uma solução para feminilidade, mas uma, entre muitas outras possibilidades, da mulher vivenciar facetas da relação com o seu desejo.

A psicanalista e historiadora francesa, Elisabeth Roudinesco, em seu livro *A família em desordem*, considera que o poder que as mulheres adquirem sobre a maternidade através do avanço da tecnologia e as novas possibilidades de concepção mudaram radicalmente a forma das mulheres experimentarem a maternidade e as novas configurações de família. Como resultado, o modelo de interpretação da civilização proposto por Freud, em que não seria possível uma separação entre a mulher e a maternidade e o feminino e a procriação foi questionada por conta dessas mudanças sociais e no núcleo familiar:

Não apenas as mulheres haviam adquirido o poder de atentar contra o caráter sagrado do sêmen masculino, para a satisfação de um prazer distinto daquele da maternidade, como também podiam proibir efetivamente esse sêmen de realizar o dever de geração e de não disseminação que lhe havia sido confiado pela natureza. Em lugar de transmitir a vida e a morte, como haviam feito desde a noite dos tempos, podiam portanto, na aurora do século XXI, recusar, se assim o decidissem, o próprio princípio de transmissão. Havia adquirido, de certa maneira, a possibilidade de se tornar estéreis, libertinas, namoradas de si mesmas, sem incorrer nos riscos de uma condenação moral ou de uma injustiça repressora. Mas podiam igualmente controlar o número de nascimentos e se recusar a colocar no mundo, da puberdade à menopausa, um número ilimitado de filhos (ROUDINESCO, 2003, p. 155).

Consequentemente, a autora irá propor que a partir desse poder adquirido pelas mulheres sobre a fecundação, mudará também as possibilidades de parentalidade, e de famílias que poderão ser coparentais, recompostas, biparentais, multiparentais, pluriparentais ou monoparentais. Portanto, a família deixará de ser uma estrutura de parentesco, e terá como principais características a descentralização e as múltiplas aparências. Portanto, não mais a família atrelada a questão espiritual, biológica ou antropológica, alicerçada no gênero e no sexo, induzida pelo mito do Édipo, logo surge uma outra configuração de família horizontal e múltipla, embasada no individualismo moderno:

Desvinculada da instituição do casamento e entregue pela ciência ao poder das mães, a família do final do século XIX era horizontal e fraterna. Lugar de refúgio contra as angústias, trazia aos homens e às mulheres os benefícios de uma alteridade livremente consentida que repousava em uma imagem cada vez mais turva da ordem simbólica. [...] Os homens assumiram assim um papel “martenalizante” no exato momento em que as mulheres não eram mais obrigadas a serem mães porque detinham controle da procriação. (ROUDINESCO, 2003, p. 179).

Este papel “martenalizante”, que só posteriormente foi dividido com os homens, até antes do século XIX era restrito às mulheres. Segundo a autora, por uma questão de necessidade de atribuir às mulheres uma função sexualizante no laço social, foi concedido algum tipo de poder às mulheres através da maternidade. Esta concessão seria uma forma de controle para evitar que algo do feminino viesse a invadir o cenário social caso a mulher não estivesse ligada à função materna, por isso concedia-se um lugar importante para a mãe e a maternidade. “A mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz, pensa-se, de eliminar a diferença dos sexos” (ROUDINESCO, 2003, p. 38).

Para a autora, a sexualidade das mulheres, não apenas vinculada à maternidade, surge como consequência da perda de consistência do papel divino do pai e, posteriormente, com a

maternização da família. Logo, um desejo feminino pode surgir mesmo sendo tão temido, pois os homens perdiam o poder sobre o corpo das mulheres. “Com a conquista definitiva de todos os processos da procriação pelas mulheres, em temível poder lhes foi reservado no final do século XX. Elas adquiriram então a possibilidade de se tornar mulheres prescindindo da vontade dos homens” (ROUDINESCO, 2003, p. 118). Ainda, de acordo com a psicanalista, os processos que as famílias passaram até 1960, desenharam uma fenda entre o desejo de feminilidade e o da maternidade.

Esta ruptura entre a equivalência da mulher com a mãe, numa perspectiva de a mãe recobrir o ser feminino anulando o que é oriundo da mulher, é um aspecto importante, como já vimos anteriormente, para sairmos de uma perspectiva puramente naturalista e biologizante. Mas se as mulheres alcançaram a possibilidade de optar pela maternidade ou não, em contrapartida não estão isentas de se depararem com essa questão, uma vez faz parte dos seus corpos. A psicanalista Ana Suy Kuss, discorre que isso se dá devido a menina, posteriormente a mulher, diferente do menino, ter que se deparar com esse “portal” para a vida que é a mãe, inscrito em seu próprio corpo. “A constituição da feminilidade passa pelo constante encontro com esse sem sentido que o corpo feminino abriga, ainda que uma mulher decida que não queira ou não possa ter filhos. O fato de poder dar à luz a alguém, mortal: talvez seja isso que uma menina não perdoe em sua mãe ainda que não o faça” (KUSS, 2021, p. 91).

Ainda, outro ponto a ser levantado é que não se pode pensar que com esses eventos históricos, sociais e culturais que fomentam a dissociação entre a figura feminina e a maternidade como destino, tenhamos conseguido de fato alcançar esse patamar e desvencilhar de todas as formas de controle do corpo feminino praticadas na cultura burguesa e patriarcal vigente no nascimento da psicanálise e sustentada durante tantos séculos antes. Em relação a invenção da pílula anticoncepcional, por exemplo, é inegável a importância para a emancipação feminina, mas, por outro lado, proporcionou uma outra forma de controle dos corpos femininos.

Podemos questionar até que ponto a pílula anticoncepcional gerou uma autonomia feminina de fato e se realmente alterou as regras do jogo. Ela possibilitou a entrada das mulheres no mercado de trabalho, mas com muitas desvantagens. Ainda, a participação das mulheres na cena pública deve ser condicionada ao controle de seus corpos, reatualizando o dualismo arcaico de por um lado a mente masculina, cultural e superior e, por outro lado, o corpo feminino, animalesco e inferior. Sendo assim, é preciso haver um apagamento do corpo feminino para que a cena seja, de alguma maneira, masculinizada. A incompatibilidade entre o corpo feminino com suas características específicas e a vida pública e intelectual é uma visão milenar e ainda presente nos dias de hoje (CAMPOS, WINOGRAD, 2022).

Antes desses eventos históricos que permitem algum controle sobre a reprodução, as mulheres conviviam com uma série de ideais sociais que pesavam em seus ombros, a cartilha de como ser uma mulher bem-vista na sociedade, o valor feminino atrelado ao matrimônio, a dedicação exclusiva aos filhos já que essa era a única atividade para qual as mulheres estavam aptas a exercerem de acordo com a natureza tida como exclusivamente feminina. Ao conquistar a possibilidade de transitar em novos espaços e se envolver em outras atividades para além das do seio doméstico, são atualizados e adicionados novos ideais sobre o feminino:

Assim, o controle químico de nossos corpos trouxe a inquestionável possibilidade de abertura para o mercado de trabalho, porém com o acréscimo de novos ideais a serem cumpridos, ou seja, ser boa esposa, boa mãe, boa dona de casa, manter-se esteticamente atraente não é mais suficiente, também é necessário ser produtiva não apenas com os homens, mas até superior a eles, para se provar capaz. Parece-nos que houve um deslocamento do controle externo da imposição do matrimônio e da maternidade para um controle mais internalizado: a concepção não é mais um destino inevitável, mas os sentimentos de culpa e inadequação por não seguir o *script* imposto que, diga-se, é impossível, sim. O mal-estar das mulheres na cultura patriarcal contemporânea é o destino inevitável (CAMPOS, WINOGRAD, 2022, p. 19).

Podemos pensar que parte desse mal-estar feminino contemporâneo está atrelado ao retorno, mesmo que em uma nova roupagem, a uma concepção datada de instinto feminino e instinto materno. Se por um lado, a invenção da pílula contraceptiva e os outros métodos posteriores de controle da reprodução dissociam a constituição feminina com a maternidade como destino obrigatório, por outro, a maternidade contemporânea está repleta de imperativos e demandas que fazem um apagamento da figura da mulher que existe para além da função materna. Paradoxalmente, há um ideal inatingível de como ser uma boa mãe, cobrando manobras insustentáveis de uma mulher que se ocupa de outras áreas da vida além da maternidade. Existe também uma desautorização da mulher, enquanto mãe, recobrando o saber que pode ser constituído entre mãe e filho pelo puro discurso do especialista:

Com as conquistas sociais e abertura de novos espaços, nas últimas cinco décadas, muitas mulheres sentiram necessidade de lançar mão de estratégias nos cuidados dos filhos que facilitassem suas vidas. Creches, mamadeiras, chupetas, fraldas descartáveis agilizam as tarefas e favorecem que outros possam também atender as necessidades do bebê. Porém, assistimos concomitantemente a isso um fortalecimento do antigo ideal naturalista. Cada vez mais, discursos de Pediatra, da Ginecologia, da Psicologia, que acreditam numa fusão do feminino com a natureza nostálgica, têm ditado, por meio de orientações práticas, como deve ser o materno: a mulher deve estar totalmente disponível para satisfazer todas as necessidades naturais do bebê (CAMPOS, WINOGRAD, 2022, p. 21).

As autoras nomeiam esse movimento de a volta da boa mãe naturalista. Elas exemplificam como isso acontece, por exemplo, com as comunidades e grupos formados em redes sociais com a suposta proposta de ajudar mães. Contudo, são intolerantes com as diversas formas de maternar e exclui a realidade socioeconômica de cada mãe. Como o tema da amamentação, em que nesses grupos são colocados ideais e regras inflexíveis que nem todas as mães conseguem aderir, podendo causar sentimentos de culpa. Além disso, as psicanalistas apontam a demanda atual das mulheres mães formarem indivíduos performáticos, felizes e bem-sucedidos ou estarão condenadas ao fracasso. O que se revela como sendo um ideal impossível. “As tarefas maternas tornam-se cada vez mais pesadas e ambiciosas. O fracasso de uma mãe contemporânea é criar um indivíduo neurótico, infeliz ou malsucedido, ou seja, toda mãe fracassará” (CAMPOS, WINOGRAD, 2022, p. 21).

No caminho que percorremos até aqui, visitando algumas contribuições psicanalíticas sobre a feminilidade e a maternidade desde Freud até os dias atuais, identificamos que o inventor da psicanálise deixou uma herança da perspectiva da maternidade como o principal destino da mulher, o que é base de muitas críticas dirigidas a psicanálise no tocante ao feminino. Contudo, a orientação lacaniana permite uma importante disjunção entre a posição feminina e a materna. Já os avanços psicanalíticos contemporâneos têm sido de extrema relevância para questionar postulados que ora se tornaram limitados, permitindo reler a teoria psicanalítica sobre as mulheres e as mães contextualizando com os desafios emergentes. Se para Freud a resposta sobre a feminilidade repousava, em grande medida, sobre a maternidade, atualmente com os avanços tecnológicos, os direitos conquistados pelas mulheres e novas configurações familiares, certamente, há mais saídas para a feminilidade, mais direções em que o desejo feminino pode apontar e possibilidades de maternidade, por isso novas inquietações surgem. Portanto, cabe a psicanálise estar à altura dessas transformações, mesmo que neste trabalho não seja possível explorar todas elas. No capítulo a seguir, iremos nos deter na relação mãe e filha dentro da perspectiva psicanalítica, a fim de facilitar o aprofundamento das discussões de *A filha perdida*, que é nosso principal interesse.

4 A RELAÇÃO MÃE E FILHA PELO OLHAR DA PSICANÁLISE

Para toda mulher, há sempre três mulheres: ela menina, sua mãe e a mãe da mãe.

D.W Winnicott.

Se no início da psicanálise, o seu fundador atribuiu pouca atenção e importância para a relação entre mãe e filha; ao final, ele propõe que essa relação é tão intensa que suas consequências podem se desdobrar por toda a vida de uma mulher. Em alguns casos, os desdobramentos podem ser tão avassaladores para a constituição feminina, que pode resultar em uma catástrofe, como Freud nomeou, ou uma devastação, como Lacan definiu posteriormente.

Como veremos neste capítulo, os psicanalistas que se debruçam sobre a temática da relação mãe e filha investigam, principalmente, como os restos da relação pré-edipiana apontados por Freud reverberam na constituição da feminilidade, nas escolhas amorosas de uma mulher, que pode se apresentar como uma das faces da devastação, e em sua maternidade. Portanto, iniciaremos, como nos capítulos anteriores, com a discussão sobre as contribuições freudianas para na sequência, nos valermos das contribuições de Lacan. Por fim, examinaremos as produções contemporâneas de psicanalistas e pesquisadores que avançaram nesses estudos a partir da produção de Freud e de Lacan. Sendo assim, dentro desse campo de pesquisa e estudo, nos serviremos sobretudo dos trabalhos de Malvine Zalberg, Ana Cláudia Santos Meira, Graciela Bessa, Elisabeth Rocha Miranda, Lêda Guimarães, Lucélia Maria Gonçalves.

4.1 A relação mãe e filha em três casos clínicos de Freud

Vamos começar retomando alguns pontos importantes dentro da teoria Freudiana sobre a relação mãe e filha. Como sabemos a teoria psicanalítica se sustenta na experiência clínica. Dentro dessa temática alguns casos clínicos atendidos por Freud foram primordiais para evidenciar a importância da relação da menina com a mãe e suas implicações para sua constituição como mulher. Vamos percorrer três desses casos clínicos, o de Dora (1905), o da jovem paranóica (1915) e o da jovem homossexual (1920). Eles retratam as dificuldades que Freud enfrentou relacionadas a essa temática e os avanços que ele pode alcançar sobre o estudo dessa relação tão peculiar.

No caso de Dora, Freud enfrentou dificuldades no manejo da transferência, devido à leitura que fez do caso, o que levou a paciente a romper o tratamento. Naquele momento, ele estava, como foi discutido no capítulo anterior, restrito a ideia da simetria entre o complexo de Édipo feminino e masculino. Portanto, considerava que o pai era o primeiro objeto amoroso para as meninas e os meninos. Nos primeiros casos de histeria atendidos por ele, a ênfase era toda na relação entre pai e filha, e ele desprezava a importância da relação mãe e filha para a constituição psíquica e sexual dessas pacientes que chegavam até ele. É o que vemos no atendimento de Dora.

O caso Dora ficou conhecido como um dos principais e mais importantes casos de histeria atendidos por Freud. A paciente chega até o psicanalista por intermédio do pai, que já havia feito um tratamento médico com Freud seis anos antes. O pai de Dora se preocupa com a filha e busca tratamento para ela, ao encontrar uma carta em que ela anunciava uma possibilidade de suicídio na adolescência. Dora já apresentava sintomas de adoecimento desde a infância, tais como dores de cabeça, ataques de tosse nervosa, afonia, ânimo deprimido, entre outros. Mas a situação se agravou, alguns anos antes dela ser conduzida para ser atendida por Freud. O pai relaciona o adoecimento da filha com um incidente que aconteceu com uma família com quem eles nutriam uma amizade por longos anos. Dora vivia com os pais e o irmão, um ano e meio mais velho, em uma cidade até que precisaram se mudar para outra cidade, que Freud nomeia de B, por conta da saúde do pai, que foi acometido por uma tuberculose, e na cidade B o clima era mais favorável para saúde dele. Nesta cidade, eles se aproximam da família do Sr. e Sra. K, a mãe de Dora não se ocupa da saúde do marido, logo a Sra. K cuida dele durante sua longa doença. O casal K tinha dois filhos com os quais Dora passava muito tempo e lhes dispensava cuidados quase que maternos. O Sr. K aproveita todas as oportunidades para se aproximar de Dora, lhe presenteia, propõe passeios e a família de Dora não se incomoda com a situação.

Quando a família de Dora se muda da cidade B, ainda assim, continuavam fazendo viagens com a família K, muitas vezes iam apenas Dora e o pai. Numa dessas viagens, o pai ficaria por alguns dias e depois ela permaneceria com a família K por mais algumas semanas. Contudo, ao ver o pai se preparar para retornar para casa, ela impõe a vontade de voltar junto com ele. Depois de um tempo, admite para a mãe e pede para ela comunicar ao pai, que o Sr. K em um dos passeios, a sós com ela, havia feito uma proposta amorosa. Quando o pai vai pedir esclarecimentos ao Sr. K, ele nega e justifica dizendo que seriam fantasias da cabeça de Dora por conta do tipo de literatura com conteúdo erótico que ela estava consumindo. Ao levar Dora para ser atendida por Freud, seu pai relaciona seu adoecimento e as ideias suicidas com esse conflito com a família K.

Nas sessões, Dora relata que antes do conflito com a família K, ela nutria uma amizade íntima com a Sra. K durante alguns anos, e era sua confidente. Dora também mantinha conversas sobre livros de conteúdo sexual com a Sra. K, sendo uma temática que não abordava com os próprios pais. Além disso, nas sessões, a jovem elogiava o corpo da Sra. K, relevando um fascínio e admiração por ela. Por outro lado, Dora se queixa do lugar que ocupava na relação com a família K e seu pai, sentia-se desfavorecida pelo pai, pois ele não parecia se importar com as investidas do Sr. K e conclui que isso seria porque o pai mantinha um caso com a Sra. K. Freud se confunde com as relações estabelecidas entre eles, tirando conclusões equivocadas. Ele conclui que a mãe não tinha importância para a jovem, e que o interesse dela estava no Sr. K, como uma reprodução da relação edipiana com o pai. Freud pensa que a atenção que Dora dispensava a Sra. K era pelo interesse no Sr. K, como uma forma de se aproximar dele, por quem estava apaixonada. Quando na verdade, era o inverso disso, a disposição de Dora pelo pai e pelo Sr. K era o interesse pelo enigma da feminilidade representado por uma mulher que tinha um lugar no desejo deles, era uma pergunta em direção a Sra. K: como é ser uma mulher e como é ser uma mulher para esses homens?

O relato do atendimento de Dora revela que ela não encontrava junto à figura materna consistência para acolher sua pergunta sobre o enigma da feminilidade. Freud descreve pouco sobre a mãe de Dora, e falhou em não querer saber mais sobre ela e a relação que ela tinha com a filha e vice-versa, já que sua atenção estava toda voltada para relação de Dora com o pai. Sobre a mãe ele registra algo que nos ajuda a reler o caso com outra perspectiva:

A garota, que se tornou minha paciente aos dezoito anos, sempre tivera a simpatia voltada para o lado paterno da família [...] A mãe não cheguei a conhecer. Pelo que me disseram a garota e o pai, tive a imagem de uma mulher inculta, mas sobretudo pouco inteligente, que, especialmente, após a doença do marido e o afastamento que seguiu, concentrou todos os interesses nos cuidados domésticos, assim apresentando o quadro a que se pode chamar “psicose de dona de casa”. Sem compreensão pelos interesses mais vivazes dos filhos, ocupava-se o dia inteiro da limpeza e conservação da casa, dos móveis e utensílios, de maneira tal que tornava quase impossível o uso e a fruição dos mesmos. [...] Havia anos a relação entre mãe e filha era pouco amistosa. A filha não fazia caso da mãe, criticava-a com dureza e subtraía totalmente à sua influência (FREUD, 2016 [1905], p. 190).

Nesse relato percebemos que Dora não encontrou na mãe os atributos que lhe interessavam na figura feminina, e vai buscá-los na pessoa da Sra. K, pois essa atraía o interesse de seu pai como mulher. Freud faz ainda uma leitura da intimidade de Dora com a Sra. K como a manifestação de um traço de homossexualidade feminina, contudo ele não conseguiu se dar

conta de que o interesse da jovem por aquela mulher era uma investigação sobre sua própria feminilidade, de como se tornar uma mulher. Portanto, Dora não queria ter um caso com o Sr. K, como cogitou o psicanalista, e muito menos com a sua esposa.

Dora não coloca a Sra. K no lugar de indivíduo, mas de um mistério, como menciona Lacan (1998), que se refere ao mistério sobre a sua própria feminilidade. Ele afirma que o que sustenta a idolatria de Dora pela Sra. K é o mistério de como ela se deixa aceitar como objeto do desejo de um homem. Poderíamos concluir que ao se inserir na relação entre a Sra. K, o marido e o pai, Dora estava buscando participar desse jogo de trocas sociais entre homens e mulheres. Ao se questionar sobre o lugar que a Sra. K ocupava no desejo dos homens, Dora estava buscando um lugar para si mesma:

No caso Dora, Freud observara pela primeira vez os esforços de uma mulher de entrar no circuito de trocas estabelecidas no mundo simbólico. A jovem se empenhava em manter o relacionamento de seu pai com uma outra mulher, a Sra. K., acobertando-o mesmo, por acreditar ter um lugar nas trocas simbólicas ocorrendo entre os dois. Um dos motivos pelos quais aceitara a corte lhe sendo feita pelo marido da Sra. K. era esse, o de preservar a relação entre seu pai e a Sra. K. para, nessa relação, encontrar um lugar para ela própria. Outro motivo forte, não percebido por Freud e razão de seu fracasso no caso, fora que Dora quisera obter acesso, através do Sr. K., ao mistério da feminilidade que a Sra. K. representava para ela. O célebre episódio à beira do lago em que o Sr. K. confessa à Dora “não obter nada da mulher” marca o fim desse ciclo de buscas. Identificando-se com a Sra. K., que nada significa para o Sr. K., Dora conclui que nada significa para seu pai: “meu pai me dá a outro homem como um objeto” resume seu desespero. Não há mais por que sustentar essa relação entre seu pai e a Sra. K., quando Dora não mais encontra um lugar na dimensão simbólica de trocas. Não mais encontrando esse lugar, Dora se rebela e para de favorecer e sustentar a relação de seu pai com a Sra. K. Nesse caso, Freud antecipa também a questão da importância da dimensão do desejo do pai na subjetividade de uma filha, aspecto que Lacan desenvolverá (ZALCBERG, 2003, p. 26).

Essas trocas simbólicas, nas quais Dora se insere através dessas relações, revelam sobre aquilo que ela não encontrou formas de simbolizar através da relação com sua mãe: a própria feminilidade. Logo, a relação com sua mãe é o que fomenta toda a rede de mal-entendidos em que ela se insere na relação com o pai, com outro homem e com outra mulher. Essa relação será, a princípio, um obstáculo para Freud, como observado por Serge (1998), ele irá descobrir que a relação com o pai não elimina, no caso da menina, a relação primária com a mãe.

Freud não conseguiu se dar conta da ação metonímica que ocorreu nesse caso, porém no caso da jovem paranóica (1915) ele conseguiu perceber os desdobramentos das experiências da filha com a mãe para outras relações, como veremos a seguir. O caso da jovem paranoica (1915) e da jovem homossexual (1920) foram fundamentais para Freud descobrir que a mãe é

o primeiro objeto amoroso da filha e não o pai, pois ela chega ao amor do pai através da relação com a mãe, progressivamente, como enfatiza Zalcberg (2003). No caso da jovem paranóica, o pai é ausente e ela tem uma relação estreita com a mãe que perdura até a vida adulta: “Nunca havia procurado relações amorosas com homens; vivia sossegadamente com a mãe idosa, da qual era o único arrimo. Não tinha irmãos, e o pai havia morrido muitos anos antes” (FREUD, 2010 [1915], p. 146 e 147). Ao tentar se separar da mãe e constituir uma relação amorosa, a jovem é atormentada por delírios de perseguição. Ela se sente perseguida pelo homem com quem se envolveu (um colega de trabalho) e por uma senhora (também uma colega de trabalho) que ela identifica semelhanças com mãe: “Ela tem os cabelos brancos como minha mãe” (FREUD, 2010 [1915], p. 149). Ela vai supor ter havido um caso anteriormente entre o funcionário com quem está se relacionando e essa senhora. Freud vai dizer que o amor da mãe se torna uma espécie de porta-voz da consciência e impede a jovem de ir adiante com o investimento amoroso em direção a um homem.

Facilmente se nota que a superiora de cabelos brancos é um sucedâneo da mãe, que o amante, apesar de sua juventude, foi posto no lugar do pai, e que é a força do complexo relativo à mãe que leva a paciente a imaginar uma relação amorosa entre dois parceiros tão improváveis. [...] O perseguidor original, a instância a cuja influência o indivíduo quer se furtar, não é aqui o homem, mas a mulher (FREUD, 2010 [1915], p. 150).

Nos primórdios do desenvolvimento da filha, a mãe inibe ou detém a atividade sexual da filha, como explica Freud, mas cabe à filha afastar-se dessa influência e poder se permitir ao prazer sexual. Entretanto, a filha pode ficar presa ao complexo materno, onde não consegue se autorizar a se separar do imperativo materno e experimentar algo da própria sexualidade e do prazer sexual. No caso aqui mencionado percebe-se que “a mãe se torna, então, observadora e perseguidora hostil, malévola. Ela poderia ser superada como tal, se o complexo relativo à mãe não mantivesse o poder de impor sua intenção de afastá-la dos homens” (FREUD, 2010 [1915], p. 151). Logo, a jovem continua alienada à mãe e repete essa relação na tentativa fracassada de uma ligação amorosa com um homem. Aqui o protótipo para relação amorosa da mulher não é a relação com o pai, como Freud defendeu no caso Dora ignorando a fase pré-edipiana da menina, mas sim a relação com a mãe. Sobre essas repetições da relação pré-edipiana na vida da filha, o psicanalista, Serge André, comenta que:

Qualquer que seja o ângulo sob o qual se aborde o trajeto que a menina deve percorrer, da relação pré-edipiana à relação edipiana, vamos sempre esbarrar com a mesma objeção. Quer se considere esta passagem, do ponto de vista da troca de objeto, ou da mudança de identificação, de zona genital ou de modo

de gozo, chega-se sempre à conclusão de que essas mudanças atuam menos como substituições do que como desdobramentos. Por conseguinte, os caracteres da relação pré-edipiana jamais são verdadeiramente eliminados, e estão sempre prontos a voltar à tona. O destino da menina aparece, assim, como o de uma metáfora impossível ou de uma luta permanente para se elevar do registro da metonímia para o da metáfora (SERGE, 1998, p. 187).

No caso da jovem homossexual, Freud também se dá conta dos efeitos e desdobramentos da relação da filha com a mãe nas escolhas amorosas da paciente. Trata-se de uma jovem de dezoito anos que se enamora de uma mulher que é dez anos mais velha e carrega uma má fama. Seu pai se opõe firmemente à relação, a mãe, por outro lado, não parece se incomodar com a relação, inclusive escuta algumas confidências da filha sobre essa aventura amorosa.

Essa paciente manifesta reservas ao falar da mãe em sessão, o que Freud irá compreender mais adiante dos atendimentos. Através do relato da paciente, ele percebe que ela nutria uma relação de ambivalência contra a mãe. Sobre essa ambivalência na relação mãe e filha que aponta para presença do amor e ódio, e pode se manifestar através da hostilidade. Bessa (2012) nos ajuda a compreender que o ódio da menina pela mãe é um indicativo da hostilidade da própria mãe dirigida a filha. Pois, a mãe se ressentia de a filha responsabilizá-la por sua castração e, ainda, por reiterar a própria privação da mãe.

No caso da jovem homossexual, essa hostilidade se apresenta também pelo fato de a mãe ter uma aparência ainda jovem e querer notoriedade por sua beleza e, conseqüentemente, disputava a atenção do marido com a filha. Freud vai perceber nas sessões, que a hostilidade entre mãe e filha se tratava de uma reedição dos conflitos edipianos da infância de sua paciente na adolescência. Por volta dos treze e quatorze anos, ela revela uma atitude de afeto e de preferência por um menino de três anos de idade, que via com frequência em um parque infantil, aproximando-se dele de tal forma que estreita os vínculos com os pais da criança. O psicanalista conclui, a partir disso, que nesse período predomina nela um forte desejo de ser mãe e ter um filho. Porém, um tempo depois ela fica indiferente ao menino e começa a ter preferência por mulheres mais velhas, mas com aparência jovem, o que desperta uma severa repreensão por parte do pai. Essa mudança da libido da maternidade para a homossexualidade, especificamente por mulheres mais maduras, segue pelo restante da vida da paciente. Essa transformação do interesse libidinal coincide com um evento familiar na vida da paciente, a gravidez da mãe e o nascimento do terceiro filho, por volta dos dezesseis anos da jovem. Freud vai explicar o caso como uma reatualização do complexo de Édipo infantil na adolescência. Isso leva a decepção do desejo de ter um filho homem:

A menina encontrava-se na fase de revivescência, na puberdade, do complexo de Édipo infantil, quando teve o desapontamento. Tomou clara consciência do desejo de ter um filho, e um filho homem; que ele devia ser um filho do seu pai, e uma cópia deste, é algo que o seu consciente não podia saber. Mas então sucedeu que não foi ela a ter o filho, e sim a rival que odiava no inconsciente, a mãe. Revoltada e amargurada, voltou as costas ao pai, aos homens em geral. Após esse primeiro grande malogro, ela rejeitou sua feminilidade e pôs-se a buscar uma outra colocação para a sua libido (FREUD, 2011 [1920], p. 114).

Esse cenário familiar da paciente somado aos sonhos que ela relata em sessão levam Freud a discorrer que a relação homossexual da paciente com uma mulher mais velha é, na verdade, uma substituição da figura materna e uma recusa a feminilidade. O psicanalista relata que além da escolha do objeto masculino, a postura diante do objeto amado também é masculina. Para ele a hostilidade pela mãe, presente desde a relação edípica e revivida na adolescência, contribui para essa inclinação homossexual da filha. A hostilidade revivida inconscientemente pelas questões pré-edípicas com a mãe era nutrida por alguns fatores, como a forma desigual que a mãe tratava a jovem em relação aos outros três irmãos, sendo mais rígida com a filha. Além disso, a mãe se esforçava para manter a filha afastada do pai e disputava com a aparência da filha, tendo-a como uma concorrente.

Portanto, após aquela decepção a garota havia afastado de si o desejo de um filho, o amor a um homem e o papel feminino. Evidentemente, coisas bem diversas poderiam ter acontecido então; o que realmente ocorreu foi algo extremo. Ela converteu-se em homem e tomou a mãe, em vez do pai, como objeto de amor. Sem dúvida, sua relação com a mãe fora ambivalente desde o início, e foi fácil reanimar o antigo amor por ela e, com ajuda deste, efetuar uma sobre compensação da atual hostilidade que sente por ela. Dado que pouco se podia fazer com a mãe real, a transformação afetiva que descrevemos resultou na busca por um sucedâneo da mãe, ao qual era possível ligar-se apaixonadamente (FREUD, 2011 [1920], p. 115).

Ao optar pela inclinação homoafetiva a jovem desse caso clínico resolve através da homossexualidade outro conflito que se colocava para ela: disputar com a mãe as investidas dos homens, pois sua mãe apreciava a atenção dos homens atraída por sua aparência jovem. Como aponta Freud, ao torna-se homossexual, ela deixa a atenção dos homens, incluindo a do pai, para mãe, e desfaz a rivalidade inicial edípica com a mãe e coloca fora do caminho o que fazia parte das motivações do desfavor da mãe por ela. Para Zalberg (2003) essa posição da jovem também revela querer mostrar para o pai como amar uma mulher.

O pai da jovem homossexual se mostra irredutível quanto a aceitar a relação da filha com outra mulher. Um dia ao ver a filha atravessando a rua com uma mulher, ele as olha com

raiva demonstrando sua contrariedade. A filha reage com uma tentativa de suicídio, se jogando na linha do trem para tirar a própria vida, mas não consegue executar o plano. Freud lê esse fragmento do caso clínico como a tentativa de a jovem realizar o desejo de irritar o pai. A realização do desejo estaria metaforicamente representada pela morte, pois a jovem teria desejado a morte da mãe durante o parto do terceiro filho, pois ela quem desejava ter tido o filho e sente inveja da mãe. Sendo assim, com a tentativa de suicídio aponta para o desejo frustrado da maternidade, “o que ela pretende sustentar com sua desesperada passagem ao ato, o de jogar-se da ponte, é sua posição de mulher desejante” (ZALCBERG, 2003, p. 22). A tentativa de suicídio também revela a necessidade de contrariar o pai, e a realização de um desejo inconsciente da morte do progenitor que se manifestou desfavorável quanto seu interesse por mulheres desde o início e pela mulher, em específico, com que ela estava e ele considerava de má fama.

Podemos perceber que nesses dois últimos casos clínicos freudianos estão a gênese do que ele desenvolveu em textos posteriores sobre a sexualidade feminina. Por exemplo, no caso da jovem paranoica, ele discorre sobre a relação pré-edípica estando ligada à paranóia feminina. No texto de 1931, *Sobre a sexualidade feminina*, ele diz que o medo de ser morta, devorada, pela mãe é base da paranóia na mulher. Ele salienta que esse medo recobre a hostilidade que a menina sente pela mãe por conta das limitações impostas pela educação e os cuidados com o corpo. Ainda percebemos, nesses dois últimos casos clínicos discutidos, que as mulheres tendem a repetir a má relação com a mãe em um primeiro relacionamento amoroso. Freud também investigou na conferência de 31 essa repetição da relação mãe e filha em um primeiro casamento constituído por uma mulher. O que ele denomina como uma regressão: “a relação com mãe foi originária, sobre ela se construiu a ligação ao pai, e agora, no casamento, o que era originário vem à tona a partir do recalçamento” (FREUD, 2018 [1931], p. 292). O psicanalista nomeia de catástrofe quando a menina não consegue fazer a transição entre a mãe como objeto amoroso para o pai e, conseqüentemente, posteriormente constituir uma relação amorosa que não esteja atrelada à mãe. Para ele, portanto, algumas pessoas do sexo feminino ficam fadadas a relação originária com mãe, sendo incapazes de realizar uma viragem em direção ao homem.

4.2 Nós: quando mãe e filha se enlaçam pela devastação

A partir de Lacan extraímos, com a releitura que ele faz de Freud, que o fato de a menina entrar no complexo de Édipo pela via da castração, pode levá-la a experimentar uma relação de

devastação com a mãe, por ficar esperando que ela lhe ofereça um significante que dê conta da sua diferença sexual. Pois para Lacan, a filha busca resposta na mulher que há na mãe para os impasses com a sua própria feminilidade, e não no pai. Contudo, quando a filha fica fígada na posição de esperar mais substância da mãe, ela se devasta, pois a mãe não tem tudo que a filha espera como resposta de como se tornar uma mulher. O termo original utilizado por Lacan em francês é *Ravage*, como explica Drummond (2011), a etimologia e significados desta palavra condensam o que ele desenvolve a respeito em seu ensino. A palavra é uma derivação do verbo *ravir* (arrebatar), que por sua vez, tem origem em *rapire*, do latim popular que significa tomar à força ou tomar precipitadamente, que tem o mesmo sentido que raptó. Além disso, o verbo *ravir* (arrebatar) também faz parte do vocabulário místico, que significa ser levado para o céu, e está associado ao êxtase. Isto remete ao caráter erotomaniaco presente na etimologia da palavra e que será teorizado por Lacan como uma das facetas da devastação. Além do rigor com a escolha da palavra *Ravage* (devastação), Lacan também vai diferenciar e aprofundar em relação ao termo indicado por Freud, catástrofe, na medida em que, associa com pilares fundamentais da sua teoria, como o gozo, o Supereu feminino e as fórmulas da sexuação como veremos de forma mais detalhada nas próximas páginas. Os significados do verbo *Ravage* podem ser: desgosto profundo, dano, prejuízo ou ainda destruição executada por um homem por meio de violência repentina, que indicam o ilimitado do gozo que está em jogo nas modalidades de devastação.

Tal devastação pode ser tão intensa ao ponto de escoar para as relações amorosas de uma mulher, como propõe a teoria lacaniana: “Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um sintoma. [...] Trata-se mesmo de uma devastação” (LACAN, 2007, p. 98). Da mesma forma, que a devastação com a mãe se trata de um amor que desconhece limites, na devastação amorosa a mulher também se coloca em um lugar impossível, o de ser tudo para o Outro e esperar que o Outro seja tudo para ela. A literatura, o cinema e, inclusive, a clínica estão repletos de histórias de mulheres que estão dispostas a fazerem qualquer loucura por amor, ao ponto de se anularem completamente em nome do amor. Nas palavras de Lacan: “Assim, o universal do que elas desejam é a loucura: todas as mulheres são loucas, como se diz. É por isso mesmo que não são todas, isto é, não loucas-de-tudo, mas antes, conciliadoras, a ponto de não haver limites para as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens” (LACAN, 2003, p. 538). Mais adiante aprofundaremos nessa distinção da maneira enlouquecida que as mulheres podem manifestar ao amar, mas que não, necessariamente, se trata de uma psicose.

O que a devastação mãe e filha e as devastações amorosas têm em comum é a falta de limite do amor, da demanda de amor, que do lugar de objeto precioso que uma mulher pode se colocar em uma relação ou colocar o Outro, recai sobre si como objeto dejetivo, e, portanto, ela se devasta. Essa forma sem limites de amar, e que muitas vezes pode se expressar em um amor erotomaniaco, está atrelada intimamente com o Supereu feminino. Freud (2018 [1933]), ao retomar a discussão sobre a intensa ligação entre a menina e a mãe, vai reafirmar que se trata de uma relação ambivalente e que, muitas vezes, o estágio preliminar de ligação com a mãe não é completamente desfeito, deixando possibilidades para fixações e regressões. Como vimos em outro capítulo deste trabalho, o complexo de castração que põe fim no Complexo de Édipo masculino, no caso da menina, a introduz nesse estágio. Através da inveja do pênis, a menina desfaz parte da ligação com a mãe e entra no Édipo. O psicanalista vai apontar que o Complexo de Édipo feminino vai durar por tempo indeterminado e posteriormente é desconstruído parcialmente. Para ele, a instância do Supereu é herdeira do conflito edípico, porém no caso da menina, pelas características peculiares que ela vivencia essa fase e pela fase pré-edípica, teria como consequência um Supereu mais frágil do que nos meninos e inconsistente.

Esse foi outro ponto em que o inventor da psicanálise se equivocou ao abordar o universo feminino. A clínica pós-freudiana revelou que, na verdade, o Supereu nas mulheres funciona de forma diferente dos homens, mas que não tem nada de frágil e inexistente. Pelo contrário, na relação mãe e filha, e, conseqüentemente, nas parcerias amorosas de uma mulher, o Supereu pode ser implacável e desembocar em uma devastação. A devastação, na relação mãe e filha, traz notícias das regressões e fixações da fase pré-edípica e demonstram como a tecitura da feminilidade para uma mãe e para uma filha pode se tornar desastrosa, mantendo-as presas nessa relação alienante sem possibilidade de uma separação efetiva:

Quem nunca conheceu de perto ou de longe o gozo de uma devastação, fruto da relação conflituosa entre uma mãe e sua filha ou entre uma filha e sua mãe? São notórias as desordens propiciadas pelos efeitos maternos sobre as filhas e seu retorno de fascinações e rivalidades, tentativas frustradas de aproximação e rupturas, ameaças e culpas, ternuras e insultos, amabilidades e manipulações, seduções e abandonos (CAMPOS, 2015, p. 203).

O psicanalista completa dizendo que na devastação, na relação mãe e filha, o que está em jogo é a mulher que existe em cada uma. Uma vez que a mulher que existe na mãe pode se manifestar como um Outro superegoico para a filha. Da mesma forma, a mulher abrigada na filha poderá atuar como o Outro do supereu em direção a mãe, nas duas situações resultando

em mulheres devastadas. “Enfim, a devastação nada mais é do que um gozo irrepresentável de o supereu agir sobre aquele que ocupa uma posição fálica” (CAMPOS, 2015, p. 207).

As mulheres ao se situarem, de acordo com as fórmulas da assexuação lacaniana, no campo além do fálico, sendo circunscritas no campo fálico, mas também estando ligadas a aquilo que não tem representação fálica estão mais suscetíveis a sofrerem infiltração do supereu no gozo sem limites, que seria o gozo feminino. Quando o supereu se infiltra no gozo feminino há uma experiência de devastação, que pode ser experimentada na relação mãe e filha e ser revivida nas parcerias amorosas que mães e filhas tentam estabelecer e que muitas vezes fracassam.

A devastação na relação mãe e filha impede que cada uma possa elaborar uma separação de corpos, desejos, gozo e sexualidade. Na condição de devastação, mãe e filha ficam presas ao que uma pensa representar para outra, buscando a resposta uma na outra do que seria ser mulher. Ao caírem no engodo de achar que existe uma resposta pronta para a feminilidade e que a outra tem essa resposta, mãe e filha se devastam, pois a feminilidade é uma invenção singular que cabe a cada uma tecer, à sua maneira. Esse mal-entendido da linguagem entre mãe e filha, nomeado como devastação, tende a ser revivido nas parcerias amorosas como uma forma de alienar-se ao outro e as suas demandas:

A devastação é, portanto, o grande tormento feminino nas neuroses, e constato na minha prática analítica que a devastação leva as mulheres a sentir, pensar e agir contra o seu próprio desejo de ser feliz no amor. No estado de apaixonamento, por exemplo, a devastação poderá advir na forma de um temor de sofrer, de perder o amor, de ser enganada, de ser desconsiderada, o que nada mais é do que um tormento superegoico sobre a sexualidade feminina. A devastação acaba produzindo um estado tão apreensivo que a estratégia que algumas mulheres utilizam para apaziguar essa aflição acaba sendo uma armadilha perigosa: pensar, muitas vezes, que para não perder o amor do seu parceiro o melhor seria converter-se na Mulher que ele deseja. Assim, acabam se curvando às demandas, às exigências dele, e muitas vezes se entregam a esse servilismo de modo incondicional, entregando sua vida, suas posses, seu ser, seu corpo e sua existência à mortificação (GUIMARÃES, 2014, posição 1781).

As mulheres que se colocam nessa posição nas relações amorosas podem estar repetindo uma relação de devastação com suas mães, em que se oferecem como objeto para as demandas ilimitadas do Outro materno. Como se através da devoção ilimitada a sua mãe, pudessem receber em troca um significante que respondesse o que é ser mulher. O que tendem a se reproduzir nas relações, encontrando contornos de um amor erotomaníaco.

A mulher se dirige ao homem pelo imperativo de que ele a ame incondicionalmente; que diga o significante de seu ser, que a faria, enfim, toda – o que retorna a ela como devastação, pois a coloca em relação ao Outro faltoso. É nesse ponto que a vertente feminina do amor assume um caráter erotomaniaco (SLONGO, 2012, p. 2).

Quando as mulheres amam a partir da aceleração erotomaniaca, devido a infiltração do supereu, tendem a dirigir ao outro demandas ilimitadas, assim como a menininha fazia com a mãe, na fase pré-edípica, com suas demandas insaciáveis de amor, cuidado e atenção. Demandas essas que por não serem saciadas por completo, por ser impossível, levavam a menina a se ressentir contra a mãe. O que leva a acusá-la de não a ter amado suficientemente, por não ter sido amamentada o quanto acha que deveria, por julgar que a mãe amou mais um outro irmão, ou por não ter herdado as características e atributos físicos que considera que deveria ter herdado da mãe. Logo, quando a menina não consente com a mãe enquanto faltosa e insiste em receber dela uma resposta que defina o seu ser, ela pode desembocar em uma devastação. Pois ao invés de se separar da mãe que não tem a resposta para o seu ser feminino, para formular algo da própria feminilidade, a filha tende a ficar esperando essa resposta da mãe e, depois de um parceiro, atualizando as demandas dirigidas à mãe para uma relação amorosa com um homem:

Assim como vimos que o tempo pré-edípico se infiltra no Complexo de Édipo da menina e posteriormente se alastra por toda a sua vida, podemos pensar que a forma erotomana do amor pode ser resultado da sensação de não ter sido adequadamente amada pela mãe, interpretação neurótica para sua falta. Dito de outro modo, uma menina pode até tardiamente responsabilizar sua mãe por sua falta fálica, e na tentativa de resolver pelos caminhos do falo aquilo que escapou ao falo, pode se fixar em uma demanda infinita de ser amada pelo outro. Enquanto na erotomania psicótica o sujeito tem certeza de ser amado pelo outro, na forma erotomana de amar, o sujeito demanda, incessantemente, provas de amor desse outro (KUSS, 2021, p. 114).

É importante a distinção que a psicanalista faz entre a erotomania psicótica e a forma erotomana de amar que ocorre nas mulheres. Pois, enquanto a primeira forma está construída atrelada a um delírio psicótico, a segunda se constitui através de uma fantasia neurótica de completude e da possibilidade de tamponar a falta. As mulheres por estarem mais próximas ao real, e poderem experimentar a infiltração do gozo superegoico, amam com um amor que se assemelha a loucura, porém o que diferencia é que as mulheres são não-todas fálicas. A conexão, em parte, com o campo fálico, impede que caía no campo da psicose, contudo não isenta das possibilidades de experimentar um amor que desconhece limites e pode ser potencialmente devastador:

O grande desafio subjetivo para as mulheres, quando são tomadas pelo apaixonamento, consiste no fato de que a aceleração erotomaniaca, que é própria a esse gozo tende muito facilmente a adquirir um caráter imperativo do qual as mulheres já não têm controle, um imperativo que se impõe sobre muitas mulheres, fazendo com que se dirijam ao parceiro exigindo que ele diga incessantemente que as ama, que olhe para elas, que lhes telefone etc. Tal estado de aflição indica precisamente a presença do imperativo do supereu infiltrado nesse modo de gozo. Assim, proponho que a aceleração do gozo erotomaniaco na direção de um impulso incontrolável e devastador denuncia que o imperativo mortífero do supereu se infiltrou muito rapidamente nesse estado de gozo, que é inerente ao feminino. Porém, abro aqui uma distinção fundamental entre o gozo feminino e o imperativo do supereu: o gozo feminino não é devastador, pelo contrário, é fundamentalmente vivificante, mas por estar situado no campo do silêncio, distante das palavras, tende a sofrer os efeitos da infiltração do supereu (GUIMARÃES, 2014, posição 370 e 371).

A psicanalista, ainda, elucida que essa intromissão do supereu no gozo feminino se manifesta como um imperativo que fica sempre à espera para se impor com sua forma mortífera. Por isso, quanto mais o gozo feminino, pela infiltração do supereu, se acelera na busca do êxtase de se sentir a única acaba recaindo no oposto, que é o estado de devastação.

Kuss (2021) levanta a hipótese de que uma das motivações que levam as mulheres a se envolverem em devastações amorosas é o temor de ficarem sozinhas com seu próprio Supereu, essa exigência superegoica irrepresentável e ilimitada, resultado da fase pré-edípica mal resolvida com a mãe. Portanto, buscam em um homem um terceiro para tentar neutralizar o encontro com o próprio Supereu, mas, por vezes, acabam se relacionando com homens que encarnam a função de Supereu para elas. A psicanalista relembra que quanto mais se atende às exigências supergoicas mais ditador o Supereu se torna. O que justifica o circuito de exigências supergoicas que as mulheres entram que parecem ser sem fim, numa relação amorosa ou com a mãe.

Por outro lado, as mulheres podem buscar se proteger contra esses efeitos da devastação nas parcerias amorosas, muitas vezes, se privando de se relacionar. Essa ruptura com as parcerias amorosas revela uma dificuldade de recusar as demandas do outro, tal qual a dificuldade de limitar as demandas maternas. Sobre isso, Slogon (2012) diz que a clínica do feminino revela os vários recursos que as mulheres usam para não experimentarem a devastação no amor, que vão desde se recusarem a qualquer encontro sexual a escolher um companheiro sem atributos fálicos. Sendo assim, o amor-devastação, sem limites, está atrelado a dificuldade das mulheres de barrar o Outro.

Essa dificuldade nas mulheres de barrar o Outro, de se separar do Outro, guarda resquícios da relação pré-edipiana. Sobre essa dificuldade de separação entre mãe e filha, Elisabeth Rocha Miranda faz algumas considerações:

De um lado, a experiência clínica sugere que a devastação está ligada tanto a um silêncio do lado da mãe que deixa a menina entregue a um possível arrebatamento, quanto a um consentimento do lado do pai, que não sustenta um significante suficientemente separador entre mãe e filha, a promessa do falo por vir. De outro, há algo na relação entre mãe e filha que denuncia um raptó, um roubo de corpos, um arrebatamento que não permite a separação e se mantém como uma tentativa perigosa de fazer a relação sexual existir pela via da falta, do impossível de dizer, isto é, da pura pulsão de morte. Trata-se aqui, como diz um sujeito em análise, da impossibilidade de construir para si um corpo de mulher, uma vez que tem de carregar o de sua mãe, que o oferece por meio de demandas excessivas de ser cuidada, olhada, manipulada. Demandas que sempre acompanham de um: “Você tem, eu não”, no qual a filha escuta: “Então, você me deve”, fazendo-a sentir, em meio a isso, o próprio corpo como algo arrebatado, extraviado, perdido (MIRANDA, 2017, p. 106).

Em um primeiro momento, a menina precisa, assim como o menino, se alienar ao desejo da mãe como grande Outro, para se constituir. Porém, é preciso, em um segundo momento, iniciar um processo de separação. Entretanto, para a menina essa separação do grande Outro materno é mais complexa do que para menino, pois como vimos anteriormente a relação mãe e filha é mais permeada de ambivalências do que a relação entre mãe e filho. Portanto, é necessário que haja um terceiro entre mãe e filha que ofereça possibilidade de separação, o significante advindo do lado do pai. Como específica, Zalcberg (2003) que essa ligação particular entre mãe e filha facilita que ela fique alienada ao desejo da mãe, trazendo dificuldade para que ela constitua algo do próprio desejo.

Existem vários relatos na literatura e na clínica que constataam que algumas filhas permanecem para sempre ligadas às suas mães sem conseguirem constituir algo da própria alteridade em relação ao corpo, à sexualidade e às experiências. A psicanalista, Elisabeth da Rocha Miranda, fez um trabalho de investigação sobre essas vivências de devastação na relação mãe e filha e nas parcerias amorosas. Ela parte da teoria freudiana e laciana e emprega o termo desarrazoadas para intitular a devastação, arrebatamento e êxtase vivido por algumas mulheres, através do gozo feminino que pode ser experimentado também por um viés superegoico. Dentre as personagens da literatura e da História que a psicanalista e pesquisadora traz para articular com a teoria, está a intrigante relação de Madame de Sévigné mantida com sua filha, Françoise Marguerite, que foi documentada pela extensa quantidade de cartas enviadas pela mãe para a filha.

[...] A mais bela epistológrafa da homossexualidade feminina, cuja correspondência é um importante documento sociopolítico do século XVII, deve-se ao escândalo causado pela relação possessiva, devastadora e homossexual que manteve com sua filha Madame de Grignan. Uma relação denunciada por sua neta Pauline, que também sofreu consequências do gozo Outro, mortífero, vivido por sua mãe e sua avó (MIRANDA, 2017, p. 111).

As cartas de Madame de Sévigné endereçadas à filha, revelam a incapacidade de aceitar a separação com a filha. A epistológrafa francesa evidencia o tipo de dívida simbólica que pode ser mantida entre mãe e filha, ela se refere a partida da filha quando essa se casa, como um abandono. A psicanalista identifica através de trechos das cartas escritas por Madame de Sévigné que a separação da filha a faz reviver experiências anteriores, outras feridas não elaboradas que ela carregava que remetiam à relação com seus pais e com seu falecido marido. A respeito disso, Zalcberg (2003) argumenta que o nascimento de uma filha pode trazer à tona questões que uma mãe preferiria evitar, sendo que um filho não confronta a mãe com sua condição feminina da mesma forma que uma filha, pois quando uma filha nasce pode reacender questões que pareciam superadas ou que apenas estavam latentes em uma mãe. O que pode levar uma mãe a se entregar completamente por um amor sufocante pela filha e evitar ver o seu corpo feminino.

Além disso, outro aspecto destacado da relação entre Madame Sévigné e sua filha, pela psicanalista Miranda (2017), é a ambivalência experimentada nessa relação que se revela na sexualidade das duas. Madame Sévigné, paradoxalmente, exhibe a filha nos bailes da época, buscando atrair o olhar dos homens para a beleza e encantamentos da filha, mas, por outro lado, ressentida-se do brilho da filha pelos salões por acreditar que ela estava usurpando um lugar que na verdade deveria ser seu. Rivalidade e ciúmes que levam a mãe a querer manter a filha reclusa no lar e em seu amor mortífero. Também se percebe o esforço materno para manter a filha afastada dos traços do pai e da família paterna, buscando aprisioná-la na narrativa materna. Esses desdobramentos da relação materna e paterna de Madame de Grignan reverberam na sua experiência matrimonial:

Ainda que deseje manter-se junto ao marido, Madame de Grignan não consegue separar-se do Outro materno. Ela escolhe o marido, “segue seu amado”, mas volta com frequência para os braços de Sévigné. A demanda, o desejo e o gozo de Sévigné importam mais do que o seu próprio desejo e o seu próprio gozo. Notemos, porém, que nessa relação o que está em causa é o desejo e o gozo de uma mulher que é mãe. Trata-se, com efeito, da relação entre duas mulheres, e não mais da função materna (MIRANDA, 2017, p. 119).

A relação entre filha Madame Sévigné e Madame de Grignan está para além da função materno-filial e revela a relação entre duas mulheres, demonstrando que se trata de uma busca recíproca da construção da feminilidade que uma pode esperar encontrar na outra. No caso dessas duas figuras históricas aqui apresentadas, Madame Sévigné e Madame de Grignan, a dificuldade de se separarem custa o adoecimento das duas e repercute na maternidade da filha. A devastação vivida entre as duas alcança a neta, Pauline. Madame de Sévigné cai no adoecimento, sua filha se culpa pela sua condição de saúde e, conseqüentemente, perde um filho devido um parto prematuro. As conseqüências se desdobram até a dificuldade de se ocupar da filha mais velha, Pauline. Em um dado momento, Madame de Sévigné declina da posição de demanda ilimitada de amor a filha, se afastando da filha e dando espaço para que essa se dedique a família e marido, contudo ficará uma herança:

Os corpos de mãe e filha enfim se separam, mas a devastação seguirá como herança dada a Pauline, filha de Madame de Grignan, que revela a obscenidade em que esta e a avó viviam, ao publicar a correspondência delas e fazer-se de secretária selvagem da devastação de sua própria mãe. Como seu ato, traz à luz tanto o fascínio por essas duas mulheres quanto o horror e o ciúme que a relação entre elas lhe causava, por ter sido relegada a um segundo plano, já que a cena principal sempre se manteve ocupada pela mãe e a avó (MIRANDA, 2017, p. 121 e 122).

A relação entre Madame de Grignan e sua mãe e com sua filha retrata como algumas mulheres podem ter dificuldades de se separarem do amor primordial com a mãe para vivenciarem uma relação amorosa e a experiência da própria maternidade. Madame Grignan ao viver para atender as exigências superegóicas da mãe não consegue ter espaço para construir laços com a própria filha. Para assumir o lugar de mãe, ela precisaria abdicar, em parte, do lugar exclusivo de filha, contudo ela não suporta se distanciar da mãe, e quando cria um certo distanciamento da mãe, ela não se autoriza como mãe de Pauline e permanece presa ao filho que perdeu como conseqüência dos mal-entendidos da relação com a mãe. De certa forma, ela permanece ligada à relação de devastação com a mãe, ainda que diminua as correspondências e consiga transferir parte do investimento amoroso que tinha com a mãe para a relação matrimonial. Sobre esses modos de aproximação e distanciamentos com o Outro materno através da experiência da própria maternidade, Gonçalves (2021) explica que:

Uma mulher ao permanecer presa ao olhar da mãe, a maternidade pode se situar numa busca incansável por capturar o olhar do Outro, ou seja, ao emprestar o corpo para gerar um bebê pode ser uma tentativa de se sentir viva, vista e ao mesmo tempo circunscrever um caminho para se aproximar do corpo materno, de resgatar em seu corpo o que restou da relação com a mãe e

uma tentativa de circunscrever a sexualidade. Talvez, seja justamente por isso que muitas mulheres ao se tornarem mães dirigem um olhar de compreensão para a mãe que tiveram, de reprovação ou enderecem aos filhos a hostilidade que restou da relação com a própria mãe, porém todas essas saídas são modos de aproximações e distanciamentos do Outro materno (GONÇALVES, 2021, p. 168).

A prática clínica e a teoria psicanalítica demonstram que essas aproximações e distanciamentos das filhas em relação às suas mães dependem não só de como a filha se coloca nessa relação, mas também de como a própria mãe se coloca diante da filha e como concebe sua própria castração. Meira (2021) em sua pesquisa sobre os investimentos pulsionais das mães dirigidas às filhas, que podem ser mortíferos, nomeia esses investimentos de histórias de capturas. A psicanalista enfatiza que se a mãe se coloca em uma posição fálica, em um lugar de tudo ser, tudo ter e tudo poder, demonstrando que não aceita a própria castração, será pouco provável que ela aceite o corte do cordão umbilical com a filha. Já que nesse caso, a mãe designaria para filha a função de objeto para seu próprio uso, com a tarefa de completá-la e tamponá-la para sempre.

Para haver uma separação entre mãe e filha é preciso que a mãe se coloque como faltosa e que ela transmita algo da metáfora paterna para a filha, consentindo que existe algo que barra sua relação com a filha, portanto essa não pode ser um objeto para saciar seus imperativos. Segundo Drummond (2011), a devastação na teoria lacaniana é uma das formas de nomear o fracasso da metáfora paterna, sobre isso ela ainda discorre que:

Uma condição para essa orientação em direção ao pai é a relação da mãe com sua satisfação ou insatisfação como mulher. É preciso que a filha se desloque da posição de saturar a falta da mãe. Se a mãe não se divide pela troca fálica, se ela é toda mãe, permanece o objeto único da filha única. A criança pode permanecer na posição de fetiche da mãe, ou ainda, converter-se num dejetivo. Esta é a posição de devastação para a menina. Ela está ligada à troca fálica impossível, algo da mãe tendo escapado da lei simbólica que faria dela um objeto na estrutura de troca. Se o sujeito entra no registro simbólico da troca, ele tem a possibilidade de metaforizar o desejo da mãe. Quando isso não ocorre, a mãe permanece numa posição de Outro real, interpretado como Outro do gozo que convoca o sujeito para uma fusão impossível ou para a perseguição (Drummond, 2011, p. 8 e 9).

Esta fusão impossível que a mãe pode convocar uma filha na devastação está atrelada ao lugar que a mãe ocupa para a filha na relação pré-edípica, onde por meio do investimento libidinal que a mãe faz na filha através dos cuidados se estabelece uma relação ambivalente e intensa, anterior a relação com o pai. Rangel (2016), em seu texto “Devastação, o que há de novo?”, vai propor a articulação entre devastação e lei materna. A psicanalista aponta que a lei

materna é anterior à lei paterna, localizada na fase pré-edípica da menina com a mãe. Tal lei está ligada ao gozo materno que afeta a criança e se expressa através de um comando de submissão. Sendo que a angústia de castração é efeito desta lei materna e da instalação do complexo de Édipo. É no inconsciente que os efeitos dessa lei se revelam, através de fantasias e sintomas, a psicanalista ainda conclui que “é uma lei composta de equívocos, tal como a língua materna” (RANGEL, 2016, p. 5).

Ao ficar capturada pela lei materna, a filha não consegue fazer a transição para a lei paterna. A lei paterna seria o que viria a pôr limite na demanda desenfreada da lei materna, que desconhece limites, e que muitas vezes pode se manifestar através de uma exigência de amor, devoção e submissão da filha que a impede de viver uma história própria além da narrativa construída ao lado da mãe. Uma vez que a lei materna é ligada a um gozo materno excessivo, a filha, quando fica enclausurada nessa teia de gozo materno, pode não ter espaço para se colocar na vida em uma posição desejante. Cabe ressaltar que o desejo, na psicanálise está sempre articulado com a falta estrutural de cada sujeito, e como já foi discutido anteriormente, esse tipo de relação entre mãe e filha em que é invadida pelo excesso é justamente uma tentativa de negar a falta no Outro materno, não admite a mãe como uma mulher faltante e, portanto, que não tem como completar a filha ou oferecer uma solução pronta para sua falta. Mas, se a mãe não pode transmitir uma resposta pronta para a filha sobre a feminilidade, por outro lado, ao transmitir que ela mesma está advertida da própria falta e não a nega, ela pode autorizar a filha a construir algo da própria feminilidade a partir da falta e não tentando negá-la ou tamponá-la, na espera de um significante materno. A respeito disso, a psicanalista e pesquisadora, Lucélia Maria Gonçalves, discorre dizendo:

Acontece que a relação entre a menina e sua mãe tem uma característica passional que de algum modo resiste a separação instituída pela metáfora paterna, sobretudo, porque a menina não entra totalmente no Édipo, assim, há uma parcela que a filha permanece capturada pelo desejo materno. O momento que se inscreve a separação permanece um resto que se atrela ao sentimento de ódio pela dupla falta: a falta do falo e de um significante que dê consistência ao ser mulher. Uma mulher na mãe só pode ser aprendida enquanto falta, portanto, não lhe dá a substância feminina, pois se trata do impossível que não cessa de não se inscrever. Nessa trama se revela uma transmissão impossível da feminilidade e da identificação feminina. A demanda por um significante inexistente no Outro persiste endereçada a mãe, denuncia o fracasso da metáfora paterna e por essa via, uma mulher se aniquila na devastação. Para que a falta de um significante não tenha efeitos de devastação para a menina é preciso que a mãe mantenha a circulação pelo gozo fálico ao mesmo tempo que seja marcada pelos efeitos do significante paterno para se dirigir para a busca da feminilidade (GONÇALVES, 2021, p. 112).

O fracasso na metáfora paterna e a não separação entre mãe e filha podem ser vistas na forma como a filha se relaciona com a imagem do corpo materno. Algumas filhas passam a vida toda acusando suas mães pelas características físicas maternas que herdaram ou reivindicando atributos que gostariam de ter herdado de suas mães. O problema é que, muitas vezes, a filha fica presa nessa relação especular com a mãe, ou por rejeitar os atributos físicos maternos ou por um fascínio pelo corpo materno que ofusca o olhar para o próprio corpo. Miranda (2017) ao discutir essa questão, propõe que a partir da clínica psicanalítica pode-se aprender que no âmago da relação entre mãe e filha, existe a imagem de um corpo de mulher que se mostra desejável e deslumbrante, percebido pelo encantamento que toda menina nutre por sua mãe nos primeiros anos de vida. A psicanalista argumenta, a partir de um recorte de um caso clínico, como esse corpo materno pode se revelar como uma extensão da filha que sente suas dores e prazeres, mas também como um corpo que pode devorá-la.

Portanto, a devastação pode se dar através da forma como uma filha se relaciona com o corpo da mãe e com o próprio corpo. Contudo, há outros destinos possíveis para uma filha lidar com o corpo materno e da mulher que ela vê para além da mãe enquanto função. Inclusive, em alguma medida, uma filha precisa para sua constituição se apoiar na imagem do corpo materno e, também, encontrar uma validação para seu corpo, enquanto mulher, no olhar da mãe. E por fim, para constituir algo da própria feminilidade, uma filha precisa conseguir se separar do corpo materno, elaborar um luto dessa ligação intensa e necessária nos primórdios da constituição feminina, mas que em algum momento precisa de uma separação.

Na extensa pesquisa sobre a relação mãe e filha empreendida pela psicanalista Malvine Zalcberg, ela aponta que o corpo da mãe é inicialmente de onde a filha pode desprender a imagem de um corpo de mulher que pode ser causa de desejo de um homem, mas que para tornar-se mulher cabe a filha separar-se dessa imagem. A psicanalista descreve que o corpo está entre as queixas das filhas em relação à mãe, a queixa de que a mãe não tenha acolhido seu corpo feminino. Sendo assim, a menina porta o medo de não ser amada e o medo de não ter o corpo feminino amado, primeiramente pela própria mãe. Essa relação corporal entre mãe e filha carrega ambivalências: “a semelhança de seus corpos dá à mãe e à filha a ilusão de uma proximidade corporal que lhes causa encanto e medo ao mesmo tempo; nessa mistura de corpos não fica claro onde o corpo de uma termina e o da outra começa” (ZALCBERG, 2003, p. 87).

A menina vai depender de um investimento materno da sua imagem enquanto menina. A possibilidade da menina de amar o próprio corpo, passa pela aceitação, o reconhecimento e o amor que ela encontra na mãe pelo seu corpo feminino. Logo, a partir desse apoio que a filha encontra na mãe, ela encontrará o caminho para iniciar o processo que auxiliará a suportar a

ausência de uma identificação feminina, sendo que nunca poderá ser preenchida, mas que permanece em constante construção. Na vida adulta, uma relação harmoniosa entre mãe e filha é consequência de uma travessia em que as duas têm se proposto a percorrer com sensibilidade e delicadeza em algum momento de suas vidas. Não sendo algo natural e dado, mas é consequência de um caminho percorrido que inclui a aceitação de uma perda (ZALCBERG, 2003).

Dessa perda resulta que mãe e filha terão acesso a seu próprio corpo e a seu próprio gozo, envoltos em uma pele própria a cada uma. Da mesma forma como as mulheres não fazem parte de um todo, de uma universalidade, como Lacan propôs em seus últimos textos sobre a sexualidade da mulher, a questão da feminilidade deve ser resolvida por cada uma individualmente. O mesmo ocorre na relação mãe-filha: cada par exige sua elaboração singular. Paradoxalmente é uma verdadeira separação de corpos e de sexualidade — duas mulheres — o que mais genuinamente aproxima mãe e filha (ZALCBERG, 2003, p. 115).

É importante destacar essa distinção apontada pela psicanalista, na relação mãe e filha a possibilidade de se separar pode permitir uma aproximação. Por outro lado, podemos pensar que uma relação alienante não necessariamente significa uma aproximação genuína. É o que percebemos no recorte comentado neste capítulo sobre a relação entre mãe e filha, da Madame de Sévigné e a Madame de Grignan, ao vivenciarem uma relação de uma ilusão de completude e devastadora, elas não conseguiam alcançar uma aproximação enquanto mulheres que incluísse suas diferenças e singularidades. Por outro lado, quando elas rompem, de alguma maneira, não se pode afirmar que de fato houve uma separação subjetiva. Talvez na impossibilidade de se separar subjetivamente de suas mães, para se aproximarem de uma maneira menos invasiva e alienante, algumas filhas precisam romper com essas relações, e, paradoxalmente, permaneçam ligadas inconscientemente as demandas maternas que dão notícias nas relações amorosas, na maternidade e na relação com o próprio corpo.

Sobre as dificuldades encontradas por algumas filhas para se separarem das mães e de suas demandas, Meira (2021) vai identificar três possíveis motivações inconscientes que estariam por detrás dessa impossibilidade: uma satisfação obtida como objeto de desejo da mãe, um medo e a proibição imposta para desobedecer ao imperativo materno. No tocante a satisfação que a filha encontra na relação com a mãe e que pode encontrar dificuldades em abrir mão, a psicanalista comenta que:

Na clínica da neurose, há casos em que uma filha, mesmo adulta e com todas as condições externas, fica emocionalmente fixada no primário objeto

materno, porque, para liberar-se dele, teria que renunciar à satisfação de ser objeto que, em fantasia, completa a mãe sexualmente; ou – já não tão na neurose – ao gozo de, simbolicamente, formar com a mãe um todo fechado e absoluto. Nesses casos, a dinâmica ainda é colorida por um *quantum* de libido que confere algum grau de prazer ou ganho envolvidos. O anseio da filha de seguir neste lugar pode estar ancorado no desejo de voltar a ter aquilo que de, tão maravilhoso, foi difícil renunciar: o auge do narcisismo primário com sua glória e luz (MEIRE, 2021, p. 231).

Ainda para a autora, as filhas que temem perder essa satisfação nessa relação com a mãe, não conseguem ver os processos de crescer e separar-se da mãe como independizar-se, diferenciar-se ou conquistar a singularidade, com direitos e deveres próprios. Para a filha, capturada pela mãe fálica, crescer denota um peso mortífero, pois trata-se da sua morte ou da morte daquela que lhe ensinou que não viverá, “caso ouse deixar o leite da mãe, o leite da mãe, o leite de morte. Então, neste paradoxo entre morte e vida, separar-se adquire o significado de uma impossível partida, uma terrível perda, que repetiria uma experiência já vivida: no nascimento, vivido não como ganho, mas como angústia” (MEIRE, 2021, p. 234).

Para a psicanalista essa angústia, experimentada pelas filhas nas histórias de capturas vividas com suas mães, é semelhante à condição de desamparo do nascimento. Essas filhas veem a possibilidade de se separarem de suas mães como um perigo, nesses casos, a mãe é vivida como objeto exclusivo com quem contar, e detém todo arbítrio sobre a vida e, ainda sobre a morte da filha, o que torna muito difícil desafiar a sua autoridade, pois trata-se de uma mãe que se coloca em um lugar idealizado, de fascínio e de uma superioridade que não pode ser questionada.

A impossibilidade de questionar os imperativos maternos está, muitas vezes, ligada a uma dívida simbólica inconsciente que se constitui entre mãe e filha, logo a filha na condição de dever a vida à mãe se coloca como obrigada a atender os caprichos maternos, em detrimento de viver a própria vida. Portanto, algumas filhas deixam de ter filhos ou os têm como uma forma de atender a demanda materna, o que pode ser visto também na profissão, na escolha amorosa e na relação com o próprio corpo. A psicanalista, Malvine Zalcberg, nos ajuda a elucidar um pouco esse ponto, discorrendo quão longe uma mulher pode ir para tentar acertar as contas da dívida simbólica com a mãe:

Como se a vida concedida pela mãe à sua filha não fosse um presente gratuito, mas portasse nele a exigência de reconhecer que tal dom da vida, a um só tempo promessa de imortalidade e de morte, implicasse uma dívida que circula da mãe à filha. Negar-se à maternidade ou abortar tem, muitas vezes, para uma mulher, o sentido de recusar-se a continuar a pagar essa dívida que ela não contraiu. Se a dívida com o pai é simbólica — o preço a pagar-se por ter sido sujeito à castração — a dívida com a mãe paga-se diferentemente, ou com o

próprio corpo ou com o corpo de sua criança, em uma tentativa desesperada de se separar da mãe (ZALCBERG, 2003, p. 103).

Além disso, uma filha pode pagar a dívida simbólica com a mãe, através da própria morte psíquica. Na relação mãe e filha, para alcançar algo da própria feminilidade e subjetividade é preciso que a filha consinta com a morte simbólica da mãe, ou seja, é preciso que a figura materna perca um pouco de consistência. Uma mãe que fique no lugar de onipotência inquestionável, certamente, deixará pouco espaço para que a filha desenvolva sua singularidade. É o que nos propõe Meira (2021), para ela quando a morte simbólica do progenitor não pode acontecer ou ser experimentada, isso implica na perda de direito da filha a uma existência individual. Ela explica que a filha, diante de um cenário desses, pensa que se tentar sair do império materno, a mãe irá se vingar lhe tirando a vida. Diante da ausência paterna, a filha tolera esses mandatos maternos, pois “essa não vida com a mãe parece melhor que a morte” (MEIRA, 2021, p. 238). Para a autora, o paradoxo se impõe neste modelo de relação, para evitar a morte o que a filha garante é a própria morte, mantendo viva a mãe a imagem da mãe cujo mandatos não se pode questionar e as demandas não se pode renunciar:

Longe de sentir que ganhará novas experiências, se sair do corpo da mãe, essa filha sente que ficará em um vácuo; então, sequer concebe a possibilidade de uma existência viável longe dele. Logo, como se trata de uma questão de vida ou morte, parece não haver opção. E aí, nesse tipo de relação, um paradoxo se impõe: para não morrer, a filha abre mão da própria vida; no entanto, se permanece como o duplo da mãe, fadada a seguir um apêndice dela, essa filha está condenada à morte, tentando fugir dela (MEIRA, 2021, p. 239).

A questão da vida e da morte não é o único paradoxo que permeia a relação mãe e filha. Como vimos até aqui, a relação mãe e filha, nos seus primórdios, já se fundamenta em uma rede de ambivalências: amor e ódio, ternura e hostilidade, passividade e atividade, separação e aproximação, entre outros. Paradoxos que quando não encontram outras maneiras de elaboração podem levar a uma devastação. Uma mãe parece indispensável no início da constituição de uma filha, contudo, para que uma filha alcance tecituras da própria feminilidade, sexualidade, corpo, relações amorosas e maternidade parece precisar tornar a mãe, em certa medida, dispensável.

Como aprendemos com Lacan, uma filha espera mais substância da sua mãe, como mulher. Porém se ela esperar toda substância da mãe para se constituir, poderá se devastar, pois a mãe não tem a resposta última sobre o que é ser mulher. A mãe, como mulher, precisou encontrar os próprios caminhos para constituir sua feminilidade e sua sexualidade, o que caberá a filha também estar disposta a fazer. Nas palavras da psicanalista Malvine Zalcberg: “é separar-se da sexualidade de sua mãe que traz à filha alguma substância” (ZALCBERG, 2003, p. 89).

Se no início do percurso feminino, uma filha precisa encontrar ancoragem no olhar materno para se constituir, em um segundo momento, é necessário limitar esse olhar para que ele não seja invasivo ao extremo, como acontece na devastação. Portanto, na melhor das hipóteses, uma relação entre mãe e filha bem-sucedida é aquela que pode acabar em separação para possibilitar novas formas de aproximação. Onde não seja uma, mas, sim, duas mulheres envoltas em suas alteridades.

No próximo capítulo, iremos nos debruçar sobre a análise da obra *A filha perdida*, de Elena Ferrante, e tentar explicar como se dá as ambivalências das personagens enquanto mulheres e enquanto mães. Além disso, buscaremos examinar as relações entre as mães e as filhas do romance e como elas incidem na construção da feminilidade. Pois, compreendemos que o romance permite discutir formas de as mulheres exercerem sua feminilidade e maternidade que tem relação com questões contemporâneas, e, justamente, por ser uma ficção permite abordar questões sensíveis que podem compor a realidade subjetiva de muitas mulheres que nem sempre encontram meios de refletir e discutir sobre essas vivências. No âmbito da clínica psicanalítica, que deve estar à altura das problemáticas contemporâneas, assim como Freud e Lacan entendiam que os escritores estavam à frente da psicanálise, também acreditamos que as questões levantadas pelas personagens do romance ajudam a tensionar a teoria e a prática psicanalítica, contribuindo para repensar a teoria e as possibilidades de manifestação da angústia feminina e materna no contemporâneo. Também permitindo a psicanálise, por meio da literatura, ter um olhar atento para as questões culturais e sociais que compõem o mal-estar das mulheres mães para além do âmbito familiar. Por fim, tanto a psicanálise quanto a literatura se interessam pelas perguntas, como afirma Perrone-Moisés (2016, p. 236), “não é de hoje que a literatura se abstém de fornecer respostas. Desde o início da modernidade, a literatura tem um objetivo eminentemente crítico. A literatura não é resposta ao mundo, é pergunta dirigida a ele”. Portanto, esperamos que a análise da obra no próximo capítulo, fomente questionamentos que possam contribuir, em alguma medida, para pensar as relações entre literatura e psicanálise e sobre ser mulher e mãe na contemporaneidade, apontando para a possibilidade não de um conhecimento acabado, mas em construção.

5 NÓS E LAÇOS EM *A FILHA PERDIDA*: MULHERES, MÃES E FILHAS

Uma mãe não é nada além de uma filha que brinca.

Elena Ferrante

Neste capítulo, examinaremos as ambivalências das personagens do romance *A filha perdida* enquanto mães e mulheres à luz da teoria psicanalítica discutida nos capítulos anteriores, e consideraremos as questões socioculturais na construção do imaginário materno que são percebidas nas vivências sobretudo da personagem principal do romance, Leda, pois não pretendemos reduzir a análise da obra à mera ilustração psicanalítica. Portanto, iremos partir da concepção de Elisabeth Badinter (1985) – que traz a concepção de o amor materno idealizado e livre de ambivalências ser um mito construído historicamente, fomentado por interesses sociais e econômicos; e a perspectiva de Vera Iaconelli (2023) sobre o discurso maternalista. Examinaremos, ainda, como a forma e o conteúdo se entrelaçam em *A filha perdida*, a partir das imagens e metáforas que sintetizam os aspectos da maternidade não idealizada e não natural, e, outrossim, fazem inferência a respeito da complexidade das relações estabelecidas entre mães e filhas e entre outras mulheres, incidindo na construção da identidade feminina. Esses aspectos da forma também acabam por revelar a tecitura entre o que é subjetivo e o que é coletivo na narrativa. É o que podemos extrair da leitura e interpretação da metaforização desses aspectos desde o título da obra, a escolha intencional do nome das personagens, a imagem das cigarras, o cesto de frutas, o chapéu e o alfinete, o mar e, principalmente, da boneca. Para investigação da forma e conteúdo lançamos mão do trabalho dentro da teoria e crítica literária de Leyla Perrone-Moisés (2016), Julia Kristeva (2005), Giuliana Bergamo (2019, 2020), Mikhail Bakhtin (2003, 2014), Fabianne Secches (2020), entre outros. Além disso, investigaremos as relações entre mães e filhas estabelecidas na narrativa e como elas contribuem para construção da feminilidade das personagens com seus impasses. Partiremos da relação entre Leda e suas filhas, Bianca e Marta, e como essa relação é afetada pelas marcas do vínculo de Leda com sua mãe. Por fim, analisaremos como as relações de Leda como filha e como mãe acabam por repercutir nos laços sociais que ela estabelece com outras mulheres que atravessam a sua vida, bem como em suas questões amorosas e profissionais. No tocante a relação mãe e filha, dentro da perspectiva teórica psicanalítica, retomamos as discussões propostas no capítulo anterior e nos servimos da teoria freudiana, da teoria lacaniana e das pesquisas e produção bibliográfica de psicanalistas contemporâneas, como Leda

Guimarães (2014), Ana Suy Sesarino Kuss (2021, 2023), Elisabeth da Rocha Miranda (2022), Cleudes Maria Slongo (2012), Malvine Zalcborg (2003, 2007, 2019) entre outros.

5.1 Mulheres e mães tecidas de ambivalências

A concepção da mulher naturalmente inclinada à maternidade como destino e da mulher mãe como uma figura divina, livre de desafetos, é uma construção secular. Na Idade Média, por exemplo, a igreja teve um papel determinante para a construção da figura materna no imaginário popular como equivalente ao amor divino, isento de sentimentos negativos. Vera Iaconelli (2020) comenta que na Idade Medieval, a dedicação materna foi vista como uma forma de remissão da mulher da sua inclinação demoníaca e que na Idade Moderna essa ideia ressurgiu embasando outras visões sobre a mulher mãe:

A igreja onipresente descreveu uma maternidade santificada, como vimos anteriormente, mas é na passagem do século XVIII para o século XIX que a infância e a maternidade vão sendo envoltas numa aura de amor natural entre mãe e filhos. Mulheres virtuosas zelam por sua família, e, nesse âmbito, o desejo de ter filho vai equivalendo à natureza benevolente da mulher. Saímos da obrigação, da imposição e do desejo de pertencimento social, querendo-se ou não ser mãe, para o registro do desejo inerente a toda mulher, associado a seu caráter benigno. A mulher não é impelida a gerar, ela assim o deseja. Ser mãe lhe é tão natural que não sê-lo é uma ofensa à natureza feminina. E por desejar, ela zela por sua cria. Fora disso teríamos o desvio moral, a patologia (IACONELLI, 2020, p. 56).

Contrapondo a maternidade santificada proposta pela igreja, Elena Ferrante nos apresenta através da narradora personagem Leda, a figura de uma mulher mãe que contrasta com o imaginário da mãe angelical, que ama seus filhos com um amor livre de ódio e está disposta a fazer qualquer sacrifício por eles. A autora nos faz vislumbrar através dos desdobramentos da história dessa personagem, como ainda no século XXI, temos resquícios dessa noção moralizante e patologizante da mulher que não se enquadra nos requisitos construídos do ideal de amor natural entre mãe e filha, percebidos através dos desconfortos de Leda. Ela não queria se enquadrar como uma mulher doente, por não ser mãe, uma vez que o imaginário social fomenta a noção de que o natural e saudável é uma mulher ser mãe e o contrário pode ser sinônimo de uma anormalidade. Isso também pauta sua decisão pela segunda gestação.

Como vimos nos capítulos anteriores, as noções patologizantes são atribuídas aos comportamentos e às escolhas das mulheres. Freud e a medicina de sua época definiram como

históricas as mulheres que não se enquadravam no padrão do ser feminino da Era Vitoriana. A psicanalista Maria Rita Kehl (2016) para estudar os impasses das mulheres da época de Freud, recorre a personagem Emma Bovary, de Gustave Flaubert, como um paradigma da mulher freudiana, por ser uma descrição ficcional inserida em um conjunto de circunstâncias semelhantes às que estavam presentes no nascimento da psicanálise. Ela ressalta as tentativas de Emma em buscar várias máscaras para recobrir sua feminilidade. Inclusive, busca uma resposta para seu ser na maternidade, no desejo ter um filho homem, mas se frustra ao dar à luz a uma menina. Tanto Emma Bovary, como algumas mulheres da época de Freud, bem como Leda são influenciadas pelo imaginário social da maternidade como uma norma para a feminilidade. O próprio criador da psicanálise reforçou a ideia de que a maternidade estaria do lado da saída natural da constituição feminina.

Leda tenta romper com esse ideal da mãe perfeita com um amor imaculado; mas, ao mesmo tempo, ela é assombrada com essa herança social e cultural que retorna sobre ela como culpa, raiva e autocobranças. Somos convidados por ela a repensar a associação natural entre mãe e mulher, justamente, porque o conflito da narrativa gira em torno das escolhas de Leda enquanto mulher que não se harmonizam com sua nova condição materna. Leda se casa com Gianni, um homem natural da Calábria, com quem teve duas filhas, a primeira quando ela tinha vinte anos e a segunda dois anos depois. Seu marido não participava ativamente das atividades domésticas e dos cuidados com as filhas, de modo que a responsabilidade com as crianças se torna quase que exclusiva de Leda que não estava preparada para a realidade materna quando decide e se torna mãe. Podemos inferir que ela foi motivada pelo imaginário medieval e romântico da maternidade e quando sua vontade se realiza, ela se frustra. Porém, não convencida de seu fracasso materno, ela mais uma vez é imbuída de valores culturais e decide ter a segunda filha, na expectativa de obter sucesso materno, o que naturalmente não acontece. Ao contrário, a escolha pela segunda filha confirma sua dificuldade de estar restrita às atividades maternas, e que a concretização da maternidade definitivamente não era o que ela esperava, de modo que ela abandona as filhas com o pai e foge por três anos.

O romance se inicia em uma fase quando Leda é uma professora universitária de literatura de língua inglesa, prestes a completar 48 anos de idade e decide tirar férias em uma praia ao sul da Itália, por estar se sentindo livre das obrigações maternas com as filhas já adultas, residindo com o pai no Canadá. Contudo, o bem-estar proporcionado por essa liberdade, logo cede lugar a um mal-estar súbito, na medida em que ela rememora a relação com sua própria mãe e a relação com suas filhas. Essas lembranças são desencadeadas, principalmente, pelo encontro com uma família napolitana que também estava tirando férias na

mesma praia. Leda passa a observar essas pessoas de longe, em especial, Nina, Elena, sua filha, e a boneca Nani, principalmente na relação mãe e filha que elas desempenhavam. Um incidente a aproxima de maneira mais íntima de Nina quando ela perde sua filha Elena na praia e Leda a encontra. Contudo, Leda comete um ato para o qual não consegue encontrar explicações, ela rouba a boneca da menina. A partir disso, passado e presente se misturam através do fluxo de consciência, revelando as dores e os dissabores da experiência materna de Leda. Quando suas filhas eram pequenas, Leda saíra de casa e as abandonara com o pai por três anos. O enredo revela que a protagonista é atormentada por uma espécie de culpa por esse ato, que se atualiza ao perceber a maternidade de Nina, em um primeiro momento, como perfeita, mas também pelo roubo da boneca.

A ambivalência é um fio condutor na obra, apresentando uma maternidade que é o avesso da perspectiva romântica. Leda retrata a cisão entre ser mãe e ser mulher e os conflitos oriundos dessas duas construções que estão longe de serem naturais e equivalentes. Porém, se a atitude de Leda em deixar as filhas para viver as próprias ambições profissionais e amorosas retratam um posicionamento que confronta as ideias preconcebidas sobre ser mãe e ser mulher, por outro lado, ela não se livra dos fantasmas do imaginário sobre o que é ser uma mãe ideal, internalizando cobranças. Isso é percebido através do sentimento de culpa experimentado pela personagem, como, por exemplo, a culpa pelos infortúnios sucedidos às suas filhas, bem como as queixas que elas faziam, na adolescência, concernente às características físicas que herdaram ou não da mãe. Como verificamos no trecho a seguir: “Os incômodos, os desgostos, os conflitos delas tornavam a se impor, continuamente, e eu me amargurava, sentia culpa” (FERRANTE, 2016, p. 74). Em outro momento, ela confessa: “Naquela época, eu tinha uma dor de estômago constante por causa da tensão. Era o sentimento de culpa: eu achava que todo sofrimento que atingisse as minhas filhas era fruto do já comprovado fracasso do meu amor” (FERRANTE, 2016, p. 72). Essas passagens refletem os impasses com os ideais impostos a maternidade e o sofrimento por não os atingir, o que também percebemos nas cobranças que Leda se fazia, na infância das filhas, no que diz respeito às brincadeiras, a amamentação, em relação a atenção dispensada às filhas, entre outras coisas, como consequência da tentativa de querer ser uma boa mãe.

Um dia, após o roubo inexplicável da boneca, Leda resolve ir até uma loja de brinquedos na orla para comprar roupas para vestir a boneca. Lá, ela encontra Nina, Elena, Rosaria, cunhada de Nina, e Corrado, esposo de Rosaria. Em um dado momento da conversa, Rosaria que estava grávida se interessa em saber como eram as filhas de Leda quando crianças. Ao que ela responde: “–Lembro-me de pouco, nada, na verdade” (FERRANTE, 2016, p. 83). Rosaria não

se conforma com a resposta e retruca dizendo que não seria possível, pois ninguém se esquece de nada dos filhos. Seu posicionamento revela uma percepção universal e romântica da maternidade. Para justificar sua resposta, Leda acaba confessando que havia abandonado as filhas quando Bianca tinha seis anos e Marta tinha três. Rosaria se surpreende: “– Que coisa horrível, por quê?” (FERRANTE, 2016, p. 84). Depois dessa reação de desaprovação, Leda se questiona sobre o motivo de ter compartilhado, com uma mulher supostamente estranha, algo tão íntimo e que ela custava confessar até para si mesma. Passado pouco tempo, depois desse ocorrido, Leda ao dirigir se lembra das situações vividas com um casal de amigos, com os quais ela e o marido tiravam férias, Matteo e Lucilla e compara com os sentimentos suscitados por Rosaria:

Nunca sabemos de onde vem a velocidade do mal-estar, como avança. Estávamos na praia: lá estava Gianni, meu marido, um colega seu chamado Matteo, e Lucilla, a esposa dele, uma mulher muito instruída. Não lembro mais no que ela trabalhava, só sei que costumava me deixar em dificuldade com as meninas. Geralmente era gentil, compreensiva, não me criticava, não era cruel. Mas não conseguia resistir à vontade de seduzir minhas filhas, de fazer com que elas a amassem de maneira exclusiva, de provar para si mesma que tinha um coração ingênuo e puro — era o que ela dizia —, que palpitava em unísono com os delas. Assim como Rosaria. Nessas coisas, pouco importam as diferenças de cultura, de classe. Quando Matteo e Lucilla iam à nossa casa, ou viajávamos para fora da cidade, ou — como aconteceu daquela vez — saíamos de férias juntos, eu vivia tensa, minha infelicidade aumentava. Enquanto os dois homens falavam de trabalho ou de futebol ou de sei lá o quê, Lucilla nunca conversava comigo, eu não a interessava (FERRANTE, 2016, p. 92).

Para Leda, Lucilla representava a performance de boa mãe com suas filhas, ainda que ela não fosse mãe, “Era só Lucilla aparecer e imediatamente começava a encenar a mãe sensível, fantasiosa, sempre alegre, sempre disponível: a mãe boa. Maldita” (FERRANTE, 2016, p. 93). Leda compara que era fácil para a outra agradar suas filhas por algumas horas de passeio, esporadicamente, só que depois ela acabava ficando sozinha, na função permanente de mãe má. A partir da relação das filhas com Lucilla, Leda julga sua maternidade e sente um mal-estar parecido com o que experimenta com a observação das brincadeiras de Nina e Elena na praia: “O mal que ela me fez naquele período foi enorme. Fosse se autocelebrando durante as brincadeiras ou se sentindo amargurada quando era excluída delas, ela me fez acreditar que eu tinha errado em tudo, que eu era convencida demais, que eu não havia sido feita para ser mãe. Maldita, maldita, maldita” (FERRANTE, 2016, p. 94).

Podemos inferir que o diálogo de Leda com Rosaria remete às lembranças das experiências de Lucilla com suas filhas, por ela perceber semelhanças entre essas duas

mulheres, no tocante ao tema da maternagem. Leda via Rosaria e Lucilla como mulheres que ainda não viviam os dilemas do cotidiano materno, diante dos cuidados que uma criança demanda, Rosaria ainda estava grávida do primeiro filho e Lucilla não tinha filhos. Portanto, ambas estavam muito ligadas ao imaginário perfeito da maternagem, o que causava irritação em Leda que estava intimamente em contato com as ambivalências maternas que rivalizam o imaginário ideal com a realidade possível. Além disso, por Rosaria e Lucilla estarem pautadas nessa noção fantasiosa de maternidade, Leda acaba por se sentir acusada por elas e sentir um mal estar semelhante na relação que estabelece com cada uma delas. A psicanalista Fernanda Leal ressalta a distância da maternagem imaginária e performática da maternagem real que as mulheres enfrentam, que traz à tona o desconhecido, pois o filho que uma mãe imagina antes de nascer não é o mesmo se que revela na realidade, após o nascimento:

A maternidade não se trata de um espetáculo, como vem sendo apresentado pelos meios de comunicação e mídias sociais em geral, sobretudo nas revistas sobre as celebridades e nos perfis das redes sociais de mães blogueiras, cultuadas como divindades da vida cotidiana em família. A maternidade é o encontro com o desconhecido. Um desconhecido que vive em cada mulher, em cada homem, em cada sujeito humano, que faz parte da história de cada um. É o reviver lembranças que nem sabia existir. A maternidade é se deparar, em muitos aspectos, com o outro que não é nada daquilo que se previa, um desconhecido que vem para transformar a vida da mulher (e do pai) do lado avesso (LEAL, 2019, p.129).

Diante desse desconhecido que a maternidade apresenta, percebemos que Leda tenta se aproximar do que ela entende como aquilo que se espera de uma boa mãe. Ela nos conta sobre a indisponibilidade de sua mãe para as brincadeiras, em se deixar servir de boneca para as filhas, e, como ela se esforçou para fazer diferente com as próprias filhas: “no entanto, eu tentava manter a calma, queria ser uma boa mãe” (FERRANTE, 2016, p. 58). É possível depreendermos o quanto a concepção de boa mãe para Leda estava atrelada em ser o avesso do que a sua mãe havia sido para ela, buscando não repetir o modelo materno que ela conhecia, ao mesmo tempo em que ela associava essa concepção à expectativa social da boa mãe como aquela que atende as demandas dos filhos e está sempre disponível, mesmo que ela não consiga sustentar, pois esses modelos entram em conflito com outros desejos seus. Para Badinter (1985), a definição de boa mãe atrelada ao amor materno incondicional e natural são construções do século XVIII, quando a dedicação a criança é vista como primordial para mulher por uma razão social e econômica, além de garantir a sobrevivência da criança. Essa contingência histórica fez o amor materno tal como conhecemos surgir e direcionar esses comportamentos concebidos como de uma boa mãe e não o contrário:

É em virtude dessa "natureza boa" que se formula o seguinte silogismo: dado que a espécie sobrevive e que o amor materno é necessário a essa sobrevivência, o amor materno existe necessariamente. Quanto a mim, estou convencida de que o amor materno existe desde a origem dos tempos, mas não penso que exista necessariamente em todas as mulheres, nem mesmo que a espécie só sobreviva graças a ele. Primeiro, qualquer pessoa que não a mãe (o pai, a ama, etc.) pode "maternar" uma criança. Segundo, não é só o amor que leva a mulher a cumprir seus "deveres maternos". A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe. É certo que a antiga divisão sexual do trabalho pesou muito na atribuição das funções da "maternagem" à mulher, e que, até ontem, esta se afigurava o mais puro produto da natureza. Será preciso lembrar também que em outras sociedades — e não das menores — a "boa natureza maternal" tolerava que se matassem as crianças do sexo feminino ao nascer? (BADINTER, 1985, p. 16).

Para Badinter a possibilidade das mães rejeitarem seus filhos e não se ocuparem deles, era uma realidade frequente antes das sociedades industrializadas do século XVIII em diante. O discurso médico adjacente contribuiu para regulamentar os cuidados infantis como sendo de atribuição exclusivamente feminina, apoiada na ideia de natureza materna e exaltação do amor materno. Logo, a construção do amor materno fez a função de uma higienização das cidades, dado o alto número de abandonos de filhos por parte das mães. Com isso, a autora sustenta que as mulheres não teriam uma inclinação natural e instintiva ao cuidado materno, mas que foram papéis designados às mulheres como forma de lhes atribuir papel social e importância que garantissem a sobrevivência das crianças, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico. Em um primeiro momento, as mulheres aceitaram a função materna nesses moldes como uma forma de se beneficiarem na utopia de uma importância social, igualdade e felicidade a serem alcançadas. Contudo, a maternagem atrelada a figura da mulher, teve como consequência a destruição da mulher que existe na mãe, com seus desejos e vontades.

Veremos que se tornará necessário, no final do século XVIII, lançar mão de muitos argumentos para convocar a mãe para sua atividade "instintiva". Será preciso apelar ao seu senso do dever, culpá-la e até ameaçá-la para reconduzi-la à sua função nutritiva e maternante, dita natural e espontânea. É no último terço do século XVIII que se opera uma espécie de revolução das mentalidades. A imagem da mãe, de seu papel e de sua importância, modificou-se radicalmente, ainda que, na prática, os comportamentos tardassem a se alterar. Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes "ordenam" amamentá-los. Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho. No fim do século XVIII, o amor materno parece um conceito novo. Não se ignora que esse sentimento existiu em todos os tempos, se não todo o tempo e em toda parte. Aliás, evoca-se com prazer sua existência nos tempos antigos, e nós mesmos constatamos que o

teólogo J.L. Vives se queixava da excessiva ternura das mães em meados do século XVI. Mas o que é novo, em relação aos dois séculos precedentes, é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade (BADINTER, 1985, p. 145).

Leda evidencia ser influenciada por esse discurso do mito do amor materno enraizado, mesmo diante das novas possibilidades que foram conquistadas pelas mulheres contemporâneas. Nas primeiras observações da relação entre Nina e Elena na praia, e das brincadeiras da menina com a boneca, Leda recorda como se deram as suas gestações e reconhece que a decisão por ter ou não filhos e quantos tê-los passam por uma questão social. Ela se refere à primeira filha, Bianca, como desejada, mas também reforçada pelas crenças populares. Já a segunda filha, Marta, ela se refere como programada, de forma obediente, pois a primeira filha não poderia viver sozinha, precisava de uma irmã:

Eu havia desejado Bianca; um filho é desejado com uma opacidade animal reforçada pelas crenças populares. Ela chegara cedo, eu tinha vinte e três anos, e o pai dela e eu estávamos no meio de uma árdua luta para continuarmos a trabalhar na universidade. Ele conseguiu, eu não. O corpo de uma mulher faz mil coisas diferentes, dá duro, corre, estuda, fantasia, inventa, se esgota e, enquanto isso, os seios crescem, os lábios do sexo incham, a carne pulsa com uma vida redonda que é sua, a sua vida, mas que empurra você para longe, não lhe dá atenção, embora habite sua barriga, alegre e pesada, desfrutada como um impulso voraz e, todavia, repulsiva como o enxerto de um inseto venenoso em uma veia. Sua vida quer se tornar a de outro. Bianca foi expulsa, se expulsou, mas — era o que todos à nossa volta acreditavam, então nós também acreditamos — não podia crescer sozinha, triste demais, era necessário um irmão, uma irmã para lhe fazer companhia. Por isso, logo depois dela, programei, obediente, sim, exatamente como se diz, programei que crescesse no meu ventre Marta (FERRANTE, 2016, p. 45).

Leda nos revela o que Badinter (1985) afirma sobre a ideia de a voz do ventre ser algo cultural, pois, na verdade, o desejo de ter um filho não é isolado dos fatores psicológicos e sociais que se impõe para cada mulher, tratando-se de uma questão complexa. Nos últimos capítulos do romance, Leda retoma as memórias sobre as gestações das filhas, demonstrando que em suas gestações tentou se distanciar dos modelos maternos das mulheres de sua família, porém, ironicamente, algo escapa ao seu controle e ela não consegue se distanciar o quanto gostaria dessas heranças transgeracionais permeadas das questões culturais sobre a imagem da boa mãe e do ideal de amor materno:

Fiquei muito feliz ao saber, quando estava grávida, que dentro de mim uma vida se formava. Eu queria fazer tudo da melhor maneira. As mulheres da minha família inchavam, dilatavam. A criança estabelecida no ventre delas parecia uma longa doença que as transformava, mesmo depois do parto não

voltavam mais a ser as mesmas. Já eu queria uma gravidez vigiada. Eu não era minha avó (sete filhos), não era minha mãe (quatro filhas), não era minhas tias, minhas primas. Eu era diferente e rebelde. Queria carregar minha barriga inchada com prazer, aproveitando os nove meses de espera, espiando, guiando e adaptando meu corpo à gestação, como eu havia feito teimosamente com tudo na minha vida desde o início da adolescência. Eu me imaginava como uma peça fulgurante do mosaico do futuro. Por isso me cuidei, segui rigorosamente as prescrições médicas. Consegui permanecer bonita, elegante, ativa e feliz durante todo o período da gravidez. Eu falava com a criança na barriga, fazia com que ela ouvisse música, lia no original os textos em que eu estava trabalhando, traduzia-os com um esforço inventivo que me enchia de orgulho. O que depois se tornou Bianca já era Bianca para mim desde o início, um ser em seu melhor estado, purificado de fluidos e sangue, humanizado, intelectualizado, sem nada que pudesse evocar a crueldade cega da matéria viva em expansão. Até minhas longas e furiosas dores do parto consegui subjugar, moldando-as como uma prova extrema a ser enfrentada com sólida preparação, contendo o terror e deixando de mim — especialmente para mim mesma — uma lembrança digna (FERRANTE, 2016, p. 150 e 151).

Ao brincar com a boneca de Elena, Leda se dá conta de que a menina havia introduzido algo no abdome da boneca, para simular uma gravidez como a da tia Rosaria, e depois descobre que havia uma minhoca dentro da boneca misturada a um líquido escuro, o que ela compara à sua segunda gravidez. Na primeira gestação, ela conseguiu sentir prazer, o que se torna o contrário na segunda gravidez:

Fui bem-sucedida. Como fiquei feliz quando Bianca saiu de dentro de mim e veio para os meus braços por alguns segundos, e percebi que ela havia sido o prazer mais intenso da minha vida. Olhando agora para Nani de cabeça para baixo, vomitando na pia um jato escuro misturado com areia, não conseguia encontrar semelhança alguma com a minha primeira gravidez — na época até mesmo os enjoos foram breves e contidos. Mas depois veio Marta. Foi ela que agrediu meu corpo, obrigando-o a revirar-se sem controle. Ela se manifestou desde o início não como Marta, mas como um pedaço de ferro vivo na barriga. Meu corpo se tornou um licor sanguinolento, e suspenso nele havia um sedimento mole dentro do qual crescia um pólipó furioso, tão distante de qualquer humanidade que me reduziu, ainda que ele se nutrisse e expandisse, a uma matéria pútrida sem vida. Nani, com seu cuspe preto, parecia comigo quando fiquei grávida pela segunda vez (FERRANTE, 2016, p. 150).

Ambas as gestações de Leda retratam a distância entre a figura da mãe e da mulher, tentativa dela em conciliar esses desejos e interesses, que por muitas vezes podem ser opostos, revelando que se fazer mãe não é um processo natural. Essa disjunção entre a figura feminina e materna é defendida por Lacan e outros psicanalistas contemporâneos, conforme apresentamos nos capítulos três e quatro, a psicanálise também sustenta que os cuidados que uma mãe irá dispensar a um filho não estão garantidos por um instinto materno, o que percebemos na experiência de Leda com a amamentação. Ela amamentou a primeira filha e

mesmo assim não se sentia uma mãe boa o suficiente e tentou reparar isso com a segunda filha, porém ela não consegue amamentar Marta, aumentando sua frustração com a maternagem, experienciando que não se trata de uma questão natural e predeterminada pelo organismo e aflorando seus desafetos pelas filhas:

Bianca, eu amamentei, Marta, não; ela não pegava o peito de jeito nenhum, chorava, e eu ficava desesperada. Queria ser uma boa mãe, uma mãe irrepreensível, mas o corpo se negava. Às vezes, eu pensava nas mulheres do passado, sobrecarregadas com filhos em demasia, nos ritos que as ajudavam a curar ou a controlar os pequenos, mais encapetados: deixá-los uma noite sozinhos no bosque, por exemplo, ou mergulhá-los em uma fonte de água gelada (FERRANTE, 2016, p. 135).

A primeira gestação de Leda é acompanhada por um esforço de encontrar prazer e se diferenciar das mulheres de sua família, já a segunda gestação é tomada por um desprazer, contrastando com a visão do amor materno que se aflora naturalmente como resposta fisiológica e espontânea da mulher grávida. Talvez, esta reação de Leda a segunda gestação esteja vinculada às suas motivações de engravidar pela segunda vez: a programação obediente diante do imperativo de dar uma companhia para a primeira filha. Podemos questionar até onde se tratava de um desejo genuíno de Leda ou da necessidade de atender a uma demanda social de boa mãe. Paradoxalmente, ao tentar se distanciar da tradição familiar, Leda inconscientemente repete parte das experiências das mulheres de sua família.

Podemos inferir que a culpa seja um dos resultados da tentativa de Leda de lutar contra o lugar social atribuído às mulheres, pois ela não se conforma com as tradições, faz um movimento na vida contrário a essas tradições e as imposições estabelecidas para o feminino e para a figura materna. Entretanto, ela não consegue se livrar dessa régua pesada que recai sobre os comportamentos femininos e maternos. Ela foge da família, da mãe, das mulheres da família, busca outras referências no estudo, faz um esforço para apagar as marcas do dialeto em sua fala, mas a cada mulher que passa pelo seu caminho, mãe ou não mãe, dá vida aos seus fantasmas e a relança nas memórias da própria infância e da sua relação com as filhas. Isso redesenha a situação sobre o quanto conseguiu se distanciar dos modelos maternos familiares e o quão boa foi a sua performance como mãe.

O ápice dessa comparação é a contemplação que ela faz da dinâmica entre Nina, Elena e Nani na praia. Com o passar dos dias, ela diz que passa a buscar por elas na multidão como um espetáculo a ser contemplado. Percebemos que o quê Leda contempla nesse espetáculo tem mais associação com a forma como ela vê a relação das duas, pelo filtro das suas próprias experiências, do que necessariamente com a relação real entre essa mãe, essa filha e a boneca:

Não sei por quê, mas anotei aqueles nomes no meu caderno, Elena, Nani, Nena, Leni — talvez eu gostasse da forma como Nina os pronunciava. Ela se dirigia à menina e à boneca em uma cadência dialetal agradável, aquele napolitano que eu adoro, afetuoso nas brincadeiras e nos momentos de alegria. As línguas, para mim, têm um veneno secreto que de vez em quando aflora e para o qual não há antídoto. Lembro-me do dialeto na boca de minha mãe quando perdia a cadência meiga e gritava conosco, intoxicada pela infelicidade: não aguento mais vocês, não aguento mais. Ordens, gritos, insultos, um prolongamento da vida nas suas palavras, como um nervo lesionado que, assim que é tocado, arranca junto com a dor qualquer compostura. Em uma, duas, três ocasiões ameaçou a nós, suas filhas, dizendo que iria embora, vocês vão acordar de manhã e não vão mais me encontrar. Eu acordava todos os dias tremendo de medo. Na verdade, ela sempre estava lá; nas palavras, vivia sumindo de casa. Aquela mulher, Nina, parecia serena, e eu senti inveja (FERRANTE, 2016, p. 20-21).

Leda inveja a serenidade que conclui fazer parte da maternidade de Nina e que não encontrou junto a própria mãe e nem conseguiu vivenciar em sua experiência materna, logo a maternidade de Nina se coloca como um ideal de mãe que ela não teve e não pôde ser para as suas filhas. Nesta comparação, ela exemplifica a forma que Nina utiliza o dialeto para se dirigir a boneca, em uma cadência agradável, ao contrário da sua mãe que utilizava o dialeto em tom de agressividade e ameaças de abandono. Em uma entrevista, ao ser questionada sobre a escolha do uso do dialeto em suas obras, Ferrante responde que:

O dialeto, para mim, é o depósito das experiências primárias. O italiano as extrai dali e as dispõe sobre a página buscando registros expressivos adequados. Mas meus personagens sempre têm a impressão de que o dialeto napolitano é hostil e guarda segredos que jamais poderão entrar totalmente no idioma italiano (FERRANTE, 2017, p. 351).

Ainda sobre isso, Ferrante diz que o italiano e o dialeto napolitano seriam como dois idiomas inimigos, pois aquilo que se expressa em dialeto excede o que pode ser transferido para o italiano. Poderíamos pensar em uma associação do dialeto e da língua com a maternidade. Assim como eles são heranças culturais, para a mulher enquanto mãe também existe uma herança cultural transgeracional que é passada e afeta suas experiências, devido ao contexto no qual está inserida e as histórias que a antecederam. Pois, o dialeto remete a experiência mais regionalizada de uma comunidade, contudo não deixa de sofrer influência sobre a língua oficial e ser influenciada por ela. Assim como as experiências íntimas de maternidade de Leda não passaram ilesas das vivências com a mãe e da longa história universal sobre as mulheres e a maternidade. Na história de Leda, um dito materno em dialeto marcou sua experiência, as ameaças da mãe que iria embora.

A leitura que Leda fez desse dito materno na infância teve impacto sobre suas escolhas futuras. A psicanalista Lebovits-Quenehen (2021) salienta que a maneira como o sujeito escuta com sua singularidade as histórias que lhe são transmitidas é determinante na relação com a mãe e com os demais, para além da forma como uma mãe conseguiu acolher um filho. Portanto, a maneira como Leda ouviu as frases da mãe interferem na percepção que ela tem das filhas e das mulheres com as quais ela se relaciona durante a vida. Logo, não é só o dito materno puramente, mas a interpretação que ela faz dele atravessada pelas questões socioculturais em que ela está inserida.

Na contemplação da dinâmica entre mãe e filha e a boneca na praia, Leda captura entre elas uma presença materna que sua mãe se negou a oferecer, pois como ela declara, ela era presente fisicamente, mas ausente nas palavras. Ela se esforçou para ser presente na educação das filhas, se obrigou aos cuidados domésticos, às brincadeiras infantis até que não conseguiu manter a renúncia que estava fazendo do seu tempo de estudo, trabalho e da sexualidade. Provavelmente, tentando fugir do modelo materno de ausência, Leda acabou por reproduzi-lo em outros moldes. Em uma conversa com Nina, ela descobre que ela não era tão plena como mãe e livre de ambivalências, como ela pensava. Nina questiona sobre Leda ter abandonado as filhas, sobre as motivações em tê-las abandonado e o que a levou a voltar. Nina nomeia esses sentimentos ambivalentes da maternidade de desnorreamento e Leda, usa a palavra que aprendeu com a mãe para nomear, despedaçamento. Ao ser questionada por Nina se isso passaria com o tempo, ela responde: “Para minha mãe, isso se transformou em uma doença. Mas ela era de uma outra época. Hoje podemos viver muito bem mesmo se não passar” (FERRANTE, 2016, p. 146). Cabe pensar se Leda não estaria tentando evitar essa espécie de doença que ela percebeu desenvolvida pela mãe, devido a sua relação com a maternidade, devido às altas exigências da maternidade e os sacrifícios e renúncias que são exigidos das mulheres enquanto mães.

Em relação a isso, as entrevistadoras Marina Terragni e Luisa Muraro perguntam para Ferrante: “A mãe de Leda ameaça ir embora o tempo todo. Leda de fato vai embora, realiza o sonho da mãe. Mas depois volta para casa, diz que teve sorte por ter demorado apenas três anos para compreender, que o risco era nunca entender. Hoje as mulheres correm esse risco?” (FERRANTE, 2017, p. 236). E a resposta de Ferrante aponta para o receio que Leda tinha de ter que sacrificar tudo de si pelas filhas e ser tão infeliz quanto a mãe, como lemos na narrativa:

Voltar para casa, para as filhas, significa para Leda pôr no centro da sua busca não o puro e simples fato de tê-las parido, mas a plenitude da maternidade.

Antes, com a fuga, ela tentou uma emancipação e o confronto paritário, em tempo integral, com o mundo masculino. Depois, com a volta, sua vida pública, o trabalho, os pensamentos e os amores se concentraram naquilo que eu definiria como a prepotência da função materna. O risco que Leda corre me parece estar todo nesta pergunta: eu, mulher, hoje, conseguirei fazer com que minhas filhas me amem, conseguirei amá-las, sem ter que obrigatoriamente sacrificar a mim mesma e, por isso, me detestar? (FERRANTE, 2017, p. 236).

Antes de sair de casa, e deixar as filhas, Leda tenta conciliar seus interesses como mulher, a maternidade e os cuidados com as filhas. Em um dado momento, um pouco antes de ir embora por três anos, ela participa de um congresso sobre E. M. Forster, depois de muita insistência de seu professor. Neste congresso, ela conhece o professor, Hardy, que dá atenção a um texto seu, a partir disso ela se aproxima desse professor até desenvolver uma relação amorosa e experimentar uma ebulição de sentimentos em relação a sua vida conjugal, materna e profissional:

Entrei em uma fase de frenética e dolorosa atividade. Eu trabalhava muito e, ao mesmo tempo, sofria, pois achava que não podia viver sem Hardy. Escrevia longas cartas para ele, telefonava. Se Gianni, especialmente no fim de semana, estava em casa, eu corria para um telefone público, arrastando Bianca e Marta comigo para não levantar suspeitas. Bianca escutava os telefonemas e, embora fossem em inglês, captava tudo sem entender; eu tinha conhecimento disso, mas não sabia o que fazer. As meninas ficavam ali ao meu lado, mudas e confusas, eu nunca esqueci, nunca esquecerei. Todavia, eu irradiava prazer contra a minha própria vontade, sussurrava frases carinhosas, respondia a alusões obscenas e fazia alusões obscenas. Só ficava atenta — quando puxavam minha saia, quando diziam que estavam com fome ou queriam um sorvete ou um balão do vendedor que estava a um passo dali — para não gritar chega, vou embora, vocês não vão mais me ver, exatamente como minha mãe fazia quando estava desesperada. Ela nunca nos deixou, mesmo gritando para nós que o faria; já eu deixei minhas filhas quase sem aviso (FERRANTE, 2016, p. 121).

Leda não ameaçou deixar as filhas como a mãe fazia com ela, buscou refrear esse impulso, mas procurou experimentar uma outra vida que ela não conseguia acessar nas condições domésticas em que vivia. Ela se encontrava infeliz, submersa nos cuidados das filhas, com dificuldades em se dedicar aos estudos e ainda se sentia culpada. A culpa e a responsabilidade materna se colocaram de tal forma para Leda que, como vemos no trecho a seguir, ela inventa estratégias para driblar a culpa por não dar conta de atender e estar disponível para as duas filhas o tempo todo. Logo, se não conseguisse dar atenção a uma filha por ser demandada pela outra, ela se sentia bem por não estar fugindo da filha, se justificando por precisar atender a outra filha:

Fui muito infeliz naqueles anos. Não conseguia mais estudar, brincava sem alegria, sentia meu corpo inanimado, sem desejos. Quando Marta começava a gritar no outro cômodo, era quase uma libertação para mim. Levantava-me interrompendo bruscamente as brincadeiras de Bianca, mas não me sentia culpada, eu não estava fugindo da minha filha, era minha segunda filha que estava me arrancando da primeira. Preciso ir ver Marta, já volto, espere. Ela começava a chorar (FERRANTE, 2016, p. 58).

A associação entre responsabilidade materna e culpa também é uma construção social de longa data. Uma vez que toda a responsabilidade de cuidados de um filho é colocada na conta da mãe, por ser sua principal e mais importante função social, conseqüentemente, a culpa também vai ser depositada nela. A tese de Badinter sobre o mito do amor materno já nos advertia dessa armadilha do excesso de culpabilização das mães que foi recorrente na literatura do século XIX. As mães que eram consideradas más eram amaldiçoadas pelos defensores da mãe ideal. Eram acusadas por não amarem seus filhos suficientemente, por não amamentarem, por não os instruir e por deixá-los brincar pelas ruas, por não lhes oferecer educação religiosa, e por qualquer outra obrigação considerada negligenciada ou abandonada:

Se estavam todos de acordo em santificar a mãe admirável, estavam também em fustigar a que fracassava em sua missão sagrada. Da responsabilidade à culpa havia apenas um passo, que levava diretamente à condenação. É por isso que todos os autores que se dirigiram às mães acompanharam suas palavras de homenagens e de ameaças (BADINTER, 1985, p. 271).

Leda parece viver à sombra dessas desaprovações da mãe considerada má. Ela mede seu comportamento como mãe através das comparações com outras mulheres e, também, das demandas e queixas feitas pelas próprias filhas dando lugar à culpa. Caberia pensar o quanto dessa culpa também não está atrelada a dupla jornada de trabalho, a precária divisão das responsabilidades domésticas entre Leda e o marido e tudo que abrange o discurso maternalista. A psicanalista Vera Iaconelli (2023), em seu livro *Manifesto antimaternalista: Psicanálise e políticas de reprodução*, discorre sobre as implicações contemporâneas da presença do discurso maternalista que se fortaleceu nos séculos XIX e XX:

O maternalismo seria, então, o discurso que a sociedade adota para justificar e dar apoio às mulheres – mas não todas – historicamente reduzidas à função de mães e trabalhadoras domésticas não remuneradas, no exercício de tarefas imprescindíveis para a consolidação e manutenção do capitalismo e da reprodução social. Dito de outra forma, estamos diante do ponto culminante de uma longa cadeia de eventos políticos e sociais que promoveram um discurso que atribuía unicamente à mulher o papel de cuidadora – mesmo que por vezes acumulasse também o papel de provedora –, a fim de assim desincumbir a sociedade da responsabilidade pela economia reprodutiva e pelas próximas gerações. Algo que não tem paralelo no mundo masculino, no

qual um homem é antes de tudo um homem e, contingencialmente, pai, e para quem a paternidade é reconhecida mesmo quando ele se ausenta de suas responsabilidades (IACONELLI, 2023, p. 79 e 80).

Quando Leda se permitiu participar do congresso que mencionamos anteriormente, mesmo tendo se preocupado com toda a logística do cuidado com as meninas enquanto estaria fora, deixando a comida pronta na geladeira, pessoas que poderiam cuidar das filhas, caso o marido precisasse participar de alguma reunião, ainda assim, ao retornar é repreendida pelo marido por só ter ligado duas vezes, durante os quatro dias que esteve fora, considerando que Marta estava doente. Esse episódio da narrativa, é consoante com as características do maternalismo apontadas por Iaconelli (2023), como o acúmulo de funções por parte das mulheres e a crença que foi pregada para elas de que, ao permitir que outros cuidadores ou responsáveis se ocupem dos filhos, estariam promovendo prejuízo psicológicos para as crianças. A psicanalista ainda investiga as bases subjacentes do que se constitui como carga mental materna:

Aquilo que passou a ser chamado pelo senso comum de “carga mental materna” explicita que, embora a mulher possa delegar o ato de cuidar, permanece a ideia de que ela é insubstituível e a verdadeira responsável por tudo o que acontece com a prole. Mesmo quando se ausenta, ela é considerada – e, frequentemente, considera a si mesma – como aquela que não está cumprindo inteiramente com suas obrigações. Lembremos que o ideal maternalista é baseado no paradoxo da mulher que se instrui para cuidar da casa, trabalha para ajudar a família, mas não delega a maternidade, inclusive amamentando o tempo que for necessário (IACONELLI, 2023, p. 181).

A cobrança feita pelo marido de Leda reflete a dissimetria no exercício das funções parentais e com os cuidados com as filhas. Leda menciona que por ter engravidado muito jovem, viu as oportunidades se restringirem, mas o mesmo não aconteceu com o marido. Pelo contrário, ele não perdeu nenhuma oportunidade, se limitando a dar uma atenção esporádica para as filhas quando crianças, inclusive quando Leda as abandonou ele recorre à avó materna das crianças para cuidar delas por um tempo, reforçando essa noção do cuidado infantil como uma atribuição feminina. A psicanalista Vera Iaconelli argumenta que a psicanálise tem uma contribuição nessa correlação entre o cuidado infantil e a figura feminina. Ela explica que isso se dá, em grande parte, por conta das noções de função materna e paterna que, muitas vezes, são confundidas com questões de gênero. Colocando a mãe biológica no topo da hierarquia e, quando essa se ausenta sendo substituída por outras figuras do sexo feminino, seja da família ou profissionais:

Para elencar essa hierarquia caso a caso, basta responder quem é comumente acionado quando a genitora não assume a criança. Quantos pais assumem sozinhos a prole? Do outro lado, quantas mães o fazem na ausência do pai? Quanto menor a criança, maior é a tendência de optar por uma cuidadora do sexo feminino (avó, tia) para substituir a genitora” (IACONELLI, 2023, p. 93).

Essa hierarquia encarada como natural no discurso maternalista, também fica evidente na maneira como Leda teve as atividades fora do círculo doméstico restritas com a chegada das filhas, como se naturalmente ela fosse a única encarregada com os principais cuidados delas, representando as qualidades de insubstituível e onipresente dentro lar:

Assim, aos vinte e cinco anos, qualquer outra brincadeira havia acabado para mim. O pai corria mundo afora, uma oportunidade atrás da outra. Não tinha nem o tempo de reparar o que fora copiado do seu corpo, como havia resultado a reprodução. Mal olhava as duas meninas, mas dizia com ternura verdadeira: são iguaizinhas a você. Gianni é um homem gentil, nossas filhas gostam dele. Ele cuidou pouco ou nada delas, mas, quando foi necessário, fez tudo o que podia, agora também faz tudo o que pode. Em geral, agrada às crianças. Se estivesse aqui, não ficaria como eu na espreguiçadeira, iria brincar com Elena, se sentiria na obrigação de fazê-lo (FERRANTE, 2016, p. 45-46).

A psicanalista Fernanda Andrade Leal, em uma pesquisa sobre o estado psíquico de mulheres no pós-parto, aborda sobre a importância do pai para minimizar efeitos patológicos da vulnerabilidade materna que possam surgir. Ela afirma que o apoio e acolhimento do pai, principalmente nos primeiros meses de vida do bebê, pode atuar como um fator de profilaxia de possíveis patologias mentais que possam atingir a mulher no puerpério. A autora defende que a questão não é se a mulher pode ou não assumir função múltipla, mas que esse peso da maternidade, quando o pai é secundário, ausente ou marginalizado, torna-se um adoecimento para mãe:

É preciso encontrar outro lugar para o pai e para a mãe em nossa sociedade, pois o que se verifica é que esse modelo materno elevado à divindade, no qual cabe à mãe todas as responsabilidades sobre o filho e em que o pai frequentemente se encontra à margem, só tem provado que o adoecimento psicológico é a saída (tanto da mãe quanto da criança) (LEAL, 2019, p. 52).

Excluir o pai das atividades de cuidado e responsabilidade com uma criança resulta em vários problemas, mas, para além disso, existe um problema de esfera maior, que é a ausência do papel de cuidado de toda a sociedade frente à infância. A psicanalista Vera Iaconelli (2023) aponta que o cuidado das próximas gerações inclui cuidar das mulheres/mães, mas também inclui resgatar a responsabilidade da sociedade de forma geral pelas novas gerações. Pois, de acordo com a sua tese, defendida em seu livro contra o maternalismo, esse discurso de atribuir à mãe

toda responsabilidade educacional sobre os filhos é uma forma de tentar resolver um problema coletivo, no nível privado.

Logo, seria uma forma das outras instâncias sociais se eximirem das responsabilidades frente à infância, colocando tudo na conta da mãe. As crenças que embasam essas visões de mundo são expressas em frases e ditos populares do tipo: “a culpa é da mãe”, “cadê a mãe dessa criança?”, ou ainda, “essa criança não tem mãe?”. Em sua pesquisa, Iaconelli (2023) salienta que somos influenciados até hoje pela mentalidade do século XVIII, em que as habilidades maternas de uma mulher eram supervalorizadas. Se a mulher não tivesse filhos, o papel social de cuidadora deveria ser direcionado para outras pessoas, como sobrinhos, os próprios pais ou outras pessoas próximas. A valorização desses atributos de cuidados considerados femininos visava compensar as perdas no âmbito pessoal das mulheres. Logo, a base da maternidade real seria o sacrifício, abnegação e culpa do lado da mulher; ao homem, por outro lado, a boa paternidade se resumiria a prover materialmente as necessidades dos familiares e controlar os seus comportamentos. A psicanalista argumenta que essa divisão social de papéis, pautada na biologia que se convencionou, fundamentou várias injustiças, inclusive, materiais com as mulheres mães:

A divisão biológica da reprodução tem sido usada para justificar tanto a subalternização das mulheres nos cuidados com a prole como também inúmeras outras injustiças decorrentes: a não contratação de mulheres em idade fértil, os salários menores em cargos iguais, a demissão quando voltam da licença-maternidade. O ciclo de hiper-responsabilização e falta de apoio se fecha com a impossibilidade de os cuidados com a próxima geração serem sustentáveis. Além disso, a romantização das competências da genitora faz com que, convenientemente, outras pessoas que cuidam do bebê sejam consideradas arremedos perto dela – argumento que permeia as mentalidades e está na base de interpretações patologizantes e decisões equivocadas de alguns especialistas (IACONELLI, 2023, p. 218).

Não é novidade que esse modelo opressor recai sobre as mulheres, muitas vezes, como infelicidade e sofrimento. Isso é o que Leda nos demonstra ao examinar suas experiências gestacionais e os primeiros anos de vida das filhas. A experiência dos primeiros anos de vida da primeira filha ressignifica negativamente os momentos de alegria que ela encontrou durante esta primeira gestação. Posteriormente, impacta em sua percepção da segunda gestação. Ela nos conta como o cansaço, a falta de energia e força lhe tiraram a capacidade de se emocionar com a segunda gestação, enquanto atravessava esses conflitos seu marido estava ocupado demais:

Eu já estava infeliz naquela época, mas não sabia. Parecia que a pequena Bianca, logo após seu lindo nascimento, havia mudado de maneira brusca e

roubado traiçoeiramente toda a minha energia, toda a minha força, toda a minha capacidade de fantasia. Parecia que meu marido, ocupado demais com a sua fúria de progredir, sequer percebia que sua filha, depois de nascer, havia se tornado voraz, exigente, desagradável como nunca me parecera dentro da barriga. Descobri aos poucos que eu não tinha a força para tornar a segunda experiência tão emocionante quanto a primeira. Minha cabeça afundou para dentro do corpo, parecia que não havia prosa, verso, figura de linguagem, frase musical, sequência de filme ou cor capaz de domesticar a fera sombria que eu carregava no ventre. Aquela foi a verdadeira derrocada para mim: a renúncia a qualquer sublimação da minha gravidez, a desconstrução da mesma lembrança feliz da primeira gestação, do primeiro parto (FERRANTE, 2016, p. 151).

O cenário de Leda com a chegada da segunda filha desmente a ideia de que um segundo filho é mais fácil para uma mãe, como se a primeira experiência materna garantisse que a segunda fosse bem-sucedida. O que não leva em consideração a singularidade da mulher e outros fatores que podem interferir no exercício da maternidade, que não se trata de uma pura programação biológica. A psicanalista e pesquisadora Fernanda Leal (2019) adverte que muitas vezes o adoecimento de uma mulher mãe não ocorre nos primeiros dias da vida de um bebê, logo no pós-parto, mas pode ocorrer de forma mais tardia, quando a criança está com um ano de vida ou próximo de completar dois anos. Ela ainda afirma que a chegada de um segundo filho também pode ser um fator que se soma a esse adoecimento e que impulsiona uma mulher a procurar acompanhamento psicológico. No que diz respeito a alguns fatores que contribuem para essa realidade, a autora aponta algumas alternativas:

Nos dois casos são inúmeras as razões, mas todas elas de alguma forma surgem como eco do grande lema materno da atualidade, a saber, a mãe dedicada e perfeita. No primeiro caso, por exemplo, posso supor que um e dois anos é tempo suficiente para que uma mãe, que se dedique inteiramente à maternidade próxima a moldes previstos pela ideologia da maternidade contemporânea, encontre-se sugada, exausta e atropelada pelas exigências sobretudo, psicológicas, que a maternidade lhe impõe. No segundo caso, não muito distante da primeira observação, a chegada do segundo filho faz a mulher reviver experiências que são muitas vezes difíceis de assimilar, sem contar com o medo que surge em como será ter que lidar com duas crianças e amá-las da mesma forma, trata-las da mesma forma etc (LEAL, 2019, p. 124).

Uma das lembranças de Leda retrata bem essas dificuldades que uma mulher pode encontrar na chegada de um segundo filho, em um cenário de exaustão e cansaço. Ela conta que quando uma das filhas, Bianca, tinha três anos de idade, para acalmar o ciúme pela irmã caçula, ela presenteia a filha com a boneca que havia sido sua na infância, Mina. Contudo, Bianca despreza a boneca e a destrói. Em um dia, em um acesso de raiva, Leda grita com a filha por conta da forma como ela tratava a boneca, e joga a boneca na rua. Os carros passam por cima

dela. Leda confessa que o que a filha tinha feito com sua boneca de infância a deixou triste e que: “um dano remediável, mas que para mim pareceu irreparável. Tudo durante aqueles anos me parecera irreparável, eu mesma era irreparável” (FERRANTE, 2016, p. 59). Percebemos que, na verdade, essa reação com a filha por conta da boneca condensa o mal-estar que Leda estava enfrentando pelas diversas situações acarretadas pelas mudanças da maternidade em sua vida. Um pouco antes de descrever esse desentendimento com a filha, ela confessa que: “eu não conseguia abrir um livro havia meses, estava esgotada e com raiva, o dinheiro nunca bastava, eu dormia pouquíssimo” (FERRANTE, 2016, p. 59).

No tocante a esse mal-estar, que pode ser experimentado por mulheres mães em resposta ao modelo ideal de maternidade, a psicanalista Vera Iaconelli (2023) comenta que esse modelo não reflete as necessidades das mães e das crianças, tendo por consequência uma geração desassistida. Ela enfatiza que a inteira responsabilização das mulheres se trata de um modelo de maternidade anacrônico, que se revelou insustentável no passado e que na contemporaneidade está destinado ao colapso:

Diante de uma realidade na qual homens e mulheres disputam o espaço público, mulheres continuam acumulando cuidados domésticos e a chefia dos lares, novas formas reprodutivas são popularizadas e configurações familiares não hegemônicas passam a ser reconhecidas, é imprescindível que reflitamos sobre o que entendemos por maternidade e paternidade hoje. O colapso do modelo ideal de maternidade herdado do século XVIII e recrudescido no início do século XX é perceptível. Seu fracasso se faz notar no adoecimento das mulheres, na corrosão da conjugalidade com a chegada dos filhos, na precarização dos cuidados da infância e na perda do direito à descendência em populações mais pobres (IACONELLI, 2023, p. 28 e 29).

As condições materiais e o contexto doméstico de Leda, neste momento do nascimento e infância das filhas, nos remete às palavras de Virginia Woolf:

É isso. Liberdade intelectual depende de coisas materiais. Poesia depende de liberdade intelectual. E mulheres sempre foram pobres, não simplesmente nos últimos duzentos anos, mas desde o início dos tempos. As mulheres tiveram menos liberdade intelectual do que os filhos de escravos atenienses (WOOLF, 2020, p. 136).

A escritora britânica sustentou a tese de que para escrever ficção, e podemos generalizar para outras atividades intelectuais, uma mulher precisa de um teto todo seu e de dinheiro. Ela contrasta a quantidade de grandes escritores em um período da história, como Shakespeare e a ausência de títulos de autoria feminina. Ao levantar as possíveis causas para isso, ela problematiza a dedicação excessiva das mulheres à função materna, a quantidade de filhos, a maternidade precoce e todas as demandas de um filho sobre uma mãe, as impedindo de se

dedicarem a outras atividades com as mesmas possibilidades que os homens. Ela também aponta as condições precárias em que muitas mulheres escreviam, nas salas de estar das casas, sujeitas a todos os tipos de barulho e interrupções, sem usufruírem de privacidade e condições para se concentrarem. Diante disso, para Virginia Woolf, se Shakespeare tivesse tido uma irmã, com o mesmo talento que ele, vivendo na mesma época, certamente não teria tido o mesmo desfecho bem-sucedido que ele:

Mas que tem de verdade nisso, assim me parece, revisitando a história da irmã de Shakespeare como eu tinha feito, é que qualquer mulher nascida com um grande dom no século XVI teria com certeza enlouquecido, se matado com um tiro ou terminado seus dias em alguma casa de campo, meio bruxa, meio maga, temida e ridicularizada (WOOLF, 2020, p. 64).

As situações precárias e desiguais para as mulheres continua sendo uma fonte de sofrimento como foi nos séculos passados. Leda se queixa de não poder gozar das mesmas condições e oportunidades que o marido. Essas condições materiais precárias para ela, a falta de “um teto todo seu”, como sugerido por Virginia Woolf, são fatores cruciais para os dilemas vivenciados por ela na maternidade e na vida profissional. Leda vive uma divisão subjetiva entre querer estar com as filhas, mas também querer alcançar outras coisas para além da maternidade, e na impossibilidade de conciliação, ela vai embora, não sem culpa, mas tenta romper com as condições em que se encontrava. Isto é condensado na resposta que ela dá para a reação de desaprovação de Rosaria por ela ter ido embora e deixado as filhas: “Às vezes, precisamos fugir para não morrer” (FERRANTE, 2016, p. 84).

A maternidade para Leda produz um apagamento tão feroz da sua posição enquanto mulher, que a saída que ela encontra é ir embora como uma possibilidade de separação entre a mãe e a mulher. O que nem de longe apazigua para ela esse hiato entre ser mãe e ser mulher, como proposta por Lacan e outros psicanalistas que vimos no capítulo três deste trabalho, já que os conflitos ressurgem para Leda de outras formas e se revelam não solucionados. Kuss (2021), a partir de considerações psicanalíticas, propõe que muitas mulheres contemporâneas não conseguem se separar dos filhos, e do aprisionamento que a maternidade pode representar para elas com demandas ilimitadas e sacrifícios excessivos. Por isso, algumas mulheres enquanto mães vão odiar a posição materna como uma forma de não serem engolidas por essas exigências. Na impossibilidade de ter uma vida que não se restringe apenas aos filhos, algumas mulheres usam o ódio como a única saída para se diferenciarem da figura materna. A psicanalista apresenta algumas expressões proferidas por mulheres mães contemporâneas através das redes sociais:

Num ímpeto de romperem com esse lugar da mãe prisioneira de seu filho, crescem hashtags como “Eu amo meu filho, mas odeio ser mãe”. É claro que é preciso considerar a fundamental cota de ódio que se faz presente em todas as relações amorosas, tal como Freud nos ensina. Mas o que eu gostaria de destacar aqui é o que parece ser também um apelo à mulher na mãe. Rompendo com a romantização do sofrimento que faz existir a “boa mãe”, a mãe “toda”, essas mulheres-mães fazem o amor pelo filho sobressair em relação à fantasia de resolver a feminilidade com a maternidade. O ódio à posição de mãe talvez apareça como uma tentativa de separação dessa posição devastadora tão propagada (KUSS, 2021, p. 70 e 71).

Podemos pensar a partir das proposições apresentadas acima que as ambivalências, como amor e ódio, são intrínsecas à constituição humana como ocorrem nas facetas da maternidade e da feminilidade de uma mulher. Como também sustenta a proposta da psicanalista, Michèle Benhaïm (2007), que analisamos no capítulo três deste trabalho, em que ela propõe que a ambivalência materna pode ser negativa ou positiva e que o ódio, que anda lado a lado com o amor materno, pode ser mortífero, mas também pode ser estruturante e necessário para separação entre o par mãe-filho. Entretanto, quando esse ódio não pode ser simbolizado ele pode se tornar destrutivo para mãe e para o filho. Por isso, muitas vezes na impossibilidade de elaborar uma separação subjetiva dos filhos, algumas mães recorrem a um rompimento como a única saída.

Logo, a ambivalência faz parte do cotidiano de uma mulher mãe, contudo questões subjetivas, sociais e culturais que atravessam a realidade de cada uma podem acentuar essas ambivalências, como observamos na história de Leda. O confronto de Leda com suas lembranças enquanto mulher e mãe e as relações que a personagem estabelece com outras mulheres, demonstram como há, culturalmente, temas evitados e difíceis de serem verbalizados, até entre as próprias mulheres. No final do primeiro capítulo de *A filha perdida*, há uma frase que condensa essa questão e outras que são relevantes na narrativa: “As coisas mais difíceis de falar são as que nós mesmos não conseguimos entender”. (FERRANTE, 2016, p. 6). Essa mesma frase foi selecionada pelo editor da obra em português para compor o texto da orelha do livro. Marlene Rodrigues Brandot (2021) desenvolveu um trabalho analisando os aspectos paratextuais do romance *A Filha Perdida*, ela salienta que a frase está na primeira pessoa do plural, evidenciando que Ferrante destaca algo que pode ser experimentado por outras pessoas, para além da personagem do romance. Outro aspecto destacado pela pesquisadora sobre o conteúdo desse romance é que ele aponta questões contemporâneas sobre as vivências sociais. Ela sintetiza que a romancista traça um elo entre a narrativa literária e a história geral das mulheres, uma vez que a protagonista amplia a realidade social.

Ferrante revela nesse romance aspectos que permeiam as vivências femininas, como a culpa e os julgamentos do universo materno. A frase mencionada condensa esses aspectos que podem ser experimentados pelas mulheres, ainda que de forma singular, em diferentes épocas. Logo, ela condensa os aspectos milenares que compõem o discurso maternalista que citamos anteriormente. Além disso, essa frase também funciona como uma espécie de síntese, que anuncia, implicitamente, o restante dos conflitos que irão se desenrolar na história: a relação confusa de Leda com sua mãe; o abandono das filhas pequenas e depois o desejo de retornar para perto delas; a fascinação pela relação de Nina, Elena e Nani e o roubo da boneca e a dificuldade em devolvê-la. Todos esses são acontecimentos que Leda não consegue explicar para si e nem para os outros, marcando um aspecto que foge do sentido.

Através da contemplação da relação entre Nina, Elena e a boneca, Nani na praia, Leda rememora e passa por um processo de contar, de certa forma, para si mesma, as coisas mais difíceis da sua vida, para as quais não encontra sentido. Ao mesmo tempo, a observação dessa relação maternal é um dos aspectos que alimenta a culpa e todas as demais ambivalências experimentadas pela personagem durante a sua estadia na praia. Ela interpreta a maternidade de Nina como perfeita: “atribuía a ela um papel de mãe perfeita, de filha bem-sucedida, mas compliquei sua existência subtraindo a boneca de Elena” (FERRANTE, 2016, p. 165). Ela passa a observar as brincadeiras de Nina com Elena, e considera haver uma harmonia entre elas, uma ternura e um prazer que chega a concluir que a maternidade era o único desejo de Nina: “A moça, já bonita por natureza, distinguia-se com aquele seu jeito de ser mãe; parecia não querer nada mais além da menina” (FERRANTE, 2016, p. 19). O que conseqüentemente levou Leda a sentir inveja desse modelo de maternidade que para ela era inalcançável se contrapondo com as suas lembranças permeadas de ambivalências da relação com sua mãe e também com suas próprias filhas. Em certo ponto da narrativa, ao ficar muito tempo no mar, Leda se lembra de como sua mãe reagia quando isso ocorria em sua infância, ela interpreta a atitude da mãe como uma ambivalência que oscilava entre atos de cuidado e de raiva:

Minha mãe, quando percebia que eu estava naquele estado, me puxava para fora da água aos berros. Via que eu batia o queixo e ficava com mais raiva ainda, me empurrava, me cobria da cabeça aos pés com uma toalha e me esfregava com tamanha energia, tal violência, que eu não entendia se era de fato preocupação com a minha saúde ou raiva reprimida por muito tempo, uma ferocidade que me esfolava a pele (FERRANTE, 2016, p. 48).

Leda experimenta esse mesmo traço de ambivalência materna, entre cuidado e raiva, com suas filhas. Quando Elena se perde na praia, Leda se lembra de uma vez em que a sua filha Bianca

também se perdera na praia:

Bianca estava chorando quando a encontraram, quando a trouxeram de volta para mim. Eu também chorava, de felicidade de alívio, mas, no entanto, gritava de raiva – como minha mãe – pelo peso acachapante da responsabilidade, pelo vínculo que sufoca, e empurrava minha primogênita com o braço livre, gritava: você vai me pagar, Bianca, vai ver só em casa, trate de nunca mais se afastar, nunca mais (FERRANTE, 2016, p. 52).

Diferente da raiva e violência que ela inferiu dos atos da mãe e que vivenciou em sua própria maternidade, ela conclui, nos primeiros momentos que observa Nina, que ela encarnava um modelo materno ideal, o oposto do vínculo que sufoca e do peso da responsabilidade: “Aquele mulher, Nina, parecia serena, e eu senti inveja” (FERRANTE, 2016, p. 21).

Em um certo ponto da narrativa, Leda começa a colocar em xeque a idealização da maternidade de Nina. A partir do roubo da boneca, e das reações que a falta da boneca suscita em Elena, ela passa a observar tensões na relação mãe e filha de Elena e Nina que antes tinham passado despercebidas. Outro ponto de virada, na percepção de Leda sobre essa relação, é quando ela se dá conta do caso extraconjugal que Nina mantinha com Gino, o salva-vidas que trabalhava na praia onde elas estavam passando as férias. Em um dia, ao procurar a casa onde Nina estava com a família, ela flagra os dois se beijando no bosque, nas proximidades da casa. Ela julga que Nino estivesse se aproveitando da fragilidade de Nina devido os transtornos que ela estava passando com a filha por conta do desaparecimento da boneca: “Ele a provocava, a atraía para si justamente quando ela estava mais frágil, esmagada pelo peso da filha” (FERRANTE, 2016, p. 113). Leda sente um incômodo ao saber da existência da relação dos dois, a partir disso ela começa a fazer uma correlação entre essa escolha de Nina e a sua própria escolha de ter ido embora quando as filhas eram pequenas e a relação extraconjugal que manteve com o professor da faculdade:

Levantei da espreguiçadeira, agitada, e apanhei minhas coisas com pressa. Eu estava errada, disse a mim mesma, a partida de Bianca e Marta não me fizera bem. Parecia ter feito isso, mas não era verdade. Há quanto tempo não ligava para elas, precisava ouvi-las. Desancorar-se, sentir-se leve não é algo positivo, é uma crueldade consigo mesmo e com os outros. Preciso encontrar uma maneira de dizer isso a Nina. Que sentido tem um caso de verão, como uma adolescente, enquanto a filha está doente. Ela havia me parecido tão extraordinária quando estava com Elena, com a boneca, embaixo da barraca, ou sob o sol, à beira-mar. (FERRANTE, 2016, p. 114).

As ambivalências da maternidade de Nina e seus conflitos enquanto mãe e mulher são percebidas por Leda, que a princípio só conseguia enxergar a díade complementar e harmônica

entre mãe e filha e, metaforicamente, reproduzida na interação da menina com a boneca. O que fica mais evidente em um diálogo entre ela e Nina. A jovem decide pedir a Leda as chaves do apartamento, onde ela estava hospedada, para ter um encontro com o amante. O rapaz fica responsável por pedir as chaves, mas ao pedir para Leda, ela sinaliza para que Nina vá conversar com ela a respeito. Na ocasião, ela aconselha Nina sobre retomar os estudos e trabalhar. Ao que a jovem mãe confessa decepcionada: “Não sei nada e não valho nada. Fiquei grávida, pari uma filha e não sei nem mesmo como sou por dentro. A única coisa que quero de verdade é fugir” (FERRANTE, 2016, p. 171).

A atitude de Leda em aconselhar Nina também revela como suas ambivalências maternas são atualizadas na relação que estabelece entre mulheres, pois acaba se colocando, de certa forma, em uma posição maternal em relação à jovem, e revive parte dos conflitos que tinha com a própria mãe e depois com as filhas. Afinal, Nina tinha aproximadamente a mesma idade das filhas de Leda e, simultaneamente, a idade que Leda tinha quando se tornou mãe. Como vimos com Freud no capítulo anterior, a intensa ligação da fase pré-edípica da menina com a mãe é marcada por uma ambivalência que deixa restos na vida de uma mulher, que podem retornar em fases posteriores da sua vida. A respeito dessa ambivalência no romance, veremos mais detalhadamente adiante, que isso é condensado nos nomes das personagens, pois o nome Leda e Elena foram escolhidos por Ferrante por sua relação com uma das versões do mito grego de Leda, Elena e Zeus. No qual se estabelece uma relação entre Leda e Elena de filha-não filha. Leda constitui relações de filha-não filha com Elena e sua boneca, mas também com Nina ao se identificar com pontos da sua história e ao tentar alertá-la das implicações de suas escolhas que ela julgava conhecer por ter experimentado conflitos e ambivalências semelhantes como mãe e mulher.

Uma das grandes ironias da narrativa é Leda perceber e se dar conta de que a maternidade de Nina não era perfeita como ela tinha desenhado para si em sua fantasia. Como Ferrante discorre a respeito: “Leda acha que vê na relação entre a menina Elena e sua boneca uma espécie de miniatura feliz da relação mãe-filha. Mas uma miniatura é sempre uma simplificação. E as simplificações cegam” (FERRANTE, 2017, p. 237). Logo, quando ela enxerga essa relação de forma mais abrangente, ela se dá conta de que Nina compartilhava do sentimento e desejo de fugir como ela mesma havia vivenciado por tantos anos e, também, a sua mãe. A resposta de Nina acima sinaliza que, em sua vivência enquanto mãe e mulher, a maternidade não havia trazido uma resposta para o seu ser, mas suscitado uma série de incertezas sobre si. Com uma certa distância, Leda não havia conseguido se dar conta disso, mas na medida que se aproximou pôde perceber os conflitos da jovem mãe napolitana. Leda

interpreta que as decisões que Nina estava prestes a tomar poderiam ter sido influenciadas por sua postura: “Dei a impressão de ser uma mulher livre, independente, refinada, corajosa, sem partes ocultas, mas construí as respostas às suas perguntas aflitas como exercícios de reticência. Com que direito, por quê? Nossas afinidades eram superficiais, ela corria riscos muito maiores do que os que eu havia corrido vinte anos antes” (FERRANTE, 2016, p. 165). Leda, mais uma vez, assume uma atitude ambivalente na narrativa. Ela conhecia, em parte, a necessidade de Nina em romper com certas situações que vivia, em contrapartida, ela temia as consequências que a jovem poderia experimentar a partir disso, por conta do seu contexto:

Quando o peso no fundo do ventre se tornou insustentável e voltei para Bianca e Marta, algumas pessoas haviam se retirado em silêncio da minha vida, algumas portas tinham se fechado para sempre, meu ex-marido decidira que era sua vez de fugir e foi embora para o Canadá, mas ninguém me expulsou nem me julgou indigna. Nina, por sua vez, não tinha nenhuma das defesas que eu ergui antes da ruptura. E, nesse meio-tempo, o mundo não havia melhorado nem um pouco; pelo contrário, tornara-se mais cruel com as mulheres. Ela — em suas próprias palavras —, por muito menos do que eu tinha feito anos antes, corria o risco de ser degolada (FERRANTE, 2016, p. 166).

Leda se preocupava com o que poderia acontecer com Nina por saber das dificuldades que as mulheres enfrentam quando se afastam dos papéis que lhes são designados. A crueldade do mundo para com as mulheres, que Leda aponta, remete às violências que as mulheres enfrentam, em diferentes roupagens, no decorrer da história. A pesquisa da filósofa italiana, Silvia Federici, atesta a percepção de Leda de que o mundo não melhorou para as mulheres, mas se tornou ainda mais cruel. Federici, em um capítulo intitulado “Globalização, acumulação de capital e violência contra as mulheres: uma perspectiva internacional e histórica”, defende que da caça às bruxas aos mecanismos do capitalismo contemporâneo, a violência contra a mulher continua sendo crescente em diferentes formas de manifestação, da mesma forma que a tentativa de criar mecanismos para que as mulheres se silenciem diante da normalização dessas práticas:

Apontar e perseguir as mulheres como “bruxas” preparou o terreno para o confinamento das europeias no trabalho doméstico não remunerado. Isso legitimou sua subordinação aos homens, dentro e fora da família. Deu ao Estado controle sobre sua capacidade reprodutiva, garantindo a criação de novas gerações de trabalhadores e trabalhadoras. Dessa forma, as caças às bruxas estruturaram uma ordem especificamente capitalista, patriarcal, que continua até hoje, embora tenha se ajustado constantemente em resposta à resistência das mulheres e às necessidades sempre em transformação do mercado de trabalho (FEDERIC, 2019, posição 83).

A possibilidade de o marido de Nina responder a sua infidelidade conjugal com algum tipo de violência física ou/e psicológica revela uma prática milenar dos homens em relação às mulheres, segundo os dados levantados pela filósofa italiana. Porém, cabe ressaltar que a infidelidade masculina dentro do matrimônio nunca teve as mesmas consequências sociais que estão destinadas às mulheres, da mesma forma que o abandono paterno é naturalizado, enquanto o abandono materno é demonizado. Federic (2019) descreve algumas das práticas violentas reservadas às mulheres, nos anos 1920 e 1930, nos Estados Unidos, por exemplo, que perpetuava as práticas violentas das caças às bruxas iniciada, na Europa, no século XV:

A violência contra as mulheres não desapareceu com o fim das caças às bruxas e a abolição da escravidão. Pelo contrário, foi normalizada. Nos anos 1920 e 1930, no auge do movimento eugenista, a “promiscuidade sexual” feminina, retratada como doença mental, era punida com internação em hospitais psiquiátricos ou esterilização. A esterilização de mulheres de grupos étnicos minoritários, de mulheres pobres e de mulheres que exerciam sua sexualidade fora do casamento continuou até os anos 1960, tanto no sul quanto no norte, tornando-se “a forma de controle de natalidade que mais rapidamente cresce nos Estados Unidos” (FEDERIC, 2019, posição 89 e 90).

O potencial violento do marido de Nina descrito no romance traz à tona essas questões históricas sobre a vulnerabilidade feminina universalmente compartilhada. Mais especificamente, é um convite a discutir e refletir sobre a violência típica da cidade de Nápoles, que revela bagagens sociológicas e culturais compartilhadas entre Leda e Nina (pois ambas são napolitanas) e que atravessa as ambivalências experimentadas por elas enquanto mulheres e mães. O enredo descreve o marido de Nina e os demais familiares de forma que leva a inferir que eles seriam camorristas, um tipo de grupo criminoso organizado de Nápoles. Elena Ferrante confirma essa associação em uma entrevista:

Sim, embora eu tenda a narrar comportamentos para os quais qualquer pessoa da Campânia pode descambar tranquilamente. Quando criança, conheci uma napoletanidade não camorrista que sempre corria o risco de se tornar camorrista e senti à minha volta a naturalidade da travessia dessa fronteira, como se o salto para a criminalidade fosse de alguma forma preparado não apenas pela miséria ou pela perda de confortos precários, mas também pela “normalidade cultural” (FERRANTE, 2017, p. 216 e 217).

Ferrante descreve a intencionalidade de registrar no romance, através da família Napolitana de Nina, tanto o que remeteria às práticas camorristas, como também o que não está, necessariamente, circunscrito como parte exclusiva deste grupo, mas, de forma mais genérica, da violência compartilhada e normalizada culturalmente na Campânia. Em entrevista com Marina Terragni e Luisa Muraro, a escritora italiana comenta sobre a influência da violência

masculina dos homens napolitanos sobre as mães, na relação entre mães e filhas e como essa violência é naturalizada. Ao ponto de ser necessário para as filhas fugirem de Nápoles para fugirem dessas mães que vivem nessas condições de subalternidade e violência, e que somente a partir de uma certa distância que se consegue perceber a dimensão do que ocorre com elas e do contexto de poder masculino em que estão inseridas.

Não sei como é a mãe napolitana. Sei como são algumas mães que conheci, nascidas e criadas naquela cidade. São mulheres alegres e desbocadas, vítimas violentas, desesperadamente apaixonadas pelos homens e pelos filhos homens, dispostas a defendê-los e a servi-los embora eles as esmaguem e as destroem, prontas, porém, a fingir que *'anna fa' l'uommene* (eles devem se comportar como homens) e incapazes de admitir, até mesmo para si mesmas, que assim os impelem a ser ainda mais brutais. Ser filha dessas mães não foi e não é fácil. Sua subalternidade vitalíssima, espalhafatosa, sofrida, cheia de propósitos de insurreição que depois terminam em nada torna difícil tanto a identificação quanto a repulsa sem amor. É necessário fugir de Nápoles também para fugir delas. Só depois é possível ver a tortura das mulheres, sentir o peso da cidade masculina sobre a existência delas, sentir remorso por tê-las abandonado e aprender a amá-las, a usá-las, como vocês dizem, como uma alavanca para redimir a sexualidade oculta delas, recomeçar a partir daí (FERRANTE, 2017, p. 234 e 235).

Na personagem Leda, é perceptível essa tentativa de recomeçar que Ferrante descreve acima. Uma tentativa de romper com o peso dessas imposições masculinas da cultura napolitana. Ela percebeu o esforço fracassado de sua mãe em atenuar a reprodução dos comportamentos violentos da cultura a qual elas pertenciam. Logo, ela se decepcionou com a falta de êxito que a mãe teve nessa tentativa, e busca ser diferente da mãe e da família. Em parte, acaba por repetir algo desses comportamentos e reatualizar algo dessas ambivalências femininas e maternas com Nina e Elena, relevando a tênue fronteira entre o íntimo e o social. Essas origens retornam ao conviver com Nina, ao que ela tenta proteger Nina contra essas violências que ela bem conhecia. Nessas tentativas, as mulheres acabam, por vezes, reproduzindo as exigências masculinas entre si. De alguma forma, Leda e Nina estabelecem, uma para outra, essa régua histórica que regula o comportamento feminino e materno por uma perspectiva masculina, acentuando as suas ambivalências como mulheres e mães e acabam por se machucarem. Pois, se por um lado Leda designa um lugar de mãe perfeita para Nina, que não se sustenta. Essa, por sua vez, atribui o papel de modelo de mulher perfeita à Leda. Os lugares livres de ambivalência que cada uma atribui a outra se desfazem e descortinam as ambivalências femininas que elas experimentam e que acabam por as constituir enquanto mulheres e mães que transgridem o ideal.

Já que a maternidade ideal e universal é uma imagem utópica que só se sustenta na fantasia e no imperativo superegóico que pode recair sobre as mulheres e entre as mulheres. O mito do amor materno é uma forma de sustentar esse imperativo superegóico sobre as mulheres. A ideia de um amor universal e natural camufla várias formas de imputar sofrimento às mulheres que não se enquadram em uma experiência idealizada de maternidade. Se a mulher e a mãe são invenções singulares, o amor também o é. O amor materno como uma experiência universal é uma fantasia. Como a psicanalista Iaconelli conclui:

A ideia de uma mãe determinada natural e biologicamente vem responder à nossa angústia diante da falta de garantias do amor daqueles que nos trouxeram ao mundo. A falsa premissa de que haveria uma natureza maternal decorrente do instinto responde a questões político-econômicas, mas também contempla nossas fantasias narcísicas (IACONELLI, 2023, p. 222).

O que Ferrante nos apresenta, através da personagem Leda, é o amor possível de uma mãe diante das circunstâncias da vida, dos seus dilemas como mulher e da sua constituição subjetiva, para além da dicotomia: mãe perfeita e mãe desnaturada. Leda desmitifica o amor incondicional materno, por nos revelar um amor que era o seu possível. Portanto, não precisa ser lido como desamor. Da mesma forma que Leda encontra uma forma singular de amar suas filhas, que não se enquadra dentro do mito do amor materno, ela também encontrou maneiras próprias para atravessar os conflitos entre a sua condição materna e feminina. No desfecho do romance, diante da pergunta das filhas sobre por onde ela andava e se estava viva ou morta, ela condensa isso em uma frase, respondendo: “Estou morta, mas bem” (FERRANTE, 2016, p. 174).

Em uma entrevista, com Marina Terragni e Luisa Murano, publicada em *Frantumaglia* (2017), a escritora Elena Ferrante foi questionada a respeito dos possíveis significados que podem ser atribuídos a frase final do romance, *A filha perdida*: “Estou morta, mas bem” (FERRANTE, 2016, p. 174). As entrevistadoras sugeriram uma chave de leitura, para essa frase paradoxal, atrelada a noção de um renascimento por parte da personagem, à ideia de passar por todas as etapas, acertar todas as contas pendentes e, ainda, de concluir um trajeto sofrido. Ao que Ferrante responde:

Acho que nunca passamos por todas as estações nem acertamos todas as contas. Quanto à frase final, uso morrer no sentido de apagar algo de si mesma para sempre. Ação que pode ter pelo menos dois resultados: mutilar-se, desfigurar-se irreparavelmente, ou extirpar de si mesma uma parte viva, mas doente, e, portanto, sentir logo em seguida certo bem-estar. As três mulheres

dos meus livros vivenciam, de maneiras diferentes, tanto uma coisa quanto outra (FERRANTE, 2017, p. 239).

A metáfora da morte contida na frase final do livro revela que a ambivalência que compõe cada capítulo da narrativa não desaparece no desfecho da história, mas pode ser experimentada de outra forma por Leda. Ela revela a possibilidade de conviver com a ambivalência da maternidade e da feminilidade, sem que isso a aniquile totalmente. Essas ambivalências e a miscelânea entre o que é subjetivo e o que é coletivo são percebidas não só no conteúdo da obra aqui analisada, mas também na sua forma. Isso corrobora com a consistência da narrativa, desde a escolha dos nomes das personagens, as metáforas utilizadas, os processos de metonímias na construção da narrativa, a escolha editorial da capa e o título da obra. Considerando a riqueza e a complexidade dessa construção em *A filha perdida*, iremos discorrer a respeito a seguir.

5.2 As metáforas que costuram a forma e o conteúdo da trama

Elena Ferrante, a partir dos elementos que utiliza para compor a narrativa, revela o entrelaçamento das questões íntimas de Leda com os aspectos milenares da cultura e do imaginário social. Esses aspectos são percebidos nas relações que a personagem estabelece, tanto no âmbito familiar como com outras mulheres com as quais entra em contato. Os espelhamentos que acontecem entre as personagens do romance podem ser verificados desde o título da obra até a escolha de seus nomes. A maternidade não idealizada, a singularidade da construção da feminilidade e os conflitos consequentes da maternidade real são inferidos nas metáforas que compõem a obra. Sendo assim, a escritora faz uma tecitura entre a forma e o conteúdo do romance, dando consistência ao enredo. Esse entrelaçamento entre a forma e o conteúdo da obra, a cultura e os elementos do imaginário popular, remete ao que Bakhtin (2014) argumenta sobre o estudo do discurso literário, o qual considera a união entre a forma e o conteúdo como um fenômeno social, abrangendo todas as esferas da sua existência e em todos os seus momentos, incluindo desde a imagem sonora até os estratos semânticos mais abstratos. Sobre essas duas categorias ele diz:

O conteúdo representa o momento constitutivo indispensável do objeto estético, ao qual é correlativa a forma estética que, fora dessa relação, em geral, não tem nenhum significado. Fora da relação com o conteúdo, ou seja, com o mundo e os seus momentos, mundo como objeto do conhecimento e do ato ético, a forma não pode ser esteticamente significativa, não pode realizar suas funções fundamentais. A forma artística é a forma de um conteúdo, mas

inteiramente realizada no material, como ligada a ele (BAKHTIN, 2014, p. 35 e 57).

Na análise que fazemos da obra *A filha perdida*, adotamos essa abordagem proposta por Bakhtin, pois pretendemos ampliar a compreensão da obra a partir da investigação dos elementos que nós apontamos aqui.

O passado de Leda, que será revivido principalmente na relação estabelecida com as demais personagens napolitanas na praia, compõe boa parte do conteúdo da obra e, também, está implícito em aspectos da forma do romance como verificamos na escolha das metáforas que Elena Ferrante lança mão logo na abertura do romance, com as frutas e a cigarra, por exemplo. Essas duas situações ilustram a complexidade das vivências maternas da protagonista e a forma paradoxal que ela lê a maternidade de Nina, indo do fascínio aos afetos negativos. Traços esses que também marcam as vivências passadas de Leda com a maternidade, pois como vimos, anteriormente, ela nutre um fascínio pela primeira gestação que se desfalece com as experiências posteriores da maternidade. Logo, essas duas metáforas, que marcam o início das férias de Leda, sintetizam essas camadas da narrativa. Vejamos, assim que Leda chega no apartamento onde vai passar as férias, entre suas primeiras percepções do local, está uma cesta de frutas e ela reage da seguinte forma: “[...] descobri que, na mesa da sala, havia uma grande bandeja com pêssegos, ameixas, peras, uvas e figos. A bandeja brilhava como em uma natureza-morta” (FERRANTE, 2016, p. 10). Essa ambiguidade do aparente brilho, que ao mesmo tempo sinaliza que as frutas não estavam boas, em seguida, cede lugar para constatar que as frutas estavam de fato podres:

Depois senti fome e voltei à bandeja de frutas. Descobri que, por baixo da bela aparência, figos, peras, ameixas, pêssegos e uvas estavam velhos ou podres. Peguei uma faca, retirei grandes partes escuras, mas o cheiro e o sabor me causaram nojo, e joguei quase tudo na lata de lixo. Eu podia sair, procurar um restaurante, mas abri mão de comer por conta do cansaço; estava com sono (FERRANTE, 2016, p. 11).

Neste ocorrido com as frutas também está presente a dicotomia entre a vida e a morte que se percebe no decorrer do romance. Pois, a figura da morte e da vida são utilizadas pela narradora para descrever os conflitos entre a feminilidade e a maternidade, como, por exemplo, quando a narradora se descreve em estado de rejuvenescimento (em uma espécie de renascimento, como detalharemos mais adiante) e, em outro momento, em estado de morte. Isso também é lido nas entrelinhas da cena com a cigarra:

Acendi a luz. Sobre o tecido branquíssimo da fronha estava um inseto com três ou quatro centímetros de comprimento que parecia uma grande mosca. Tinha asas membranosas, era marrom-escuro e não se movia. Disse a mim mesma: é uma cigarra, talvez seu abdome tenha explodido em meu travesseiro. Toquei de leve nela com a borda do roupão, ela se mexeu e aquietou-se logo. Macho, fêmea. O ventre da fêmea não tem membranas elásticas, não canta, é mudo. Tive nojo. A cigarra pica as oliveiras e deixa que o maná goteje na casca do freixo. Peguei cuidadosamente o travesseiro, fui até uma das janelas e joguei o inseto para fora. Minhas férias começaram assim (FERRANTE, 2016, p. 12).

Essas metáforas sobre a maternidade, como, por exemplo, a imagem do “abdômen explodido” que pode se comparado ao alongamento dos músculos do abdômen da mulher na gestação, a diferenciação do “ventre da fêmea” do ventre do macho e, ainda o maná gotejante que pode remeter a amamentação, no segundo capítulo, também apontam para o estilo de escrita adotado por Elena Ferrante: primeiro a apresentação da síntese de uma ideia para depois desdobrá-la em um processo metonímico. Pois, essas metáforas anunciam, desde o início da obra, os contornos dos conflitos que Leda irá vivenciar com a própria maternidade e com a percepção da maternidade de Nina, indo do fascínio ao horror. A própria Leda irá descrever que suas primeiras observações de Nina com a filha lhe serviam como um “espetáculo” que lhe distraía a leitura: “desisti de ler e procurei Nina e Elena na multidão como se fossem um espetáculo para passar o tempo” (FERRANTE, 2016, p. 23). Tamanha obsessão pela relação mãe e filha que ela vigiava, leva Leda a roubar irracionalmente a boneca da menina quando ela se perde na praia. Diante da ausência de seu brinquedo tão estimado, Elena protesta com birras e assim, a magia que Leda encontrava na relação aparentemente perfeita entre a menina e sua mãe se esmaece aos poucos, como se pode ver no momento em que Leda as encontra em uma loja de brinquedos:

A menina se recusou com veemência. Ficou agarrada ao pescoço da mãe como se estivesse suspensa no vácuo, gritando, rejeitando o chão ao menor contato, esperneando. Nina permaneceu por um instante em uma posição incômoda, inclinada para a frente, com as mãos em volta dos quadris da filha, puxando-a para desgrudá-la do seu corpo, mas também tomando cuidado para se esquivar dos chutes. Senti que ela estava oscilando entre a paciência e a intolerância, a compreensão e a vontade de cair em prantos. Onde estava o idílio que eu havia presenciado na praia? (FERRANTE, 2016, p. 81).

A conjuntura deixa Leda na expectativa de uma reação violenta por parte de Nina com a filha, e pensa que as mães podem experimentar sentimentos de remorso e humilhação quando contrariam publicamente a expectativa social e até mesmo religiosa que se tem sobre uma performance que elas devem alcançar:

Daqui a pouco ela vai começar a gritar, pensei; daqui a pouco vai dar um tapa na menina, tentará quebrar o vínculo assim. No entanto, o vínculo se tornará mais deformado, mais forte no remorso e na humilhação, por ela ter se revelado em público uma mãe não afetuosa, nada como a mãe da igreja ou das revistas (FERRANTE, 2016, p. 81).

A psicanalista, Esthela Solano-Suárez, argumenta que apesar da ciência com seus avanços ter permitido às mulheres experiências de gestação e de parto com menos dor, a dor retorna por outras vertentes. Portanto, para ela, a maternidade atual não seria apenas regida pelo princípio de prazer. Ainda que a mulher moderna não precise estar exposta aos mesmos desconfortos físicos das mulheres que viveram em outros tempos, por falta de recursos da ciência; ela acaba por lidar com as dores que a performance da maternidade perfeita evoca:

[A]o se tornar mãe, uma mulher tem o dever de ter excelente *performance* e ser perfeita: levar a termo uma gravidez sem problemas, dar à luz sem a menor preocupação, se ocupar de seu filho com alegria, amamenta-lo, retornar rapidamente seu trabalho, cuidar bem de sua casa enquanto se ocupa com os outros filhos, caso os tenha, perder rapidamente os *kilos-reliquat* da gravidez, ficar bonita, sedutora, ter uma vida social e ser bem-sucedida profissionalmente. Assim, preso por uma tenaz – entre a onipotência do discurso da ciência, que impele os limites da possibilidade de maternidade para fronteiras até então insuspeitas, e os imperativos do discurso capitalista, que contaminam a maternidade com seus critérios de eficácia, produção e performance –, o corpo das mulheres se torna o palco de novos sofrimentos e a maternidade pode tomar o aspecto de um pesadelo pelo surgimento de novos sintomas. A dor que rechaçada pela porta retorna pela janela, tomando a forma de uma dor moral. [...] Na falta de ser a mãe perfeita como deveria, elas sofrem por não serem “uma boa mãe” (SOLANO-SUÁREZ, p. 74 e 75).

Esse sofrimento experimentado pelas mulheres mães reflete nas relações que as mulheres estabelecem umas com as outras. É o que inferimos das relações entre as personagens do romance, em especial, de Leda e Nina. Duas metáforas importantes são usadas por Elena Ferrante para compor essa relação entre as duas mulheres e a menina Elena: o chapéu e o alfinete usado para prender o chapéu. Com essas imagens, que conectam vários pontos da história, das primeiras páginas ao final do romance, Ferrante também constrói narrativas complexas sobre a maternidade que vão além de simplificações de causa e efeito, revelando os conflitos que uma mulher pode experimentar enquanto mãe e que pode reverberar nas relações com outras mulheres.

A imagem do chapéu aparece pela primeira vez no romance com a chegada do marido de Nina a praia, Tonì, ele traz o chapéu como presente para a esposa. Em um primeiro momento,

Leda acha o chapéu feio, ao observar de longe Nina experimentar o presente. Porém, um pouco depois ela muda de ideia em relação ao chapéu:

Nina perdeu o chapéu, o vento o levou embora. O marido, como um animal imóvel que, ao primeiro sinal de perigo, salta com força e decisão inesperadas, mesmo segurando a menina no colo, pegou o chapéu no ar antes que fosse parar na água e o devolveu à esposa. Ela o pôs na cabeça com mais cuidado. O chapéu de repente me pareceu bonito e senti uma irracional pontada de desconforto (FERRANTE, 2016, p. 29).

O chapéu condensa muitas questões dentro da narrativa, entre elas podemos considerá-lo como uma representação da própria função materna, para qual Leda sustenta diferentes afetos. Ela primeiro o acha feio e, depois, bonito. Sendo o movimento inverso dos sentimentos que ela nutre pela maternidade de Nina, primeiro fascínio e admiração, em um segundo tempo, horror. Essa evocação da maternidade através do chapéu, também fica implícita no uso que a menina, Elena, passa a fazer do chapéu da mãe, enquanto brinca de ser mãe da própria boneca. Outro momento importante da narrativa em que o chapéu compõe a cena é o desaparecimento de Elena. Ela está usando o chapéu quando desaparece na praia e, justamente, por usá-lo é que Leda consegue identificá-la em meio à multidão:

Caminhei um tempo procurando entre as crianças sozinhas, em grupo, no colo de adultos. Eu me senti agitada, um pouco enjoada, mas sabia como manter a atenção. Vi, enfim, o chapéu de palha; meu coração parou. De longe, parecia abandonado sobre a areia, mas, embaixo dele, estava Elena (FERRANTE, 2016, p. 52).

Nina recebe o chapéu do marido, que também o restitui quando quase é levado pelo vento. Em outro momento, Leda ocupa esse lugar de Tonì, ela que pega o chapéu quando ele sai voando e devolve a Nina e o prende com um alfinete: “Ajeitei o chapéu com cuidado e usei o longo alfinete com a cabeça de âmbar para prendê-lo nos cabelos dela” (FERRANTE, 2016, p. 140). Podemos ler essas cenas como alusões às tentativas de fazer as mulheres estarem dentro de determinados papéis, funções e convenções sociais. Tal qual Leda insiste em alertar Nina em não fazer algo semelhante ao que ela fez na juventude com suas escolhas amorosas e maternas, ao tentar dissuadir a jovem mãe napolitana em não romper com os papéis que exercia. Em um dado momento, Leda alerta sobre a possibilidade da menina vir a se machucar com o alfinete: “Pronto, assim não vai mais cair. Mas fique atenta por conta da menina, desinfete-o bem em casa, pode facilmente causar um arranhão feio” (FERRANTE, 2016, P. 140). Como sabemos é Leda que é ferida pelo alfinete, no último capítulo do romance, quando Nina ao encontrá-la para pegar a chave do apartamento emprestada para ter uma aventura amorosa com

Gino, descobre que a boneca da filha sempre estivera com Leda, após uma discussão entre as duas, Nina fere Leda com o alfinete:

Não ouvi a porta se fechar. Por um instante, achei que ela tivesse decidido pegar as chaves, mas depois senti sua presença atrás de mim, sibilando em dialeto insultos terríveis como os que minha avó e minha mãe costumavam proferir. Fiz menção de me virar, mas senti uma pontada do lado esquerdo, fugaz como uma queimadura. Abaixei o olhar e vi a ponta do alfinete que saía pela minha pele, em cima da barriga, bem embaixo das costelas. A ponta apareceu apenas por uma fração de segundo, o tempo que durou a voz de Nina, sua respiração quente, depois desapareceu. A garota jogou o alfinete no chão, não pegou o chapéu, mas agarrou as chaves. Fugiu com a boneca, fechando a porta atrás de si (FERRANTE, 2016, p. 173).

Nina machuca Leda com o próprio presente que ela lhe dera, e, um pouco antes, acusa Leda de ser uma mãe desnaturada. O que concretiza a máxima de que as próprias mulheres se ferem com os padrões impostos e ideais alimentados sobre como ser uma boa mãe. Sendo assim, as mulheres podem incorporar umas para as outras, como vimos no capítulo três, na perspectiva psicanalítica, um superego tirano, tanto na relação mãe e filha, como em outras relações que reimprimam os traços dessa relação primordial. Leda imagina uma maternidade perfeita de Nina, Rosaria culpa Leda por ter abandonado as filhas, Leda avalia a maternidade de Rosaria antes mesmo do filho nascer, Rosaria busca desempenhar um papel de maternagem perfeito com a sobrinha e Nina acusa Leda de ser uma mãe desnaturada depois de ter se identificado com algumas escolhas dela, e antes de tudo isso, a própria Leda já se autodefinia como uma mãe desnaturada.

Os insultos que Leda ouve de Nina, antes da violência física, remete ao que ouvia das mulheres de sua família, que aponta para essa tradição que é perpassada entre mulheres. Porém se, por um lado, a atitude de Nina condiz com a tradição, por outro lado, ela tal qual Leda rompe em parte, ao almejar uma outra possibilidade para si, para além da maternidade considerada natural e edílica. Nina revela essa inconformidade, com as condições nas quais vivia, ao admitir que também sentia o desejo de fugir: “A única coisa que quero de verdade é fugir” (FERRANTE, 2016, p. 171).

A respeito do título de mães desnaturadas imputado às mulheres ao longo de muitos séculos, Iaconelli (2023) assegura que todas as mulheres acabariam por serem tidas como desnaturadas por não corresponderem à suposta natureza materna. A psicanalista indica outros termos patologizantes e moralizantes que foram atribuídos às mulheres mães e que ecoam até os nossos dias: “A mulher que não apresentasse o comportamento esperado de uma mãe seria considerada triste, louca ou má, ou, segundo o jargão médico, deprimida, psicótica ou perversa.

Seriam todas as mães desnaturadas, ou seja, incapazes de cumprir com sua natureza materna” (IACONELLI, 2023, p. 52).

O primeiro capítulo do romance nos conta dos desdobramentos dessa atitude de Nina em relação a Leda. Ao retornar para casa, após as férias, Leda começa a passar mal e sofre um acidente com o carro:

Eu estava dirigindo havia menos de uma hora quando comecei a passar mal. A queimação na lateral do corpo reapareceu, mas de início decidi não dar importância àquele sinal. Só me preocupei quando percebi que não tinha mais forças para segurar o volante. Em poucos minutos, minha cabeça ficou pesada, os faróis me pareceram cada vez mais fracos e logo esqueci até que estava dirigindo. Em vez disso, tive a impressão de que estava no mar, em pleno dia. [...] No hospital, quando abri os olhos, me vi novamente, por uma fração de segundo, incerta diante do mar calmo. Talvez por isso, mais tarde, tenha me convencido de que não se tratava de um sonho, mas de um devaneio de pavor, que durou até que eu acordasse na enfermaria. Soube pelos médicos que eu havia batido na barra de proteção da estrada, mas sem graves consequências. O único ferimento sério era uma lesão inexplicável no lado esquerdo do corpo (FERRANTE, 2016, p. 5 e 6).

Essa lesão no lado esquerdo do corpo é duplamente inexplicável para Leda: como Nina pôde machucá-la com o presente que lhe dera? Como Leda pôde, paradoxalmente, encontrar Elena, mas roubar a boneca? Diante disso que ela não consegue entender e explicar, ela escolhe fazer silêncio a respeito. O silêncio, que de alguma forma, repousava sobre os anos que Leda abandonara as filhas, agora se desloca para esse sem sentido do que ela reviveu de suas experiências mais íntimas, enquanto mulher e mãe, ao entrar em contato com a maternidade e os conflitos femininos de Nina e de sua família:

Meus amigos de Florença foram me visitar; Bianca e Marta voltaram, e até mesmo Gianni. Falei que o sono é que me fizera sair da estrada. Mas eu sabia perfeitamente que esse não fora o verdadeiro motivo. O motivo havia sido um gesto sem sentido, sobre o qual, justamente por ser sem sentido, decidi não contar a ninguém. As coisas mais difíceis de falar são as que nós mesmos não conseguimos entender (FERRANTE, 2016, p. 5).

Parte das experiências maternas de Leda e de suas questões femininas fogem de seu entendimento e de uma explicação racional. O que demonstra que longe da maternidade oferecer uma resposta pronta para o ser feminino de Leda, na verdade, ela se depara com tantas outras interrogações e inquietações, ressoando nas relações que ela estabelece. Como vimos, a psicanálise lacaniana e outros psicanalistas contemporâneos enfatizam que a maternidade não é uma saída universal para as mulheres. Mesmo para aquelas que desejam a maternidade, não significa que encontrarão uma resposta última para seu ser feminino na experiência materna.

Se o aforisma laciano provoca dizendo que A mulher não existe, como vimos no capítulo dois, que não existe uma forma universal de ser mulher, podemos inferir que A mãe enquanto essa figura universal também não existe. Da mesma forma que as mulheres precisam encontrar maneiras singulares de constituírem sua feminilidade, já que não existe uma única forma, as mães também só podem existir enquanto singulares em sua forma de maternar.

Ao tentar elaborar suas questões singulares inerentes a sua constituição enquanto mulher e mãe, Leda acaba por passar por uma espécie de fusão com as outras personagens do romance. Nesse sentido, outra metáfora importante que constitui a narrativa é a imagem do mar. Além de cenário para a história, o mar em *A filha perdida* metaforiza a experiência da maternidade e a relação mãe e filha. É na praia, sem a presença física das filhas, já próximo aos seus quarenta e oito anos, que vai se passar maior parte do enredo, quando Leda encontra com outras mulheres-mães-filhas que irão evocar suas memórias mais dolorosas e onde essas recordações irão se misturar ao presente e as histórias alheias. A forma como Leda nos conta sua história, partindo do que observa em Nina e Elena, passando pelas relações difusas entre suas filhas e sua mãe remetem a falta de limites claramente estabelecidos entre o mar e a terra, onde facilmente um pode invadir o espaço do outro. A protagonista coleciona histórias que foram vivenciadas com a mãe na praia e também das férias no litoral com as filhas. Histórias essas que passam a se confundir com aquilo que observa das personagens Nina, Elena e a boneca.

Além disso, a imagem do mar condensa os estados emocionais que a protagonista experimenta, a memória que a arrasta para o passado que não passou, como as ondas do mar que arrastam a areia. A própria Leda se refere ao seu estado de espírito, em vários momentos do romance, recorrendo a um léxico marítimo nomeando seus afetos como “ondas” e “agitada”, por exemplo. As lembranças de Leda, não cronológicas, vêm como ondas que arrastam o leitor para o mar turbulento da sua história.

Leda vai ainda além. Afinal, poderíamos dizer que a capacidade de surpreender faz parte da sua essência. Não é atoa a história se passa na praia, à beira mar. O cenário funciona como uma espécie de metáfora ou espelho da protagonista. Ela é como as águas do mar que descreve já nas primeiras linhas do romance: parece calma, mas há sempre um mastro indicando perigo. Espectadores de sua história, nos sentimos como ela na infância, ansiosos pelo que pode acontecer, mas tentados a mergulhar fundo nas surpresas que sua narrativa promete (BERGAMO, 2019, p. 24).

Além disso, o mar e a praia, assim como a boneca, são possibilidades de lazer e brincadeiras. No entanto, no romance analisado, esses elementos encarnam um aspecto paradoxal de

vivências dolorosas, de medo e de angústia. Afinal, foi na praia de férias que Leda perdeu a filha, tal qual Nina perdeu Elena e a menina perdeu a boneca. Leda também carrega lembranças de angústia em relação ao medo que a mãe lhe incutiu, na infância, em relação aos perigos do mar. Certamente, a importância da figura do mar na narrativa foi comunicada através da capa do livro, na edição brasileira, que retrata esses aspectos primordiais da obra. A ilustração do emaranhado de casas, todas muito parecidas, e ao fundo da imagem, um aspecto de fusão entre o céu e o mar. Essa ilustração condensa o aspecto ambivalente da perspectiva da maternidade contemplada no romance e dos espelhamentos que ocorrem entre as mulheres, mães e filhas do romance.

Tal qual o aspecto das casas idênticas na capa do livro, o próprio título da obra sugere esse estado de confusão de identidade e de papéis nas relações, de espécie de duplos, afinal: quem seria “a filha perdida?”. Diferentes personagens da obra podem ser resposta a essa pergunta ao mesmo tempo, inclusive a boneca. Desse modo, o título é outro elemento da obra que demonstra ter caráter metafórico e metonímico. Representa aquilo que as mulheres vivem de maneira particular, mas que acaba por repercutir nas vivências e laços que elas estabelecem umas com as outras, sejam os laços consanguíneos ou laços de amizades.

Sobre o título do livro, a jornalista e pesquisadora de literatura, Giuliana Bergamo (2020), em entrevista com o tradutor, dessa e outras obras de Ferrante para o português, Marcello Lino, pergunta sobre a escolha da tradução do título do romance, que ficou distante do original em italiano. O tradutor esclarece que: ““A filha obscura” talvez não tivesse o mesmo impacto na capa que “A filha perdida”. Além disso, “obscura”, para nós brasileiros, têm sentidos mais restritos do que “oscura”, em italiano. Aqui nos soa só como o lado obscuro de alguém, quase negativo. Mas o romance é muito mais do que isso. E, na história, há mesmo filhas que se perdem”. A entrevistadora reforça que, na narrativa, não fica claro quem é a filha e quem é a mãe da história e se isso teria relação com o “oscura”, em italiano. Ao que o tradutor, responde: “Sim, é isso. Mas, em português, “obscura”, no título, não remeteria a isso, entende?”.

Bergamo, no seu trabalho de dissertação também discorreu sobre como os títulos da obra, tanto na versão italiana como na brasileira, revelam as camadas de complexidade da maternidade, do feminino e da relação mãe e filha:

Por mais que Leda também traga questionamentos sobre o papel feminino em seu discurso, como já vimos, não se trata de ideias fechadas, concluídas nas páginas do romance. Leda é uma personagem em constante transformação, “sem silhueta”, como ela mesma diz, tão obscura quanto o feminino contemporâneo. Isso é algo que está presente desde o título, sobretudo no original, em italiano *La figlia oscura*, que significa ao pé da letra, “a filha

escura” ou “obscura”. Se a maternidade e a capacidade de conceber outro ser dentro de si é algo exclusivo da mulher, no romance de Ferrante ela é investigada com uma profundidade infinita, assim como também é a relação mãe e filha, mulher e mulher. Quem, afinal, é a filha obscura – ou mesmo a filha perdida que dá título à versão em português? Leda? Nina? A garotinha Elena? A boneca? As filhas de Leda? O feminino de Ferrante esfacela-se em fragmentos retráteis, estilhaçados em porções miúdas, mas que ecoam infinitamente dentro do romance e fora dele. Leda não se encerra na última página do livro, nem na morte que diz ter morrido, como um indivíduo sobre o qual, depois de morto, podemos dizer quem foi, o que fez, o que pretendia ter feito (BERGAMO, 2019, p. 40).

Essas questões citadas acima também são metaforizadas na figura da boneca, que na narrativa ganha contornos que a coloca como uma das personagens do romance. Ela representa as questões sociais e culturais que são imputadas às mulheres em tradições que marcam a História. A boneca de Elena desempenha um papel fundamental no romance para desencadear as recordações de Leda. Ela parece ser uma espécie de metáfora e metonímia, simultaneamente na construção do romance, pois o roubo da boneca se conecta a ação sem sentido para Leda de ter abandonado as filhas. No tocante a figura da boneca, Fabiane Secches comenta:

As bonecas em Ferrante funcionam como uma espécie de leitmotiv (motivo condutor) – o conceito, importado da música, vem de um recurso introduzido pelo compositor alemão Richard Wagner: no decurso da ópera, um determinado tema se associava a uma personagem, a uma situação ou a um objeto e se repetia para demarcá-los. Na literatura, leitmotiv é a repetição de determinado tema, no decurso de uma obra literária, que funciona como metáfora e metonímia. Através da repetição da figura das bonecas, objeto familiar do imaginário do “universo feminino”, Ferrante constrói representações das relações entre mulheres: consigo mesmas, com o mundo, com outras mulheres, e, especialmente, relações entre mães e filhas. São como duplos das personagens. Ora como filhas, ora como mães, suas personagens são confrontadas pelo tema da maternidade de maneira recorrente e inquietante, como raras vezes encontramos na literatura (SECCHES, 2020, p. 70 e 71).

Em *A filha perdida*, a boneca sintetiza todas as relações que se estabelecem entre as mulheres e entre mães e filhas, relevando confusões e inversões que podem ocorrer dentro desses papéis. Como vemos no espelhamento da personagem Leda com a mãe, com as filhas e com as demais mulheres com as quais se relaciona. Além disso, verificamos que Elena também experimenta um espelhamento em relação ao papel da mãe. Quando Leda a encontra perdida na praia, ela estava chorando e em desespero por ter perdido a boneca:

Sentada a um metro da água, com as pessoas passando ao seu lado sem notá-la, ela chorava, um fluxo lento de lágrimas silenciosas. Não me disse que tinha perdido a mãe, apenas que tinha perdido a boneca. Estava desesperada

(FERRANTE, 2016, p. 52).

A reação de desespero de Elena não é por ter perdido a mãe, mas sim a boneca, para qual ela se colocava como mãe imaginária. Todo o ocorrido também leva Leda a se recordar de quando perdeu sua filha na praia, há quase vinte anos atrás. Portanto, as três personagens ficam na mesma condição de experimentar as angústias da maternidade, no lugar de mães que perdem as suas filhas na praia e que sofrem em meio à multidão sem que essa, necessariamente, se dê conta; como as pessoas que passavam ao redor de Elena sem notá-la. Leda reedita suas lembranças como mãe através de Nina e Elena. Ao se propor a ajudar a procurar Elena, ela retoma a vivência dela como mãe que perdeu uma filha criança na praia e sentiu “uma angústia cega” (FERRANTE, 2016, p. 53). Ao devolver Elena para mãe, ela conforta a mãe, restituindo a filha perdida. Mas, por outro lado, ela conserva uma filha perdida, afastada da mãe, ao roubar a boneca de Elena. Podemos relacionar a uma tentativa inconsciente e não planejada de Leda de impedir a maternidade simbólica de Elena, uma relação que ela via como harmônica com a boneca e a incomodava, tal qual a relação da menina com a mãe, Nina. Ao interromper a maternagem de Elena, paradoxalmente, Leda revive a própria experiência com suas filhas com a boneca alheia. Portanto, deduzimos que Leda de alguma forma quer experimentar a felicidade de Elena através da boneca, e conseqüentemente a menina acaba por experimentar sua infelicidade.

A boneca como um dos símbolos da infância de uma menina e como um dos recursos que ela pode usar para tentar reproduzir a relação com a mãe em suas brincadeiras, pode remeter ao que vimos no capítulo três desse trabalho sobre o laço primordial da filha com a mãe na relação pré-edipiana e sobre os restos que esse vínculo constitutivo pode deixar em uma mulher, manifestando-se nas diferentes fases da sua vida, como proposto por Freud. Leda ao descrever o momento que encontra Nani na areia e decide roubá-la, revela o retorno dos restos infantis nessa atitude: “Uma reação infantil, nada de especial, nós nunca crescemos de fato” (FERRANTE, 2016, p. 55). Além disso, a escritora Elena Ferrante nos aponta para outras possibilidades interpretativas da metaforização da boneca no romance para além da representação da relação filial:

Sei pouco sobre a simbologia das bonecas, mas estou convencida de que não são apenas a miniaturização do ser filha. As bonecas nos sintetizam como mulheres, em todos os papéis que o patriarcado nos atribui. Lembra-se das bonecas-freiras da futura Monja de Monja? Interessava-me contar como uma mulher culta, “nova”, reage hoje a estratificações simbólicas de longa data. (FERRANTE, 2017, p. 231).

Além das construções das metáforas que foram discutidas até aqui, os aspectos intertextuais se revelam como outro elemento importante na construção da obra e no seu entrelaçamento entre forma e conteúdo. Sobre a intertextualidade, Kristeva (2005) recorre a formulação de dialogismo em Bakhtin. Ela diz que ele dinamiza o estruturalismo a partir da concepção de que a palavra literária é um cruzamento de superfícies textuais e não um ponto (um sentido fixo), sendo um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou do personagem), do contexto cultural atual ou anterior. Segundo ela, o teórico russo é o primeiro a introduzir na teoria literária que: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla.” (KRISTEVA, 2015, p. 68).

Em *A filha perdida* há uma intertextualidade com a mitologia grega. Ferrante (2007), em uma entrevista, conta ter planejado escrever sobre Helena de Troia, mas numa versão com uma menina feiosa, com terrores animais esmagada pelo fulgor da mãe, Leda, amada por Zeus sob a forma de cisne. Contudo, devido o mito ser muito complexo, tendo variantes complicadas, ela não executa os planos. Entretanto, é essa a origem do nome Elena e Leda, no romance. Em uma outra entrevista a respeito, ela detalha mais sobre essa escolha dos nomes:

Não escolhi o nome Leda por acaso. Leda – como sabem principalmente os estudantes do ensino médio e os pintores – é a garota à qual Zeus se une sob forma de cisne. Mas, se as leitoras e os leitores interessados em Fahrenheit verificarem, por simples prazer, o terceiro livro da Biblioteca de Apolodoro, descobrirão que, em uma versão menos conhecida do mito, Leda está no centro de uma história complicada e moderna da maternidade. A história é a seguinte: Zeus teria unido sob a forma de cisne não a Leda, mas a Nêmesis, que, para fugir dele, se transformara em gansa. “Da união”, sintetiza Apolodoro, “Nêmesis pariu um ovo que um pastor encontrou no bosque e levou de presente para Leda; Leda o guardou em uma urna e, no seu devido tempo, nasceu Elena, que criou como filha”. Essa Leda e essa Elena, sua filha-não filha, me sugeriram os nomes das suas personagens de *A filha perdida*. Se ler, verá. (FERRANTE, 2017, p. 222).

A escolha do nome das personagens, Leda e Elena, remetendo à ideia da “filha-não filha” funciona como uma metaforização das relações multifacetadas de maternidade que são estabelecidas no romance, que estão para além das questões biológicas e concebidas como naturais. Pois, em vários momentos da obra, percebemos que Leda se projeta duplamente, em Elena como mãe, em sua maternidade simbólica com a boneca, e como filha na relação com Nina. Ainda, podemos inferir em alguns trechos da obra, que Leda se coloca em uma espécie de função materna com Nina, quando, por exemplo, ela tenta impedir a jovem mãe de tomar

uma decisão. Logo, podemos pensar que os nomes das personagens já sugerem a complexidade da maternidade e, o que temos discutido até aqui, da maternidade não ser garantida por mecanismos biológicos, exclusivamente, como proposto pela psicanálise, mas incluir questões subjetivas e inconscientes que constituem cada mulher.

Fuks percorrendo sobre a história do gênero romance, reitera que “o passado, mesmo que o escritor não o perceba, age de maneira inelutável sobre o presente, como uma força subterrânea que a afeta em todos os seus aspectos” (2021, p. 7). É o que se percebe nessa escolha da escritora pela referência à mitologia grega nos nomes das personagens do romance, tratando sobre a maternidade. O que constata que no cerne da obra encontram-se questões culturais milenares, que estão para além da singularidade das personagens retratadas em seu tempo. Assim como Leda encontra no seu presente um passado que não passou e a possibilidade de um futuro, tratar o tema da maternidade e das questões relativas à feminilidade no presente é, inevitavelmente, entrar em contato com a bagagem cultural transgeracional, indagar o presente e levantar questões sobre o futuro.

Como adverte Bakhtin (2003), a literatura não deve ser estudada isolada de toda a cultura de uma época, e torna-se mais danoso fechar o fenômeno literário apenas na época de sua criação, no que corresponde a sua atualidade. Ele ainda endossa esse pensamento dizendo:

Entretanto, uma obra remonta com suas raízes a um passado distante. As grandes obras da literatura são preparadas por séculos; na época de sua criação colhem-se apenas os frutos maduros do longo e complexo processo de amadurecimento. Quando tentamos interpretar e explicar uma obra apenas a partir das condições de sua época, apenas das condições da época mais próxima, nunca penetramos nas profundezas dos seus sentidos [...] Entretanto, uma obra não pode viver nos séculos futuros se não reúne em si, de certo modo, os séculos passados. Se ela nasce toda e integralmente hoje (isto é, em sua atualidade), não desse continuidade ao passado e não mantivesse com ele um vínculo substancial, não poderia viver no futuro. Tudo o que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele. (BAKHTIN, 2003, p. 362 e 363).

O romance aqui analisado contém, através do aspecto da intertextualidade apontada, essa relação com a bagagem histórica da literatura. Ferrante ao falar sobre seu processo de escrita demonstra valorizar essas relações de conexões entre obras na literatura, ela diz:

[...] o que consideramos de maneira triunfal nosso é dos outros. Os intercâmbios com o mundo, sim, em todos os momentos são absolutamente nossos. As palavras – a forma escrita na qual as encerramos, prestando atenção nas margens vermelhas dos nossos cadernos –, não. Precisamos aceitar o fato de que nenhuma palavra é realmente nossa. Precisamos abrir mão da ideia de que escrever é libertar de forma milagrosa uma voz própria, uma tonalidade

própria: para mim, esse é um jeito displicente de falar da escrita. Pelo contrário, escrever é, a cada vez, entrar em um cemitério infinito no qual cada tumba espera para ser profanada. Escrever é acomodar-se em tudo o que já foi escrito – a grande literatura e a literatura de consumo, se for útil, o romance-ensaio e o melodrama – e, dentro do limite da própria vertiginosa e abarrotada individualidade, tornar-se, por sua vez, escrita. Escrever é apoderar-se de tudo o que já foi escrito e aprender aos poucos a gastar aquela enorme fortuna. [...] Na escrita, tudo tem uma longa história atrás de si (FERRANTE, 2023, p. 81 e 82).

Tal qual a herança que existe na literatura e na escrita, uma mulher, enquanto filha e mãe, é convocada a lidar com a bagagem cultural das mulheres que a antecederam. Sobre essa relação da literatura com o tempo, Perrone-Moisés analisando o que viria a ser a literatura contemporânea afirma que se trata de algo inacabado e inconcluso. Apontando a efemeridade do contemporâneo e seu caráter inapreensível já que, paradoxalmente, se transforma em passado e carrega sinais do futuro. Nas palavras da autora: “[...], nunca somos exatamente coetâneos de nosso momento histórico. Aliás, estamos sempre mais próximos do passado que nos formou do que do presente, pois este já anuncia um futuro ainda desconhecido para nós” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 253). Essa relação das pessoas com o tempo pode ser percebida intimamente ligada aos conflitos e ambivalências de Leda, discutidas no subcapítulo anterior.

É evidente na forma como Leda nos narra a sua história que ela não reage passivamente aos lugares impostos às mulheres na grande cadeia histórica. Nesse movimento empreendido pela personagem, ela acaba se dissolvendo frente a essas estratificações simbólicas na busca de sua singularidade e de sua identidade. Como percebemos na inferência que ela faz da sensação de perdas das margens quando estava de férias na praia, em meio aos desdobramentos do roubo da boneca e das lembranças do abandono das filhas: “Eu estava me sentindo muito infeliz. Era a sensação de estar me dissolvendo, como se eu, um montinho ordenado de poeira, tivesse sido soprado pelo vento durante todo o dia e, naquele momento estivesse suspensa no ar, disforme” (FERRANTE, 2016, p. 103). Elena Ferrante lança luz sobre esse ponto da obra, no tocante a luta que Leda sustenta contra as tradições, que também está presente em outras obras da autora:

Cara Eva, a dor de Delia, Olga e Leda é o fruto de uma desilusão. O que elas esperavam da vida – são mulheres que tentaram romper com a tradição de suas mães e avós – não se concretiza. Em vez disso, concretizam-se velhos fantasmas, os mesmos com os quais as mulheres do passado se depararam. A diferença é que elas não os suportam passivamente. Lutam e dão conta deles. Não vencem, mas simplesmente chegam a um acordo com as próprias expectativas e encontram novos equilíbrios. Eu não as sinto como mulheres sofredoras, e sim como mulheres que lutam (FERRANTE, 2017, p. 218).

Essa luta empreendida por Leda se reflete na construção de todas as metáforas e aspectos

da forma do romance que analisamos até aqui. A seguir, vamos nos debruçar mais detidamente nas tecituras da relação mãe e filha estabelecidas entre as personagens do romance e como essas vivências ecoam na costura que cada uma faz da própria feminilidade. Pois, trata-se de um dos principais pontos do romance analisado. Percorremos os desdobramentos da relação de Leda com a própria mãe nas atualizações que ocorrem na relação que estabelece com as filhas e com outras personagens do romance, principalmente, Nina, Elena e a boneca Nani. A complexidade dessas relações contribui para lançar luz sobre o que temos discutido até aqui a respeito das ambivalências que constituem as mulheres e mães do romance e as metáforas e aspectos da forma empregadas no romance que coadunam com a perspectiva da maternidade e da feminilidade enquanto construções singulares e não-naturais. Para isso retomaremos as discussões da teoria psicanalítica propostas no capítulo três desse trabalho para contribuir nas possíveis interpretações desse recorte temático da obra.

5.3. Mães e filhas: (des)encontros no tear da feminilidade

As relações de Leda com sua mãe e suas filhas são fragmentadas e difusas, e consequentemente, é assim que Leda irá se relacionar com as outras mulheres. Essa confusão na qual Leda se encontra é refletida na estrutura narrativa do texto que se inicia *in finis res* e segue com Leda apresentando os fatos de sua vida a mulheres desconhecidas, para só então refletir sobre eles, permitindo ao leitor experimentar a confusão da cabeça da protagonista que apresenta sua história de vida de forma espiralada, pois os fatos vêm e vão de maneira quase circular, tangenciando as ideias em um ponto comum mas não as repetindo exatamente da mesma forma; por exemplo, há fatos apresentados no capítulo 15 que só terão seu sentido completado no capítulo 21, da mesma forma que o primeiro capítulo se torna mais compreensível após a leitura do último. Discutiremos sobre isso em detalhes a seguir.

No capítulo 21, Leda tem uma conversa crucial com Nina na feira a respeito de quando abandonou as filhas e na tentativa de ajudar Nina a se entender, ela ironicamente se reconhece em uma palavra que era muito utilizada por sua própria mãe: “despedaçamento”, sem se dar conta de que Nina não estava procurando por uma palavra, Nina já havia definido seu próprio sentimento por “desnorreamento”. Ao ignorar a real necessidade de Nina que estava esperando ter a certeza de que o tal sentimento poderia ser superado e não uma palavra que definisse seu sentimento, Leda termina por nomear algo de si mesma, da sua relação com as filhas e na sua construção de uma identidade feminina.

– Resignei-me a viver pouco para mim e muito para as duas meninas. Aos poucos, consegui.

– Então passa – disse Nina.

– O quê?

Ela fez um gesto para indicar uma vertigem, mas também uma sensação de náusea.

– O desnorreamento.

Lembrei-me de minha mãe e respondi:

– Minha mãe usava outra palavra, chamava de despedaçamento.

Ela reconheceu o sentimento na palavra e fez uma cara de menina assustada.

– É verdade, seu coração se despedaça. Você não aguenta ficar junto a si mesma e tem certos pensamentos que não pode dizer em voz alta.

Depois voltou a me fazer perguntas, agora com a expressão dócil de quem busca um afago, e disse:

– De qualquer maneira, passa (FERRANTE, 2016, p. 145-146).

As vivências de Leda como mãe e mulher, que discorremos no subcapítulo “Mulheres e mães tecidas de ambivalências”, refletem uma personagem fragmentada pelas experiências vividas, procurando recontar a própria história para si, a partir de outras mulheres-mães-filhas, como uma tentativa de organizar o sem sentido. Por mais que Leda tenha buscado escolhas diferentes das maternas, ela experimentava algo do despedaçamento a que sua mãe se referia. Esse sentimento de despedaçamento, por sua vez, já havia sido introduzido no capítulo 15 quando Leda reflete sobre o que ela havia revelado a Rosaria e a Nina no capítulo anterior, que era o fato de ela ter abandonado as duas filhas para viver sua própria vida. Neste capítulo, Leda sem entender o porquê tinha confessado esse fato para as duas desconhecidas, ela anda pela praça buscando se acalmar. Ela receia que, a partir dessa confissão, Nina iria se afastar dela, e se dá conta que a necessidade de proximidade com Nina remetia a sentimentos seus que não conseguia decifrar:

Caminhei desinteressada entre vendedores de todo tipo de mercadoria e, enquanto isso, eu a imaginei da maneira como a vira naqueles dias: em pé, de costas, enquanto, com movimentos lentos e precisos, passava protetor nas pernas jovens, nos braços, nos ombros e, enfim, com um contorcionismo tenso, na base das costas, até onde conseguia alcançar, tanto que cheguei a sentir vontade de me levantar e dizer deixe, eu passo, ajudo você, como, quando criança, eu pensava em fazer com minha mãe, ou como fiz tantas vezes com minhas filhas. De repente, percebi que, dia após dia, sem querer, eu a envolvera de longe, com sentimentos alternados e muitas vezes contrastantes, em algo que eu não sabia decifrar, mas que era intensamente meu (FERRANTE, 2017, p. 86 e 87).

Leda, continua andando e chega ao mercado, ainda tentando controlar seus nervos e refletindo sobre o ocorrido da confissão do abandono das filhas, se pergunta o que tinha feito de tão terrível

afinal:

Anos antes, havia sido uma garota que se sentia perdida, isso era verdade. Todas as esperanças da juventude já me pareciam destruídas, era como se eu estivesse caindo para trás na direção da minha mãe, da minha avó, da cadeia de mulheres mudas ou zangadas da qual eu derivava. Oportunidades perdidas. As ambições ainda eram ardentes e alimentadas pelo corpo jovem, por uma fantasia que somava um projeto a outro, mas eu sentia que meu anseio criativo era castrado cada vez mais pela realidade das obrigações da universidade e pela necessidade de explorar as oportunidades de uma possível carreira. Eu me sentia reclusa dentro da minha própria cabeça, sem possibilidade de me pôr à prova, e estava frustrada (FERRANTE, 2016, p. 87 e 88).

Leda enumera episódios que considera anormais que aconteceram antes da decisão de deixar as filhas. “Agora esses fatos não têm antes nem depois, voltam-me à mente sempre em uma ordem diversa” (FERRANTE, 2016, p.88). Leda lembra de uma tarde de inverno, em que estava estudando na cozinha de casa, enquanto preparava o jantar e, Marta estava brincando aos seus pés e Bianca estava ao seu lado imitando a sua atividade. Enquanto ela tentava escrever um ensaio, com dificuldades de encontrar as palavras corretas, ela recebe um golpe da filha. “Não foi um golpe forte, Bianca tinha cinco anos, não podia me machucar de verdade. Mas eu me sobressaltei [...]” (FERRANTE, 2016, p. 88). A partir disso, ela começa um confronto com a filha e passa a bater na menina, que chora em desespero. Até que ela pede para Bianca se retirar do local, a toma pelo braço e bate à porta:

[...] eu a deixo ali e fecho a porta atrás de mim com um empurrão preciso, não quero mais ver você. A porta tinha um grande vidro fosco. Não sei o que aconteceu, talvez eu tenha empurrado a porta com força demais: o fato é que se fechou com um barulho alto, e o vidro se despedaçou. Bianca apareceu, os olhos arregalados, pequena, do outro lado do retângulo vazio, não gritava mais. Olhei-a estarecida, até que ponto eu podia chegar, estava assustada comigo mesma. Ela continuava ali, imóvel, incólume, as lágrimas continuavam a escorrer, mas mudas. Esforço-me para nunca pensar naquele momento, em Marta puxando minha saia, em Bianca no corredor me fitando através do vidro quebrado: pensar nisso me faz suar frio, tira meu fôlego. Estou suando aqui também, na entrada do mercado, sufocando, e não consigo controlar meu coração (FERRANTE, 2016, p. 89 e 90).

A situação rememorada por Leda condensa os sentimentos que ela experimentou em relação às filhas, nos anos que tentava se dedicar ao trabalho e aos estudos, mas que não conseguia êxito devido aos cuidados exaustivos com as filhas. Na imagem dessa porta despedaçada e no vidro quebrado, podemos ler uma possível alusão a condição feminina e materna que Leda se encontrava naqueles anos, subsequentes aos nascimentos das filhas. Também podemos inferir o ato de fechar a porta como uma tentativa de separação em relação às filhas, a maternidade e os outros anseios que ela tinha. Mas é uma separação frágil, que não se sustenta, e algo se rompe em pedaços. Um tempo depois, Leda recorre a uma possibilidade

mais consistente de separação e distância das filhas para dar andamento aos seus projetos pessoais e vida amorosa, ao deixar as filhas e ir embora por três anos. Mas, que também se revela, com o passar do tempo, como uma separação frágil.

Conforme demonstramos, o sentimento de “despedaçamento” que Leda nomeia para Nina, na conversa do capítulo 21, utilizando a palavra que ouviu de sua mãe, remetia a um sentimento já experienciado por Leda. Nesse mesmo capítulo, antes de introduzir a palavra “despedaçamento”, temos uma parte do diálogo entre as personagens, no qual ao responder à pergunta de Nina de como se sentiu ao abandonar as filhas durante os anos que ficou distante, Leda faz alusão ao sentido dessa palavra: “Bem. Era como se todo o meu eu tivesse desmoronado, e os meus pedaços caíssem livremente por todos os lados com uma sensação de contentamento.” (FERRANTE, 2017, p. 144). Paradoxalmente, ela revela uma sensação de contentamento que não elimina o sentimento de desmoronamento, estar em pedaços. Portanto, a palavra “despedaçamento” que Leda usa para nomear o que Nina estava sentido, comporta suas experiências íntimas como mulher e mãe que se sentiu em pedaços nos anos que passou com as filhas, mas, também, de outra forma, se sente aos pedaços quando experimenta o contentamento do tempo que passou na ausência delas. Anos depois, esse mesmo sentimento volta a assombrar Leda nas férias que ela se propõe na costa jônica. No capítulo 2, Leda nos conta que ao se ver livre da responsabilidade pelas filhas adultas, ao elas irem morar com pai, ela experimenta uma mudança de humor, uma sensação de bem-estar e um sentimento de leveza, que culminam com a decisão de tirar férias. Entretanto, logo depois ela é invadida por uma ansiedade e um mal humor repentinos na viagem a caminho da praia. Esses conflitos se condensam na forma como Leda se sente, ao chegar na hospedagem, ela percebe-se sem contornos definidos que remete à uma imagem fragmentada, que pode ser simbolizada pelo despedaçamento. Portanto, o sentimento de despedaçamento resiste à passagem do tempo e assola Leda em diferentes momentos de sua vida. Ela se sente aos pedaços quando abandona as filhas pequenas e, volta a se sentir estilhaçada anos depois, quando se vê sem as filhas que, agora, tinham escolhido ir embora e seguir os seus próprios caminhos.

Os afetos que Leda vivencia ao entrar em contato com as mulheres-mães na praia apontam para a sua condição dupla de filha e mãe, sua relação com a mãe na infância e, também, a sua relação com as filhas. O que podemos associar a um conceito freudiano, que vimos no primeiro capítulo deste trabalho ao analisar a relação freudiana com a literatura: *o infamiliar*. Como vimos, a partir da análise do conto de E.T.A Hoffmann, *O homem de Areia*, Freud investiga o fenômeno literário do duplo e chega ao conceito de *infamiliar [Das unheimliche]*. Ele afirma que o *infamiliar* não seria uma espécie de desconhecido e alheio, pelo contrário,

remete “ao velho conhecido, há muito íntimo” (FREUD, 2019 [1919], p. 33) e que aterroriza. Em um dado momento do romance, enquanto Leda estava na praia, ao relebrar características da mãe e as tentativas de afastar as filhas desse modelo materno, ela confessa sobre o que estava vivenciando com aquelas pessoas na praia: “Como um ímã, o tempo de ontem, de hoje, estava atraindo todas as épocas da minha vida” (FERRANTE, 2016, p. 110).

Na perspectiva freudiana, *infamiliar* é tudo que veio à tona, mas deveria ter permanecido secreto e oculto. Logo o *infamiliar* também é, de alguma maneira, um tipo de familiar. No caso do conto estudado por Freud de E.T.A Hoffmann, há um retorno do mesmo tema: aquele que arranca os olhos das crianças, o Homem de Areia juntamente com o medo, desejo e angústia infantil. Já no caso da obra aqui estudada de Elena Ferrante, o que retorna em vários momentos são as vivências passadas de Leda com sua família napolitana, com sua mãe e com suas filhas e a sensação que experimenta de se sentir perdida.

Eu os via, naquele dia, não como um espetáculo a ser contemplado, em uma comparação dolorosa com o que me lembrava da minha infância em Nápoles; eu os via como o meu tempo, como a minha própria vida pantanosa, para a qual eu ainda escorregava de vez em quando. Eram exatamente como a parentada da qual eu tinha fugido quando garota. Eu não os suportava e, no entanto, eles não me largavam, estavam todos dentro de mim. A existência às vezes tem uma geometria irônica. Desde os treze, quatorze anos, eu tinha aspirado ao decoro burguês, a um bom italiano, a uma vida culta e reflexiva. Nápoles me parecera uma onda que me afogaria. Eu não acreditava que a cidade jamais pudesse conter formas de vida diferentes das que eu havia conhecido quando criança, violentas ou sensualmente indolentes, tingidas com uma vulgaridade sentimental ou obtusamente entrincheiradas na defesa da própria degradação miserável. Eu sequer procurava aquelas formas, nem no passado nem em um possível futuro. Tinha ido embora como uma pessoa queimada que, aos gritos, arranca do corpo a pele carbonizada acreditando estar arrancando do corpo a própria queimadura (FERRANTE, 2016, p. 106 e 107).

Um pouco antes de estar na praia e ter essa percepção, Leda narra um momento com a boneca roubada na noite anterior e se questiona: “São problemas de vocês, mãe e filha, pensei, por que fui me meter?” (FERRANTE, 2016, p. 104). Leda se indaga o porquê estava tão envolvida nas situações da relação mãe e filha de Nina, Elena e Nani. A vivência de *infamiliar* que Leda experimenta ao conviver com as mães e filhas na praia, revelam uma espécie de duplo. A respeito da relação entre o *infamiliar* e o duplo no conto *O Homem de Areia*, Freud argumenta que:

Devemos nos contentar em enfatizar os fatores, que mais provocam os efeitos do *infamiliar* para investigar se também neles é permitida sua dedução a partir

de fontes infantis. Trata-se do âmbito do duplo, em todas as suas gradações e formações; ou seja, o aparecimento de pessoas que, por causa da mesma aparência, devem ser consideradas como idênticas; o incremento dessas relações por meio da transmissão dos processos psíquicos de uma dessas pessoas para a outra – o que deveríamos chamar de telepatia -, de tal modo que uma se apropria do conhecimento, do sentimento e das vivências da outra; a identificação com uma outra pessoa, de modo que esta perde o domínio de seu Eu ou transporta o Eu alheio para o lugar do seu próprio, ou seja, duplicação do Eu, divisão do Eu, confusão do Eu – e, enfim, o eterno retorno do mesmo, a repetição dos mesmos traços fisionômicos, o mesmo caráter, o mesmo destino, os mesmos atos criminosos, o nome por meio de muitas e sucessivas gerações (FERRANTE, 2016, p. 69).

No romance *A filha perdida*, a protagonista é assombrada com o *infamiliar* nas relações que estabelece com outras mulheres, suscitado principalmente pelo processo de duplo que existem entre elas. Como por exemplo, condensado na escolha do nome das personagens, Leda e Elena, que vimos anteriormente que tem origem na mitologia grega e, de alguma forma, sintetiza o espelhamento e a experiência do duplo que Leda vivência com as personagens na praia, transferindo afetos da relação anterior com sua mãe e com suas filhas. Podemos apontar outras semelhanças entre os nomes das personagens que reforçam esse espelhamento e construção das experiências de duplo. Bergamo (2019) destaca que os nomes da boneca da menina (Nani, Nena, Nenella) parecem corruptelas do nome da mãe e da menina.

Esse espalhamento entre os nomes das personagens também se aplica ao nome da própria boneca de Leda, que ela ganhou na infância da mãe e a nomeou de Mina, quase formando um anagrama entre os nomes das personagens, da jovem mãe e da boneca de Elena, se não fosse a letra “M” no lugar do “N”, respectivamente, Nina e Nani.

Eu gostaria de vesti-la. Tive a ideia de comprar roupinhas para a boneca, uma surpresa para Elena, quase um ressarcimento. O que é uma boneca para uma criança? Tive uma com belos cabelos cacheados, cuidava muito bem dela, nunca a perdi. Chamava-se Mina. Minha mãe dizia que fui eu que lhe dei aquele nome. Mina, mamma. A palavra mammuccia me veio à mente, um antigo termo usado para “boneca”, há muito fora de moda. Brincar de ser a mamãezinha de uma boneca. Minha mãe nunca esteve disposta às brincadeiras que eu tentava fazer com ela. Logo ficava nervosa, não gostava de bancar a boneca. Ria, se esquivava, ficava com raiva. Irritava-se se eu a penteasse, pusesse fitinhas, lavasse seu rosto e orelhas, a despisse e vestisse novamente. Já eu, não. Como adulta, sempre tentei me lembrar do sofrimento de não poder mexer nos cabelos, no rosto, no corpo de minha mãe. Por isso fui pacientemente a boneca de Bianca nos seus primeiros anos de vida. Ela me levava para debaixo da mesa da cozinha, era a nossa cabana, fazia com que eu me deitasse (FERRANTE, 2016, p. 57 e 58).

A boneca roubada por Leda condensa características tanto da sua relação como mãe quanto sua relação como filha, como já foi mencionado anteriormente. Ela rememora a boneca

que recebeu da mãe, que faz alusão a sua infância e também remete ao contexto que dá essa boneca para a filha, Bianca. Ainda, Nani representa na narrativa as brincadeiras entre Nina e Elena e a relação idílica que Leda conclui existir entre elas, em um primeiro momento:

Uma vez, eu as vi brincarem juntas com a boneca. Divertiam-se muito: vestiam-na, despiam-na, fingiam untá-la de protetor solar, davam-lhe banho dentro de um baldinho verde, secavam-na com a toalha, esfregando-a para que não ficasse com frio, apertavam-na no peito como se a estivessem amamentando ou entupiam-na de papinhas de areia, mantinham-na ao sol ao lado delas, deitada na mesma toalha das duas. A moça, já bonita por natureza, distinguia-se com aquele seu jeito de ser mãe; parecia não querer nada mais além da menina (FERRANTE, 2016, p. 19).

Leda parece tentar reviver, através da interação com Nani, a maternidade idealizada de Elena e as experiências como filha e como mãe. Como vimos em um dado momento, Leda compra roupinhas para a boneca e deseja vesti-la. Ao avançar algumas páginas do romance, antes de Leda ir embora por três anos e deixar as filhas, ela passa dois meses fora de casa e quando passa pela casa, ela presenteia as filhas com roupas:

Naquela ocasião, comprei roupinhas para Bianca e Marta, levei para elas de presente. Quiseram que eu as ajudasse a vesti-las, eram magras e macias. [...] As meninas me encaravam. Eu sentia os olhares delas procurando me amansar, mas, com mais força, sentia o fulgor da vida fora delas, novas cores, novos corpos, nova inteligência, um idioma a dominar como se fosse meu verdadeiro idioma, e nada, nada que parecesse conciliável com aquele espaço doméstico no qual ambas me encaravam, à espera. Ah, torná-las invisíveis, não ouvir mais as exigências de sua carne como pedidos mais prementes, mais potentes do que os que vinham da minha. Terminei de descascar a laranja e fui embora. A partir de então, por três anos, não as vi nem ouvi mais (FERRANTE, 2016, p. 124).

A espécie de ritual que Leda estabelece de comprar roupas para a boneca roubada e vesti-la pode ser lida como uma tentativa de reconstituir as relações com suas filhas e, ainda, da própria relação com a mãe, com quem tinha um distanciamento físico e emocional diferente daquela relação idílica que ela observa no contato entre a tríade materna na praia. Podemos inferir que, Leda não consegue explicar totalmente para si o abandono das filhas, da mesma forma, não consegue explicar para si e para os leitores o motivo do roubo da boneca e esse acontecimento permanece como algo sem sentido durante toda a narrativa. Além disso, Leda ensaia várias vezes devolver a boneca e não consegue concretizar o ato:

Fiquei ali parada por algum tempo, cavando com o pé até encontrar areia seca. Se tivesse levado a boneca, pensei, porém sem arrependimento, poderia enterrá-la aqui, sob a crosta de areia molhada. Teria sido perfeito, alguém a

encontraria no dia seguinte. Elena não, eu gostaria que Nina a encontrasse. Então eu me aproximaria dela e diria: ficou contente? Mas eu não tinha trazido a boneca, não a pegara, sequer pensara a respeito. Em vez disso, havia comprado para Nani um vestidinho novo, sapatinhos, outra ação sem sentido. Ou, pelo menos, como para tantas pequenas coisas da minha vida, eu não conseguia achar um sentido (FERRANTE, 2016, p. 98 e 99).

Podemos inferir que Leda gostaria de restituir Nina com a boneca e não a pequena Elena, essa atitude revela que Leda gostaria de reparar algo da maternidade da jovem napolitana, assim como ela buscar reparar algo em sua própria experiência como mulher e mãe. Entendemos que a boneca funciona tanto para Leda como para Elena como o que Winnicott (1975) define como objetos transicionais. O pediatra e psicanalista inglês propõem que o objeto transicional seria um substituto simbólico para um objeto subjetivo da criança, como a mãe ou o seio materno, por exemplo. Ele ainda aponta que esse objeto ou padrão de repetição que surge na tenra idade pode ressurgir em outros momentos da vida adulta:

Os padrões estabelecidos na tenra infância podem persistir na infância propriamente dita, de modo que o objeto macio original continua a ser absolutamente necessário na hora de dormir, em momentos de solidão, ou quando um humor depressivo ameaça manifestar-se. Na saúde, contudo, dá-se uma ampliação gradual do âmbito de interesses e, por fim, esse âmbito ampliado é mantido, mesmo quando a ansiedade depressiva se aproxima. A necessidade de um objeto específico ou de um padrão de comportamento que começou em data muito primitiva pode reaparecer numa idade posterior, quando a privação ameaça (WINNICOTT, 1975, p. 17).

Percebemos que Elena fica inconsolável quando perde a boneca, com alterações de comportamento, revelando a importância da boneca para a constituição de sua subjetividade. Leda, em posse da boneca, repete comportamentos infantis como brincar com a boneca, manipular seu corpo e providenciar roupinhas para ela e vesti-la. A cada trecho que ela está interagindo com a boneca é intercalada por lembranças de sua mãe e de suas filhas. Ela tenta reconstruir algo da sua maternidade com as brincadeiras com Nani e, mais especificamente, reconstituir quais foram as suas motivações para abandonar as filhas: “Pensei em como um ato obscuro gera outros, cada vez mais obscuros, então o problema é interromper a cadeia” (FERRANTE, 2016, p. 157).

No romance, Leda nos conta várias situações que antecederam a decisão de ir embora e deixar as filhas por três anos. Também, acompanhamos as situações que ocorreram antes do roubo da boneca. Os dois casos parecem ter algo em comum: a falta de limites claros entre Leda e as filhas e entre o trio que ela observava na praia, Nina, Elena e Nani. Leda se confunde em vários momentos com as filhas: “Percebi há muito tempo que conservo pouco de mim e tudo

delas” (FERRANTE, 2016, p. 15), “[...] e o que me parecia antipático em Bianca se tratasse somente do reflexo da antipatia que eu sentia por mim mesma” (FERRANTE, 2016, p. 74), “Mas eu também me sentia feia e gorda na idade de vocês” (FERRANTE, 2016, p. 63). Da mesma forma que não distingue muito bem as diferenças entre as três personagens na praia, e posteriormente entre ela e esse trio, confusão que se dá desde a identificação e diferenciação dos nomes das personagens nos primeiros contatos:

Durante algum tempo, eu não soube se era a mãe ou a filha que se chamava Nina, Ninù, Ninè, os nomes eram muitos e foi difícil, em meio à densa trama de chamados, chegar a uma conclusão. Depois, de tanto ouvir vozes e gritos, entendi que Nina era a mãe. Com a menina foi mais complicado, e no início me confundi. Achei que ela tivesse um apelido tipo Nani ou Nena ou Nennella, mas depois compreendi que aqueles eram os nomes da boneca, da qual a menina nunca se separava e à qual Nina dava atenção como se estivesse viva, quase uma segunda filha. A menina na verdade se chamava Elena, Lenù; a mãe sempre a chamava de Elena, e, os parentes, de Lenù (FERRANTE, 2016, p. 20).

Essas relações de duplo que Leda vivenciava com as filhas e percebe entre as personagens fazem com que uma experiência intensifique a outra. Portanto, ao mesmo tempo que se relacionar com as personagens na praia causa um certo estranhamento em Leda, por outro lado, lhe são afetos já bastante conhecidos, mas um tanto evitados. Como vimos para Freud (2019 [1919]), o infamiliar remete a algo familiar que sofreu o efeito do recalçamento. O que Leda considera alheio nos outros, revela algo que é íntimo de si mesma. A forma difusa que ela percebe as personagens napolitanas na praia comunica a maneira como ela se sente e se percebe: “eu não tinha silhueta” (FERRANTE, 2016, p. 11). É assim que Leda se descreve logo após chegar na hospedagem onde irá tirar férias, antes mesmo de conhecer as personagens citadas, revelando os conflitos íntimos que ela nutria no tocante a sua identidade feminina e materna. Logo, a confusão que Leda faz entre os nomes das personagens e os papéis desempenhados por cada uma delas, reflete a falta de limites bem definidos entre a subjetividade de Leda e de suas filhas, e isso acaba reverberando nas suas próprias experiências corporais e sexuais.

Nos primeiros dias de férias na praia, Leda observa Gino, o salva vidas, de longe e tem certeza de que ele agradaria as filhas, mas não sabe ao certo sobre as próprias preferências:

Teria agradado bastante a minhas filhas, sobretudo a Marta, que se apaixonava facilmente por rapazes magros e agitados. Já a mim, quem sabe... Percebi há muito tempo que conservo pouco de mim e tudo delas. Até para Gino, naquele momento, eu olhava com o filtro das experiências de Bianca e Marta, de

acordo com os gostos e paixões que eu imaginava serem os delas (FERRANTE, 2016, p. 15).

Em outro momento, Leda encontra com Gino e a partir do diálogo com ele, ela relembra das experiências amorosas das filhas. Ela traz à memória situações de quando as filhas adentraram na adolescência, Bianca com quinze anos e Marta com treze e, passaram a ser alvo dos olhares desejanter dos homens, Leda estava próximo aos quarenta anos nessa época:

Durante algum tempo, continuei a acreditar que os olhares dos homens na rua se dirigiam a mim, como acontecia havia vinte e cinco anos — àquela altura era um hábito acolhê-los, suportá-los. Depois percebi que deslizavam lascivamente do meu corpo para deterem-se sobre o delas, e me assustei, fiquei contente, tendo dito, enfim, a mim mesma, com uma irônica melancolia: uma fase está prestes a terminar. No entanto, comecei a dedicar mais atenção a mim mesma, como se quisesse conservar o corpo ao qual estava acostumada, evitar que ele me deixasse. [...] Mas as lufadas sensuais que sopravam delas eram violentas, vorazes, e eu sentia que o corpo delas tinha como que roubado o poder de atração do meu. Por isso ficava satisfeita quando me diziam, rindo, que os garotos me consideravam jovem e atraente. Parecia por alguns minutos que os nossos três organismos tinham atingido um agradável acordo (FERRANTE, 2016, p. 63 e 64).

Da mesma forma que as relações amorosas das filhas de Leda e suas experiências sexuais parecem ter algum efeito sobre ela, algo semelhante ocorre com sua proximidade com a jovem mãe e o jovem salva vidas na praia. Se Leda sentia que a juventude das filhas lhe subtraía a capacidade de atrair os olhares, ela também se sente dessa forma em relação a Nina e Gino: “Ele gosta de Nina, pensei, não é muito difícil perceber. E aquilo, em vez de me comover ou divertir, me fez sentir uma pontada de desagrado que se estendia até a garota, como se ela, mostrando-se todo dia na praia e atraindo-o, tirasse algo de mim (FERRANTE, 2016, p. 70). Essa certa rivalidade que ela estabelece em relação a Nina, e a comparação entre a sua maternidade e a de Nina, remete ao que ela sentia em relação as amigas das filhas anteriormente:

Se Gino tivesse conhecido Bianca e Marta — perguntei a mim mesma, quase por uma questão de hábito —, de qual das duas teria gostado mais? Desde o início da adolescência das minhas filhas, fui tomada pela obsessão de compará-las com garotas da mesma idade, amigas íntimas e colegas de escola que eram consideradas bonitas e faziam sucesso. De um modo confuso, eu as considerava rivais das duas garotas, como se a autoconfiança, a sedução, a graça e a inteligência excepcionais delas tirassem algo das minhas filhas e, de alguma forma obscura, de mim (FERRANTE, 2016, p. 70).

Além da relação extraconjugal entre o jovem casal remeter às experiências de Leda com a sexualidade das filhas, quando ela flagra o beijo entre Nina e Gino no bosque, lhe desperta experiências e afetos da sua relação com a mãe quando criança. Como elucidada a psicanalista:

“As meninas emaranham-se desde cedo na sexualidade da mãe e esta, através da filha, experimenta muitas vertentes de sua própria sexualidade. Esta às vezes se manifesta na sexualidade da filha como retorno do recalçado” (ZACBERG, 2003, p. 86). As fantasias que Leda tem a partir da sexualidade das filhas e, depois, transfere para Nina, é um eco das fantasias que tinha em relação a sexualidade de sua mãe, quando criança:

O fato de tê-los surpreendido havia me causado, não sei como dizer, uma perturbação. Era uma emoção confusa, somava o visto ao não visto, suscitava-me calor e um frio suado. O beijo deles ainda ardia, esquentava meu estômago, deixava em minha boca um sabor de saliva morna. Não era uma sensação adulta, mas infantil, sentia-me como uma menina trêmula. Haviam retornado fantasias muito distantes, imagens falsas, inventadas, como, quando criança, eu imaginava que minha mãe saía de casa em segredo, de dia e de noite, para encontrar seus amantes, e eu sentia no meu corpo a alegria que ela vivenciava. Agora parecia que estava despertando no fundo da minha barriga uma substância sarrenta que havia ficado em repouso por décadas (FERRANTE, 2016, p. 114).

Além das questões relativas à sexualidade de Leda, da relação com as filhas e com a mãe que se reimprimem nas vivências com Nina, Elena e Nani, também podemos fazer essa correlação com os traços e características corporais. Leda é fascinada pelos atributos físicos de Nina, e no decorrer dos dias de contemplação dessa mulher na praia, ela relembra os impasses de suas filhas com seus traços físicos e seus próprios dilemas com seus aspectos corporais. A psicanalista Malvine Zalcberg (2003) elucida que uma mãe pode transmitir para a filha as suas inquietações em relação ao seu corpo feminino, logo a mãe revive a mesma dificuldade de conciliação com o corpo em relação ao corpo da filha.

As filhas de Leda, em especial Marta, a acusavam de ter sido injustiçadas na transmissão dos traços físicos e das características distribuídas entre elas, como se não fossem um serviço da engenharia biológica, mas um ato intencional da mãe em querer favorecer uma em detrimento da outra.

De alguma maneira, eu era sempre a origem e o ponto de fuga dos sofrimentos delas. Acusavam-me em silêncio ou gritando. [...] Tons de voz quase imperceptíveis. Um gesto pequeno, um modo de bater as pálpebras, um sorriso-careta. O passo, o ombro que pende um pouquinho à esquerda, um balançar gracioso dos braços. A impalpável mistura de movimentos mínimos que, combinados de um certo modo, tornam Bianca sedutora e Marta, não, ou vice-versa, e então causam soberba, dor. Ou ódio, porque a potência da mãe parece sempre se dar de maneira injusta, desde o nicho vivo do ventre. Já ali, segundo minhas duas filhas, comportei-me com crueldade. Tratei uma como filha, a outra como enteada. Em Bianca fiz seios grandes, Marta parece um menino — e não sabe que é linda assim, usando sutiãs acolchoados, uma fraude que a humilha. Sofro vendo-a sofrer. Quando jovem eu tinha seios

grandes, mas depois do nascimento dela não tenho mais. Você deu o que tinha de melhor a Bianca, ela vive repetindo, e a mim deu o que tinha de pior. (FERRANTE, 2016, p. 74-75).

Podemos relacionar as demandas infinitas das filhas de Leda com o ponto levantado por Zalcberg (2003) ao discorrer sobre as demandas das filhas dirigidas às mães, numa perspectiva lacaniana, lembra que a demanda nunca é totalmente satisfeita, pois trata-se de uma demanda de amor. Por ser sempre impossível satisfazer uma demanda de amor por completo, elas persistem no decorrer da história do sujeito. Logo, ele tem uma necessidade de constantemente buscar um outro para demandar e esperar que sua demanda de amor seja totalmente atendida. A perspectiva a respeito das demandas de amor no ensino lacaniano já estava de certa forma implícita no trabalho de Freud (2018 [1931]), como ele nos ensina, o amor na tenra idade é marcado por uma exigência desmedida e que nunca é capaz de satisfazer, logo podemos concluir que a forma de amar infantil pode persistir nos laços estabelecidos no decorrer da vida adulta:

“O amor da criança é desmedido, exige exclusividade, e não se dá por satisfeito com parcialidades. Contudo, uma segunda característica é que esse amor, afinal, também não tem meta, é incapaz de uma satisfação plena e, fundamentalmente por isso, está condenado a terminar em decepção e a dar lugar a uma posição hostil” (FREUD, 2018 [1931], p. 293).

Como vimos no capítulo anterior desse trabalho, a partir da psicanálise, no tocante a relação mãe e filha, as demandas de uma filha dirigidas à mãe tem uma particularidade. Por não haver um significante inconsciente que dê conta do ser da mulher, algumas filhas podem ficar esperando e buscando para sempre na mãe uma resposta capaz de recobrir o seu ser. Como discorreremos, anteriormente, é o que Lacan nomeou como uma substância a mais que a filha espera da mãe em relação ao pai. Essa busca pode, em alguns momentos, comparecer recoberta por hostilidade, como queixa ou acusação em relação à mãe. A demanda ilimitada de uma filha à mãe ignora que a mãe é faltosa tanto quanto a filha e não tem todas as respostas sobre o ser feminino da filha. Além disso, Freud (2018 [1930]), como vimos anteriormente, aponta para os restos que ficam na relação entre uma menina e sua mãe relativa à fase pré-edípica que ele considera que tem uma importância especial para a constituição da feminilidade da menina.

Esses restos da ligação pré-edípica da menina com a mãe e suas conseqüentes demandas podem, como aponta Freud na Conferência de 1931 sobre a sexualidade feminina, que vimos no capítulo anterior, comparecer no casamento que uma mulher venha a constituir. O psicanalista discorre que as mulheres podem repetir em seu matrimônio, a má relação com a mãe. No caso de Leda, pouco nos é revelado a respeito dos detalhes da sua relação matrimonial,

mas, nos poucos traços que ela descreve do casamento, percebemos algumas repetições da relação com a mãe. Ela se queixa do distanciamento que tinha com a mãe e da sua ausência através do discurso, ao que também se queixa da ausência do marido: “Eu estava cansada demais para estudar, para pensar, para rir, para chorar, para amar aquele homem muito inteligente, obstinado e comprometido em sua aposta com a vida, muito ausente” (FERRANTE, 2016, p. 99). Além disso, ela reimprime a relação de ausência de palavras que nutria com mãe na relação com o marido, tecendo uma cadeia de não-ditos e silêncios. O que, por sua vez, também marca a sua relação com as filhas e sustenta, até certo ponto, na relação com Nina na praia no tocante ao segredo do roubo da boneca.

Ao se relacionar com o professor Hardy, Leda parece reviver a demanda dirigida à mãe e que não encontrou forma de satisfazê-la junto ao marido. Nessa relação extraconjugal, Leda revela uma busca constante por responder a uma demanda de presença: “[...] sofria, pois achava que não podia viver sem Hardy. Escrevia longas cartas para ele, telefonava” (FERRANTE, 2016, p. 121). O ilimitado dessa demanda ao amante parece estar ligado à demanda ilimitada à mãe. Como vimos no capítulo anterior, a partir das elaborações da psicanalista Guimarães (2014), Slogo (2012), Kuss (2021) e Miranda (2017), a demanda da menina dirigida a mãe pode retornar na forma erotomaníaca de amar um homem, que exige constantemente presença e provas do amor. Se Leda não encontra palavras satisfatórias para seu ser feminino no vínculo com a mãe, ela parece buscar um significante que dê conta do seu ser feminino na relação com Hardy. Ela se fascina com a atenção que ele dispensa ao seu artigo acadêmico, destacando atributos que ela buscava para construir a sua feminilidade e recobrir os traços que ela rejeitava das mulheres de sua família, na tentativa de construir uma identidade feminina que fosse o avesso da delas:

Eu tinha talento; não precisava fingir qualquer tipo de superioridade como fazia minha mãe; eu era realmente uma criatura fora do comum. Meu professor de Florença enfim se convenceu disso. O prestigioso e elegante professor Hardy se convenceu disso; parecia acreditar nisso mais do que todos (FERRANTE, 2016, p. 123).

Mas, a ratificação de suas qualidades por parte do amante não parece ter sido suficiente para responder às inquietações a respeito de sua identidade feminina. Pois, essas demandas se reatualizam na relação com as filhas e persistem, mesmo quando elas já são adultas, revelando que a personagem não encontrou respostas a esses imperativos sustentados nem junto à mãe e muito menos nas relações amorosas. Logo, eles reaparecem como velhos fantasmas que

assombram Leda nas relações estabelecidas com as personagens napolitanas na praia, em suas férias.

Por outro lado, o que Leda busca na mãe e nas relações amorosas também são demandas repetidas por suas filhas, revelando uma persistência de uma herança transgeracional entre mulheres. As demandas das filhas de Leda são semelhantes às demandas e às queixas que ela dirigia para a própria mãe em relação às suas características físicas e, conseqüentemente, aspectos de sua feminilidade. O mal-estar da filha, Marta, tocava no mal-estar que ela sentiu na adolescência por não ter a beleza que ela julga que a mãe tinha:

Então logo acabei me tornando mais atormentadora. Eu dizia a ela: você se parece muito mesmo com a minha mãe. E lhe contava a minha história: na sua idade, eu também tinha certeza de que era feia, pensava “minha mãe é bonita, e eu, não”. Marta me dava a entender, multiplicando seus sinais de aborrecimento, que não via a hora de que eu calasse a boca. Por isso, ao consolá-la, eu me sentia cada vez mais melancólica. Eu pensava: como será que se reproduz a beleza? Lembrava, até bem demais, como na idade de Marta eu estava convencida de que minha mãe, ao me fazer, se afastara de mim, como quando temos um impulso de rejeição e afastamos o prato com um gesto. Eu suspeitava de que ela tivesse começado a fugir de mim quando eu ainda estava em seu ventre, embora na minha infância todos me dissessem que eu me parecia com ela. Havia semelhanças, mas para mim eram desbotadas. Nem mesmo quando descobri que os homens me achavam atraente eu me tranquilizei (FERRANTE, 2016, p. 72).

No trecho acima, Leda confessa sentir que era rejeitada pela mãe desde a concepção e que sua mãe fugia dela como se rejeita uma refeição. No segundo dia de Leda na praia, ela sente um cheiro de resina que a faz recordar as férias da infância e, na sequência, uma situação em que a mãe a tratou diferente das outras três irmãs:

Aquele era o cheiro de férias, de brincadeiras infantis de verão. Cada estalo ou ruído surdo de pinha seca e a cor escura dos pinhões me lembram a boca da minha mãe, que ria enquanto esmagava as cascas, extraía os frutos amarelinhos e os dava para minhas irmãs, que os pediam ruidosamente, e para mim, que os esperava calada. Ou então os comia ela mesma, sujando os lábios de pó escuro e dizendo, para me ensinar a ser menos tímida: para você, nada, você é pior do que uma pinha verde (FERRANTE, 2016, p. 13).

Essa lembrança com o relato anterior, em que Leda sentia que sua mãe a rejeitava e fugia dela, parecem marcar para ela uma interrogação sobre o lugar que ela ocupava no desejo materno e que reincide na relação com as próprias filhas. De acordo com Zalberg (2019) a forma como as mães olham, tocam e investem suas filhas na origem da sua imagem feminina deixa impressões para sempre nelas como base da sua identidade singular. Ela ainda afirma que uma menina espera receber da mãe, enquanto essa olha para seu corpo, palavras positivas,

como: “minha linda menininha” (ZALCBERG, 2019, p. 34). Já quando a palavra da mãe vacila, a menina pode ter dificuldade em construir uma imagem feminina.

Como vemos no romance, não só as palavras da mãe de Leda fazem marca na subjetividade dela, como as ameaças de ir embora, bem como o idioma e entonação que ela usa ao falar. Um dos traços que a captura na relação materna de Elena e Nina é, justamente, a forma como a mãe napolitana fazia uso do dialeto, diferente de sua mãe, já que ela mesma desejou ser diferente da mãe no uso da língua:

Minha mãe se envergonhava da natureza rude do meu pai e dos parentes dele, queria ser diferente, fingia, dentro daquele mundo, ser a dama bem-vestida e de bons modos. Mas, ao primeiro conflito, a máscara caía e ela também aderiu ao comportamento, à linguagem dos outros, com uma violência semelhante. Eu a observava, surpresa e decepcionada, e planejava não ser como ela, tornar-me realmente diferente e demonstrar-lhe, desse modo, que era inútil e ruim que ela nos assustasse com seus “vocês nunca mais vão me ver”. Era preciso que ela mudasse mesmo, ou que realmente fosse embora de casa, que nos abandonasse, que desaparecesse. Como eu sofria por ela e por mim, como eu me envergonhava de ter saído da barriga de alguém tão infeliz (FERRANTE, 2019, p. 30).

As palavras da mãe de Leda estão atreladas às suas escolhas subjetivas, como o abandono das próprias filhas, como discorremos anteriormente. Ademais, retomando o título do livro na edição em português, *A filha perdida*, a própria Leda se refere a si mesma em alguns momentos da obra como perdida, como se não tivesse um lugar próprio para si na existência, que ela busca constituir rompendo com a família e indo embora de Nápoles, com os estudos, com as relações amorosas, com a maternidade e, ainda, com a viagem de férias. Mas tudo se dilacera e ela volta a se sentir como sem silhueta, sem uma imagem e identidade definidas.

O tema da perda e da ausência são recorrentes na vida de Leda desde sua infância, ao se deparar com o sumiço de Elena na praia, ela declara: “Vai aparecer, pensei, eu tinha prática em desaparecimentos. Minha mãe dizia que eu não fazia outra coisa além de me perder quando criança. Um instante de desatenção e eu sumia; [...] Eu tinha medo de que fosse a minha mãe a se perder, vivia com a angústia de não conseguir mais encontrá-la” (FERRANTE, 2016, p. 50). Na tentativa de ajudar a encontrar Elena em meio à multidão da praia, Leda revive a sensação de se sentir uma menina perdida tal qual a menina e a sua filha quando se perderam: “Fui na direção oposta, ao longo da primeira fila de guarda-sóis, com passos lentos. Parecia que eu era Elena, ou Bianca quando se perdeu, mas talvez fosse apenas eu mesma quando pequena ressurgindo do esquecimento” (FERRANTE, 2016, p. 51). Essa percepção sobre si como alguém na condição de perdida, retoma a mente de Leda, após ela contar para Rosaria sobre o

abandono das filhas, ela se sentia perdida quando garota tentando conciliar sua origem familiar, a herança das mulheres da sua família e seu anseio de outras oportunidades profissionais e acadêmicas: “Anos antes, havia sido uma garota que se sentia perdida, isso era verdade”. (FERRANTE, 2016, p. 87).

Em um dado momento da narrativa, em um diálogo com Gino, Leda também confessa experimentar a sensação de perda no que construiu em sua carreira como professora universitária: “Não sei nada realmente bem, eu também perdi tempo. Trabalho doze horas por dia na universidade e sou escrava de todos”. (FERRANTE, 2016, p. 62). Leda repete a condição de filha perdida em sua vida, o que está atrelado à questão da fuga, palavra que lhe marcou do léxico materno. Antes de fugir das filhas, “Às vezes, precisamos fugir para não morrer” (FERRANTE, 2016, p. 84), Leda tentou fugir de Nápoles para Florença, do dialeto para o Italiano que ela considerava mais culto, da violência familiar para a instrução acadêmica. Mas ao entrar em contato com Rosaria, por quem ela nutre uma antipatia, ela se dá conta que as fugas não a tinham levado para tão longe como gostaria, a linha que a separava de sua mãe e das outras mulheres da família era tênue. Além disso, percebe que não foi apenas na praia, quando crianças que ela havia perdido as filhas, mas que as tinha perdido pela distância que havia entre elas e ela e sua mãe:

Na verdade, apesar de ter fugido, não fui muito longe. Se eu quiser, em um instante posso voltar a ser como essa mulher, Rosaria. Seria um pouco difícil, é claro. Minha mãe sabia se alternar sem dificuldades entre a ficção da bela senhora pequeno-burguesa ao surto atormentado sobre a sua infelicidade. Eu demoraria um pouco mais, mas conseguiria. As duas garotas, por sua vez, elas sim, realmente tinham se distanciado. Pertencem a outro tempo. Eu as perdi para o futuro (FERRANTE, 2016, p. 109).

A condição que Leda lê na realidade das filhas contrasta com a sua realidade. Enquanto ela vê nas filhas um movimento em direção ao futuro, ela parece, constantemente, presa a um passado que se presentifica. O movimento da personagem é de retorno, ela sai de Nápoles para morar em Florença, mas escolhe o sul da Itália para tirar férias, onde a sua bagagem napolitana ganha vida e força. Esse regresso espacial também se reflete nos aspectos físicos de Leda, não sabemos quase nada de suas características físicas, mas a narradora nos conta que ela oscila na percepção de seu tamanho, como uma espécie de retorno à infância. Quando as filhas vão morar com o pai no Canadá, ela recupera o corpo da juventude que é acompanhado de uma sensação que remete a um segundo parto das filhas: “como se só então as tivesse definitivamente posto no mundo” (FERRANTE, 2016, p. 7), mas passados os dias na praia, ela se sente como se tivesse diminuído. Vemos nisso uma consonância com as experiências infantis das quais ela se

aproxima, sejam as próprias, as das filhas ou das de Elena. Ainda como se a própria Leda passasse por um segundo parto de si:

Tomei banho e me olhei no espelho enquanto me enxugava. A impressão que eu tinha de mim naqueles meses mudara abruptamente. Não me achei rejuvenescida, mas envelhecida, magra demais, um corpo tão seco a ponto de parecer sem espessura, pelos brancos em meio aos negros em meu sexo. Saí e fui à farmácia me pesar. A balança imprimiu em uma folha o peso e a altura. Eu estava seis centímetros menor e abaixo do peso. Tentei mais uma vez e a altura diminuiu ainda mais, o peso também. Fui embora desorientada. Entre as minhas fantasias mais temidas, estava a ideia de que eu podia encolher, voltar a ser adolescente, criança, ser condenada a reviver aquelas fases da minha vida. Eu só havia começado a gostar de mim depois dos dezoito anos, quando deixei minha família, minha cidade, para estudar em Florença (FERRANTE, 2016, p. 157).

Ironicamente, Leda retoma não só as lembranças das fases que não gostava de sua vida que remetiam a sua mãe, família, infância e adolescência, bem como, isso se reflete em seus aspectos físicos reimprimindo as marcas de uma filha que se sentia perdida. O que acaba por ressoar em sua construção da própria feminilidade e nas relações que ela estabelece com outras mulheres, que de alguma forma reatualizam a perda e o afastamento que a marcaram na relação com a mãe e as filhas. Ela continua perdendo as filhas mesmo depois de adulta: “Demorei a pegar no sono. Pensei em ligar para as minhas filhas, elas estavam ali, em algum lugar da minha mente, mas eu sempre as perdia em meio à confusão daqueles dias” (FERRANTE, 2016, p. 163).

Quando Leda se depara com alguma perda ela parece se desorientar, se agitar e enfrentar uma crise. Como por exemplo, quando ela perde a boneca de infância na situação com a filha, e quando ela assegura que Nani se mantém perdida, a partir da perda de Elena. Ainda, uma outra cena, em que na praia com as filhas pequenas, o marido e o casal de amigos, Matteo e Lucilla, ela perde um brinco:

A menina — eu vi — estava sorrindo: fungava, mas estava realmente feliz. Um instante, dois. Senti que eu estava nutrindo no estômago uma energia destrutiva e toquei em uma orelha por acaso. Descobri que um brinco havia sumido. Não era nada de valor, eu gostava daqueles brincos, mas não era apegada a eles. Contudo, comecei a ficar agitada, gritei para meu marido que tinha perdido um brinco. Olhei na toalha, não estava lá, e gritei mais alto: perdi um brinco. Invadi como uma fera a brincadeira deles, disse para Marta: Viu que você me fez perder um brinco? Falei com ódio, como se ela fosse responsável por algo gravíssimo para mim, pela minha vida, depois voltei, remexi a areia com os pés, com as mãos, chegou meu marido, chegou Matteo, começaram a procurar. Só Lucilla continuou as brincadeiras com as meninas,

manteve-se afastada e manteve-as afastadas da minha descompostura (FERRANTE, 2016, p. 96).

Podemos ler que a desorientação e angústia, que Leda se depara diante das perdas que constituem sua vida, dão notícias da falta de um lugar, com contornos mais definidos, no desejo da mãe. Para ela, Leda “era pior que uma pinha verde”, para quem designava nada. Lemos que em vários momentos da obra, Leda busca esse lugar e contorno a partir do olhar de outras mulheres. Como discorremos em outro momento desse trabalho, ela se queixava do afastamento que existia entre ela e Lucilla. O mesmo acontece em relação a Nina, ela sofre com a possibilidade da jovem mãe napolitana querer se afastar dela. Após contar para a Rosaria sobre ter deixado as filhas para ir embora, ela teme que Nina se distancie:

Percebi que, se aquela opinião podia me ajudar a enxergar Rosaria de outra forma, o mesmo não acontecia em relação a Nina. Seu olhar se afastara de mim com um sobressalto, mas sem me perder: só recuara velozmente, como se procurasse um ponto distante, no fundo de suas pupilas, do qual me olhar sem riscos. Aquela necessidade urgente de distância havia me ferido (FERRANTE, 2016, p. 86).

Esse olhar-lugar que Leda demanda e busca em outras mulheres, a partir da possibilidade de uma não inscrição no olhar e no desejo materno, nos remete ao que Zalcberg (2003) diz sobre o olhar da mãe assim como o discurso materno precederam a própria existência de uma criança. Logo a criança é marcada pela estrutura desejante da mãe tanto no nível dos significantes maternos como no da pulsão escópica. Justamente por cumprir um papel estruturante que o olhar da mãe precisa ser sustentado por seu desejo. Paradoxalmente, quanto mais ausente o olhar desejante da mãe seja, mais a sua presença pode ser reivindicada pela filha, como discutimos no capítulo anterior a respeito do lugar da metáfora paterna e da função materna na constituição subjetiva feminina:

Em função do *resto* que a metáfora paterna deixa no Édipo feminino, a mulher tem mais propensão para ficar suspensa no olhar do Outro; isso porque, do registro da satisfação obtida pela mãe com ela, dependerão outros níveis de elaboração de sua feminilidade, uma que deve ser criada por cada mulher. É do olhar da mãe que a filha retira o que ela precisa para constituir sua feminilidade, que passa por esse suporte identificatório no nível do olhar materno. A consideração de qual possa ter sido a inscrição do olhar da mãe — alicerçado ou não no seu desejo — na filha, constitui um dos veios pelos quais pode-se melhor abordar a dificuldade que uma filha apresentará em separar seu corpo, desejo e gozo, dos de sua mãe (ZALCBERG, 2003, p. 82).

Leda se questionava se a mãe havia se afastado dela desde o ventre. Esses questionamentos ressurgem nas relações com outras mulheres como vimos. Além disso, em

relação às próprias filhas, isso parece fazer eco, na forma que ela percebe o lugar que deveria ocupar para as filhas e a leitura que ela faz do lugar que as próprias filhas desejavam colocá-la como mãe. Ela diz em relação a Marta: “Talvez fosse o que ela sempre desejara em segredo: não ser minha filha” (FERRANTE, 2016, p. 39). Em outro momento, ela se refere a um certo distanciamento em relação às filhas: “Aos poucos, cedi. Eduquei-me a estar presente somente se quisessem minha presença e a ter voz somente se me pedissem para falar. Era o que exigiam de mim e o que eu dava a elas. O que eu queria delas, isso nunca entendi, nem mesmo agora tenho essa resposta” (FERRANTE, 2016, p. 65). As marcas do distanciamento na relação entre Leda e suas filhas, também se refletem na dificuldade que ela encontra em abordar o acontecimento sobre o período que foi embora e as deixou. Ela relata que ao tentar falar a respeito, com ambas as filhas, ou com cada uma de forma particular, elas permaneciam em silêncio e distraídas, alegavam não se lembrarem e mudavam de assunto. Dois anos antes das filhas irem embora morar com o pai, Leda tentar encurtar essa distância, escrevendo sobre o ocorrido através de uma carta:

Dois anos atrás, quando previ que iriam embora por sabe-se lá quanto tempo, escrevi para elas uma longa carta na qual contava detalhadamente como as havia abandonado. Eu não queria explicar meus motivos — quais eram? —, mas os impulsos que mais de quinze anos antes haviam me mandado para longe. Fiz duas cópias da carta, uma para cada uma, e as deixei em seus quartos. Mas nada aconteceu, nunca me responderam, nunca me disseram: vamos conversar sobre isso. Só uma vez, quando fiz uma menção levemente amarga, Bianca rebateu ao sair pela porta de casa: sorte a sua de ter tempo para escrever cartas. Que bobagem pensar que é possível falar de si mesmo aos filhos antes que eles tenham pelo menos cinquenta anos. Querer ser vista por eles como uma pessoa e não como uma função. Dizer: sou sua história, vocês começam comigo, escutem, pode ser útil (FERRANTE, 2016, p. 97 e 98).

Na impossibilidade de falar a respeito de si e desse acontecimento com as filhas, Leda é surpreendida por um ato impensado de falar sobre isso com uma estranha, Rosaria. Não por acaso, uma mulher grávida, que encarnava aspectos grosseiros como os que Leda julgava fazer parte das mulheres de sua família. Se as filhas não queriam ou não podiam ouvir sobre essa história, Leda conta para a Rosaria e, a partir disso, começa a recontar para si suas questões femininas e maternas. Ainda compartilha as suas histórias íntimas com Nina, ao perceber o seu interesse em saber as motivações de suas escolhas, que é contrário a indiferença que supunha encontrar na relação com as filhas: “Pensei que nem Bianca nem Marta jamais tentaram me fazer perguntas como as que Nina fazia, no tom insistente que ela estava usando comigo” (FERRANTE, 2016, p. 146). Consideramos, que tal como Roland Barthes propõe sobre o leitor

produzir um segundo texto a partir da leitura do texto do autor, parece que ao se contar, Leda faz uma espécie de leitura e reescreve algo de si: “O leitor é tomado por uma inversão dialética: finalmente, ele não decodifica, ele *sobrecodifica*, não decifra, produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia” (BARTHES, 2012 p. 41). Ela cria um outro texto sobre si, partindo de sua história e do que lê, com suas lentes singulares, das histórias das mulheres que atravessam o seu caminho. Ela reconstitui a narrativa da sua relação com as mulheres familiares, a partir de outras mulheres, a princípio, estranhas, mas tão familiares quanto.

Diante disso, aderimos a leitura e a interpretação que Bergamo (2019) faz desse aspecto da obra como uma tentativa da parte de Leda em construir algo da própria identidade tanto pela junção quanto pela rejeição de aspectos da identidade de outras personagens com as quais interage no decorrer da história. Mulheres que servem para ela como espelhos, ainda que não sejam tão nítidos. Para a pesquisadora trata-se de um processo de alteridade, da construção permanente do eu, na medida que interage com as outras personagens ficcionais. Sendo uma estratégia narrativa para contar a própria história, a partir dos diálogos estabelecidos com as outras personagens, do confronto de ideias e das memórias que surgem dessas interações. Ela ainda acrescenta que, como uma personagem de ficção verossímil, Leda carrega traços de humanidade, e é esse processo de alteridade que desempenha um papel importante em conferir essa característica de humanidade a Leda. Pois, é por meio das convivências com as demais personagens que Leda altera, constrói e desconstrói algo da sua identidade. As outras personagens compõem Leda por alteridade, mas não de maneira harmoniosa.

Essas imagens embaçadas que Leda tem das outras personagens misturadas às lembranças ruidosas da sua vida parecem refletir os processos de alienação e separação que constituem a subjetivação de uma criança e, mais precisamente, como discutimos no capítulo anterior, a relação mãe e filha. Leda se aproxima de Elena, Nina e Nani como uma espécie de fusão para, em um segundo momento, conseguir ter uma outra concepção sobre elas e elaborar algo sobre si mesma que não fosse uma simples alienação a essas personagens. O processo de alienação e separação que uma filha precisa passar na relação com o Outro primordial, é essencial para constituição da própria alteridade radical. Não sendo um processo único e que esteja garantido e dado por encerrado em uma fase da vida, pelo contrário, esse processo pode ser revivido e reelaborado em diferentes momentos da constituição de uma mulher. Leda foge da mãe, de Nápoles e das filhas, mas o que se configura como distância geográfica, como uma tentativa de ruptura, não garantiu um distanciamento subjetivo, uma separação de corpos, sexualidade e feminilidade de fato.

A respeito desse processo na relação mãe e filha, a psicanalista Malvine Zalcberg (2003) salienta a necessidade do luto nessa relação: “A mãe, tanto quanto a filha, devem estar dispostas a fazer o luto do que, no âmbito da feminilidade, elas representaram uma para a outra, e que as manteve tão ligadas ao longo de anos” (ZALCBERG, 2003, p. 123). A psicanalista, em seu livro *A relação mãe e filha*, atrela a esse desenvolvimento teórico o exemplo do filme *Sonata de Outono* dirigido por Ingmar Bergam, ela aponta a enigmática relação entre Charlotte e sua filha Eva, que representa a dificuldade de separação e elaboração de luto que pode ocorrer nessas relações. Eva não consegue fazer luto do lugar privilegiado que nunca teve na relação com a mãe. Ela sempre ocupou uma posição destituída de importância no campo de desejo materno, mas insiste em tentar se incluir no campo exclusivo de desejo da mãe, que é a música, buscando consistência para seu ser.

No caso da personagem em questão, Leda, lemos que ela busca consistência para seu ser feminino nas relações com outras mulheres, como as filhas e as colegas, repetindo a demanda primordialmente dirigida à figura materna. Cabe ressaltar como as figuras que remetem a morte compõem esse processo, como a cesta de frutas podres e a própria frase derradeira de Leda: “estou morta, mas bem”. Pois, tal como na vida real humana fora da ficção, os conflitos de Leda não parecem serem completamente resolvidos ao final da história, como a abertura do romance nos aponta. Por outro lado, lemos que a antítese sustentada na frase final pode indicar um luto possível que Leda tenha conseguido fazer sobre a família de origem, a mãe que teve, as mães que quis ser e não conseguiu ser e a maternidade idealizada de Nina e das outras figuras femininas que passaram por sua vida.

A partir das semelhanças e diferenças que Leda lê em outras mulheres, ela consegue tecer algo sobre si mesma, ainda que de forma fragmentada, obscura e, em alguns momentos, cheia de lacunas e rasuras. Como aponta Zalcberg (2019, p. 123): “No desdobramento de seu anseio de ser, como sujeito e como mulher, a constituir um dos aspectos fundamentais da problemática feminina, a mulher deverá criar-se uma identidade feminina”. Sendo que essa identidade não é uma garantia definitiva, mas continua a se constituir e reconstituir em várias fases da vida de uma mulher. Nesse ponto, reafirmamos o quanto a alteridade foi importante para Leda nessa contínua (des)construção. Destacamos a importância de Rosaria, Elena e Nina nessa tecitura, mas também gostaríamos de chamar a atenção para uma personagem que ocupa poucas páginas escritas, de forma direta no romance, mas o encontro entre Leda e ela torna-se estruturante para o desenrolar de sua história, referimo-nos a Brenda.

Ela encontra essa personagem em uma viagem para a região da Calábria, com as filhas e o marido, encontra a jovem inglesa com seu companheiro na estrada pedindo carona. Eles

havam abandonado tudo para ficarem juntos. A princípio, Leda se sente incomoda com a presença deles no carro, mas, depois, a partir de uma frase pronunciada por Brenda, ela passa a nutrir simpatia pelo casal e tem a iniciativa de convidá-los para dormir em sua casa. Leda descreve a frase proferida por Brenda que ganha seu apreço: “[...] a certa altura, dirigiu-se a mim com palavras do seguinte teor: somos obrigados a fazer tantas coisas tolas desde a infância pensando que são essenciais; o que aconteceu conosco é a única coisa sensata que me aconteceu desde que nasci” (FERREIRA, 2016, p. 100). Em seguida, ao conversarem, à mesa, no jantar, Leda é mobilizada pelo interesse que Brenda manifesta pela sua área de estudo, a ponto da jovem andarilha lhe pedir um texto de sua autoria. As atitudes de Brenda mobilizam várias questões no íntimo de Leda:

Uma imagem que durou. Quanto tempo fiquei sentada na barra de proteção da estrada como Brenda, fingindo ser ela. Um ou dois anos, acho, antes de ir embora de verdade. Foi um período pesado. Acho que nunca pensei em deixar minhas filhas. Parecia-me terrível, estupidamente egoísta. Mas pensava, sim, em deixar meu marido, procurava o momento certo. Você espera, se cansa, volta a esperar. Alguma coisa vai acontecer e, nesse intervalo, você se torna mais impaciente, talvez perigosa. Eu não conseguia me acalmar, nem mesmo o cansaço me acalmava (FERRANTE, 2016, p. 102).

De todas as personagens com as quais Leda se relaciona na narrativa, Brenda encarna uma alteridade radical da sua experiência de vida e das mulheres da sua família. Ela não é mãe como Nina, tão pouco está grávida como Rosaria, não dá atenção exclusiva para as filhas de Leda como Lucilla fazia, e os temas oriundos à maternidade não são contemplados no diálogo que elas estabelecem. Brenda representa as escolhas que de alguma forma Leda buscava na vida: “Tudo começando do zero. Nenhum hábito, nenhuma sensação embotada pela previsibilidade. Eu era eu, produzia pensamentos que só eram desviados pelo fio emaranhado dos desejos e dos sonhos” (FERRANTE, 2016, p. 101). É partir do encontro com Brenda e do destino que ela confere ao texto escrito por Leda, que ela pede ao se despedirem, viabilizando que ele chegasse até as mãos do professor Hardy, que Leda encontra coragem para as decisões que toma, a partir do encontro com essa mulher: “Brenda apareceu na estrada para Reggio Calabria, e eu lhe conferi a potência que eu mesma gostaria de ter. Talvez ela tenha percebido e, à distância, com um gesto mínimo, me ajudou, deixando-me em seguida a responsabilidade pela minha vida. (FERRANTE, 2016, p. 166 e 167)

Se Leda não encontrou palavras de afeto no dialeto napolitano da mãe que dessem consistência para seu ser feminino, e repetiu algo dessa fuga, dessa busca e dessa perda nas relações com as filhas e outras mulheres e nas relações amorosas, por outro lado, ela constituiu

algo para si e sobre si nas escolhas que fez. Escolhas muitas vezes contraditórias e ambivalentes, entretanto, que marcam a recusa de ser uma extensão da identidade das mulheres da própria família ou de se entregar passivamente a confusão de identidade com as filhas e com outras figuras femininas. Como afirma Zalcberg (2003), cabe a cada mulher percorrer um caminho no cerne singular da relação com a mãe para assegurar-se de uma identificação que seja distinta de sua mãe.

Da mesma forma como as mulheres não fazem parte de um todo, de uma universalidade, como Lacan propôs em seus últimos textos sobre a sexualidade da mulher, a questão da feminilidade deve ser resolvida por cada uma individualmente. O mesmo ocorre na relação mãe-filha: cada par exige sua elaboração singular. Através desse processo de separação com a mãe pelo qual uma filha adquire uma substância para si mesma, Lacan diz que a mulher faz “da solidão o seu parceiro”. Esse parceiro, a solidão, como possibilidade de ser ela mesma, leva a mulher à liberdade. A menina torna-se mulher (ZALCBERG, 2003, p. 115).

Leda encontra algumas saídas para construção da sua feminilidade, da relação com sua mãe e com as filhas, ainda que precise revê-las em outros momentos. Como a narradora nos conta, ao ser perguntada por Rosaria por que deixou as filhas: “Eu as amava demais e achava que o amor por elas impedia que eu me tornasse eu” (FERRANTE, 2016, p. 143). Depois, quando Rosaria pergunta: “Então você voltou por amor às suas filhas?” (FERRANTE, 2016, p. 144), Leda responde: “— Não, voltei pelo mesmo motivo que me fez ir embora: por amor a mim mesma” (FERRANTE, 2016, p. 144). Leda busca não se afogar nas ondas turbulentas da história materna como filha e mãe, ao ponto de não se perder definitivamente de si mesma como mulher. Ela busca, em alguns momentos, na companhia de outras mulheres um suporte para isso, mas acaba por revelar que algo dessa experiência da própria feminilidade é solitária. Ao final, não encontra a simpatia que esperava em Nina, nem mesmo o modelo ideal de maternidade que presumia existir, e se dá conta que a relação entre mãe e filha das personagens napolitanas na praia não era tão harmoniosa e livre de conflitos como ela imaginava. Logo, a história de Leda retrata uma filha-mãe perdida, mas que se (r)escreve, enquanto mulher, de maneira singular a partir da tecitura dessas tantas perdas e dos enlaçamentos com tantas outras mulheres que compõem a sua história.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No hay historia muda. Por mucho que la queman, por mucho que la rompan, por mucho que la mientan, la historia humana se niega a callarse la boca. El tiempo que fue sigue latiendo, vivo, dentro del tiempo que es, aunque el tiempo que es no lo quiera o no lo sepa⁴.

Eduardo Galeano

A pesquisa que desenvolvemos recorreu à possibilidade da psicanálise, enquanto uma vertente da crítica literária, oferecer uma chave de leitura para o romance *A filha perdida*. Partimos da noção de que toda obra fornece indícios de quais teorias podem lançar luz sobre a sua leitura e possíveis interpretações e, não o contrário; entendendo que a existência do romance não depende de uma teoria, evitando reduzi-lo a mera ilustração teórica. Identificamos que o cerne da trama da obra investigada compartilha de temáticas que são caras tanto a história universal quanto à literatura e, ainda, constituem um foco de interesse dos psicanalistas desde Freud até a contemporaneidade. Como já é sabido pelo leitor, nos referimos às questões relativas à feminilidade, a maternidade e a relação mãe e filha com seus desdobramentos na subjetividade das mulheres e nas experiências coletivas. No caso da obra investigada, nosso interesse reside em como isso se relaciona às vivências das personagens do romance, especialmente, da narradora personagem Leda e das relações que ela estabelece. Contudo, antes de nos debruçarmos especificamente sobre as contribuições psicanalíticas no tocante a essas temáticas mencionadas, achamos pertinente recorrer aos primórdios da relação entre literatura e psicanálise, considerando que entender os impasses e progressos dessa relação contribui para a análise que apresentamos no último capítulo da dissertação, pois nele retomamos os conceitos previamente apresentados nos capítulos anteriores, além disso, apresentamos o tipo de abordagem entre psicanálise e literatura que privilegiamos sustentar no desenvolvimento dessa pesquisa.

Traçamos um breve panorama desde a aproximação controversa de Freud com a literatura, passando pelas práticas pós-freudianas da patografia, da psicobiografia e da psicocrítica, refletindo sobre as contribuições e os problemas oriundos dessas vertentes interpretativas. Destacamos em Lacan um aporte relevante ao romper com essas práticas, que

⁴ Não existe história muda. Por mais que a queimem, por mais que a quebrem, por mais que mintam, a História Humana se recusa a ficar calada. O tempo que foi segue pulsando, vivo, dentro do tempo que é, ainda que o tempo que é não o queira ou não saiba.

reduziram o texto literário as abordagens diagnósticas. A perspectiva lacaniana regalou aos psicanalistas uma prática profícua com a literatura, ao propor privilegiar o texto e não incorrer no erro de reduzi-lo a novela edípica dos escritores, aos seus conflitos sexuais e diagnósticos selvagens.

Recorremos às contribuições dos psicanalistas contemporâneos que avançam na perspectiva lacaniana, para compreender como essa não correspondência natural entre a mãe e a mulher são importantes para a constituição feminina e para a subjetivação dos filhos e, como as questões sociais e históricas repercutem nos processos de tornar-se mulher e tornar-se mãe, revelando os impasses de cada época, demonstrando que esses significantes são efeitos da linguagem e da cultura.

Ao nos debruçarmos na leitura e compreensão do enredo de *A filha perdida*, nos deparamos com a necessidade de investigar a especificidade da relação mãe e filha, que constitui um dos núcleos da narrativa que Leda nos apresenta. Encontramos na psicanálise estudos e aporte teórico que levam em conta as características singulares dessa relação. Partimos do pressuposto de que tais contribuições teóricas ajudariam a perscrutar as camadas de complexidade do romance estudado. Diante disso, escolhemos percorrer no capítulo três o mesmo caminho histórico, adotado anteriormente, partindo das elaborações freudianas, passando pelos avanços na teoria lacaniana e culminando nas releituras contemporâneas de Freud e Lacan. Na teoria freudiana, delineamos os gargalos que o psicanalista encontrou, a princípio, por subestimar ou ignorar a importância da relação mãe e filha na constituição da feminilidade e privilegiar a relação edípica da menina com o pai. Através dos atendimentos clínicos, Freud pode se dar conta da fase pré-edípica que denota os primórdios da intensa ligação de uma menina com a mãe. Ainda, identificou a ambivalência constitutiva dessa relação, que pela intensidade da ligação entre mãe e filha, pode deixar restos não superados que podem reaparecer com outros contornos em outras fases da vida de uma mulher, como na constituição das relações amorosas. O psicanalista adverte para as consequências de quando a separação subjetiva entre mãe e filha não acontece e não pode ser elaborada pela menina-mulher. Ao que ele nomeia de catástrofe, quando uma filha fica presa a relação primordial com a mãe, não conseguindo fazer uma transição desse primeiro objeto amoroso para o pai, e, posteriormente, em direção a outras relações amorosas.

Lacan, ao reler a perspectiva freudiana, intitula a dificuldade de separação subjetiva entre mãe e filha como devastação. Para ele o ilimitado da demanda da filha em direção a mãe, ao buscar uma resposta completa e última sobre o seu ser feminino, pode desembocar em uma devastação. É o que acontece quando elas ficam presas nesse engodo de identificação e

completude que leva a uma acentuação da ambivalência que compõe essa relação pela prevalência de um imperativo superegóico. Esse protótipo de relação pode se repetir nas parcerias amorosas de uma mulher, revelando um caráter erotomaníaco da demanda amorosa. Recorremos às psicanalistas contemporâneas que ampliam essas noções freudianas e lacanianas, contribuindo para compreender como esses pontos podem ganhar contornos nas formas atuais de angústia que assombram as mulheres nas questões profissionais, amorosas, nos laços sociais e na escolha pela maternidade, por exemplo. Conflitos que podem ser percebidos tanto nas histórias retratadas pela literatura e pelo cinema, quanto nos relatos das pacientes que buscam um tratamento para as suas angústias no consultório psicanalítico.

Ao chegarmos na parte desta pesquisa, que contempla o nosso principal objetivo de investigação, que é analisar a constituição da maternidade, da feminilidade e das relações entre mães e filhas das personagens do romance à luz da psicanálise; começamos por escrutinar as facetas das ambivalências que constituem as personagens de *A filha perdida* enquanto mulheres e mães. Compreendemos que essa perspectiva seria enriquecedora para a leitura que nos propomos a fazer da obra, por considerarmos que a ambivalência constitui um fio condutor do enredo, permitindo lançar luz sobre vários pontos que constituem a complexidade da feminilidade e da maternidade das personagens. A princípio, nos propomos a recorrer a hermenêutica psicanalítica, como já foi apontado anteriormente, mas, na medida em que, nos detivemos neste aspecto investigativo da pesquisa, sentimos a necessidade de recorrer às contribuições sociológicas para enriquecer a leitura do romance e evitar restringi-lo a uma ilustração psicanalítica. Além disso, identificamos na obra uma tecitura entre o subjetivo e o coletivo que justifica recorrer a perspectiva sociológica atrelada à psicanálise. As pesquisadoras Badinter (1985) e Vera Iaconelli (2023), respectivamente, com as noções de mito do amor materno e discurso maternalista, contribuíram para ponderarmos os aspectos sociais que compõem as vivências da personagem principal do romance, Leda.

Lemos no romance, que as ambivalências vivenciadas por Leda se reverberam como sentimento de culpa. Essa culpa, por sua vez, pode ser atrelada tanto às questões familiares e íntimas da personagem, como aos aspectos socioculturais milenares que se refletem na noção sacralizada e idealizada que a personagem sustenta em relação à maternidade. Leda nos revela que essa visão romântica da figura e função materna acaba por tensionar com seus anseios como mulher, eclodindo em conflitos. Outra faceta dessa visão utópica da personagem em relação à maternidade, é a noção de boa mãe que ela utiliza como régua para medir as suas experiências maternas. Além disso, percebemos que as condições domésticas nas quais Leda se encontrava ao conceber as duas filhas, acabam por acentuar as ambivalências entre o universo materno e o

feminino. A posição paradoxal de Leda também se expressa na dificuldade que ela tem em se livrar das heranças culturais da imagem da mãe perfeita que rivaliza com sua busca por não aceitar passivamente esses padrões impostos às mulheres. Todas essas questões que compõem a subjetividade da personagem, espelham-se na forma como ela lê a relação das personagens napolitanas na praia, Nina, Elena e a boneca.

O que Leda percebe como idílico, ao observar a relação maternal estabelecida entre as personagens na praia, diz mais sobre as questões íntimas dela do que, necessariamente, sobre as personagens em questão. Pois, passando um tempo da estadia na praia, ela percebe que as personagens não eram livres de ambivalências e conflitos como ela havia idealizado. Ao se deparar com essas personagens e fantasiar sobre a realidade que elas vivenciavam, Leda rememora os seus conflitos como filha e como mãe. Logo, percebemos que as ambivalências que a personagem transfere para a relação com as demais personagens, é anterior a essas relações. Como sabemos, Leda carrega a memória de um fragmento sem sentido em sua vida, que foi o abandono das filhas pequenas para ir embora viver os seus anseios femininos, atitude essa que se revela não eficaz para solucionar o conflito que ela experimentava entre ser mãe e ser mulher. Depois, ela reatualiza esse conflito com as personagens napolitanas na praia, atingindo o ápice de suas ambivalências, ao roubar a boneca de Elena. As vivências das personagens oriundas dos conflitos entre ser mãe e ser mulher, condiz com a proposta lacaniana da não equivalência entre essas posições. Percebemos, que Elena Ferrante apresenta uma maternidade que foge da visão romântica e, assim, como psicanálise lacaniana, revelam que a maternidade não recobre por completo a mulher que há na mãe. Portanto, a maternidade não dá por encerrado todas as questões que se apresentam para uma mulher, pelo contrário, podem contornar novas e velhas interrogações sobre o seu ser.

Em nossa investigação de *A filha perdida*, percebermos incidência de metáforas que compõem o romance e fazem alusão direta a maternidade, a feminilidade, a relação mãe e filha, a relação entre as personagens e aos conflitos que compõem o enredo, sentimos necessidade de dispensar atenção a análise dos elementos que compõe a forma do romance que revela uma intencionalidade por parte da autora, pois há uma costura desses aspectos com o conteúdo da obra, trazendo solidez ao enredo. Além disso, as metáforas construídas pela escritora refletem o entrelaçamento entre o âmbito íntimo e coletivo que reverberam nos espelhamentos constituídos entre as personagens. É o que verificamos com a metáfora das frutas e da cigarra que marcam a abertura do romance, no início das férias de Leda na praia, por exemplo. Tais imagens metafóricas funcionam como uma linha metonímica, pois condensam os desdobramentos da trama que serão expostos no decorrer da obra. Ainda, propomos que a

metáfora do alfinete e do chapéu infere as consequências dos sofrimentos experimentados pelas mulheres ao se subjugarem ao modelo idealizado de maternidade, que acaba por retornar às relações superegógicas que as mulheres podem estabelecer umas com as outras, como condensado pelo significante “mãe desnaturada” utilizado pelas personagens Leda e Nina.

Ao longo do enredo, ao tentar se livrar desses imperativos universais sobre a maternidade, Leda busca soluções para as suas questões e conflitos. Mas ao buscar sua singularidade, ela acaba por vivenciar uma espécie de fusão com as outras personagens, em especial, com a tríade materna na praia, como se encontrasse nessas mulheres um prolongamento das suas questões mais íntimas. Essa falta de limites claros e bem definidos entre as personagens é percebido pela imagem metafórica do mar que, como vimos, para além do cenário do romance, condensa os conflitos da narrativa. Essa confusão de identidade entre as personagens, é indicado desde a ambiguidade presente no título da obra, pois quem seria a filha perdida desse romance? Se é que podemos indagar no singular. Outra metáfora que investigamos que reforça esse aspecto de confusão e inversão de papéis na obra é a figura da boneca. Ela remete tanto aos laços difusos que são estabelecidos entre as personagens do romance, bem como, a longa bagagem histórica do imaginário social sobre as definições de feminilidade e maternidade. Essas heranças transgeracionais também são comunicadas na escolha dos nomes das personagens, Leda e Elena, os quais Ferrante extrai da mitologia grega fazendo alusão a noção de “filha-não filha”, essa metáfora construída a partir da intertextualidade, condensa os espelhamentos entre as personagens e reafirma a não naturalidade da maternidade, com suas complexidades. Logo, concluímos que a forma como Ferrante aborda a maternidade coaduna com a perspectiva laciana que apresentamos no capítulo dois desta pesquisa.

Por fim, examinamos os (des)encontros na relação mãe e filha que reverberam na constituição da feminilidade de uma mulher. Concluímos com a nossa leitura da obra, que as relações que Leda estabelece com o trio na praia guarda resquícios de relações anteriores da personagem com outras mulheres, reatualizando os conflitos dessas relações. Para examinar essa repetição que assombra a personagem, recorreremos ao conceito de *infamiliar* [*Das unheimliche*], proposto por Freud. Leda se identifica com traços das personagens femininas que passam por sua vida, estabelecendo uma espécie de duplo com elas. Demonstramos isso ao analisar sua relação com Nina, Elena, Nani, Rosaria, Lucilla, Brenda e as amigas das filhas, por exemplo. Cada uma dessas personagens, à sua maneira, revelam como Leda tenta elaborar os aspectos íntimos da sua história a partir daquilo que transferiu de si para as personagens. É o que pudemos verificar nas questões relativas ao corpo e a sexualidade que Leda reatualiza com

o trio napolitano, e são anteriores a essa relação guardando traços das relações enquanto filha e mãe. As demandas que a protagonista direciona para outras mulheres e em suas parcerias amorosas, apontam para as demandas pueris que ela dirigiu à mãe no passado e, que insistem em se presentificar em suas relações. Percebemos, que esse caráter ilimitado e repetitivo da demanda dialoga com as características apontadas pela psicanálise no tocante a relação mãe e filha e seus desdobramentos. Leda não encontrou uma ancoragem para constituição do seu ser feminino nas palavras e olhar materno, logo ela se sente perdida no campo do desejo materno e repete essa busca nas relações que estabelece ao longo da vida. Nessa busca, ela se confunde e se perde, em alguns momentos, ao mergulhar em suas questões íntimas a partir do que lê de si na feminilidade e na maternidade em outras mulheres. Mas, ela não recua ao tentar tecer algo de si. Tal qual uma colcha de retalhos, ela busca, insistentemente, costurar algo próprio da feminilidade e da maternidade com fragmentos de si que encontra nas outras personagens.

A pesquisa que desenvolvemos não busca oferecer uma leitura última a respeito da obra *A filha perdida*, mas contribuir para uma dentre muitas possibilidades de lê-la. Portanto, esperamos que esse trabalho viabilize germinar perguntas e levantar questões, muito mais que oferecer respostas, pois apostamos que tanto a literatura quanto a psicanálise se beneficiam da capacidade de continuarmos a sustentar interrogações e colocá-las como força motriz do nosso percurso.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. Para que serve a escrita? Freud escreve(-se). **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 12, p. 31–41, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.12..31-41>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ALVARENGA, Elisa. **Ser mãe, mulheres psicanalistas falam da maternidade.** Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.
- AUTUORI, Sandra; RINALDI, Doris. A Arte em Freud: um estudo que suporta contradições. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 34, n. 87, p. 299-319, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94632922002.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BADINTER, Elisabeth. **O mito do amor materno: um amor conquistado.** Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARROS, Romildo do Rêgo; VIEIRA, Marcus André. **Mães.** Rio de Janeiro: Subversos, 2015.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** Tradução: Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.** Tradução: Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail; **Estética da criação verbal.** Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTUCCI, Giovanna. **Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- BERGAMO, Giuliana Arcocha. **Trança de gente: a construção das protagonistas narradoras Leda e Bel em A filha perdida e Bisa Bia, Bisa Bel.** 2019. 95 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/22334>. Acesso em: 4 de set. 2023.
- BERGAMO, Giuliana. **Traduzindo Elena Ferrante.** <https://revistacult.uol.com.br/home/elena-ferrante-marcello-lino/> (2020). Acesso em: 21 ago. 2023.
- BESSA, Graciela. **Feminino: um conjunto aberto ao infinito.** Belo Horizonte: Scriptum, 2012.
- BRANCO, Lucia C.; SOBRAL, Ayanne Priscila A. **O que é psicanálise literária?** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2022.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. Editorial. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**. v.12, p. 5-7, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.12..5-7>. Acesso em: 9 dez. 2022.
- BRANDOLT, Marlene Rodrigues. **Variações do paratexto em Elena Ferrante e Donatella Di Pietrantonio no Brasil.** 2021. 57 f. Relatório (Estágio Pós-doutoral em Literatura) -

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/235862?show=full>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BROUSSE, Marie-Hélène. O que é uma mulher? **Latusa digital**. v. 9, n. 49, p.1-39, 2012. Disponível em: http://www.latusa.com.br/latusa_revista_digital_49.html. Acesso em: 14 abr. 2023.

BENHAÏM, Michèle. **Amor e ódio**: a ambivalência da mãe. Tradução: Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

CALDAS, Heloisa. **Da voz à escrita**: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contra capa, 2007.

CAMPOS, S. **Supereu**: das origens aos seus destinos. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.

CAMPOS, Thaís Becker de; WINOGRAD, Monah. **Feminilidade e maternidade na psicanálise**. Curitiba: Appris, 2022.

CHAVES, Ernani. Prefácio: O paradigma estético de Freud. FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

DOLTO, Françoise. **Sexualidade feminina**. Tradução: Roberto Cortes de Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DRUMMOND, Cristina. Devastação. **Opção Lacaniana Online**. ano II, n.6, p. 1-14, 2011. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero6/texto5.html>. Acesso em: 10 maio 2023.

FEDERICI, Silvia. Globalização, acumulação de capital e violência contra as mulheres: uma perspectiva internacional e histórica. **Mulheres e caça às bruxas**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019. Livro eletrônico. 150 posições.

FELMAN, Shoshana. Henry James: loucura e interpretação. BRANCO, Lucia Castello (org.). **Shoshana Felman e a coisa literária**: escrita, loucura, psicanálise. Belo Horizonte: Letramento, 2020.

FERRANTE, Elena. **A filha perdida**. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

_____. Elena. **Frantumaglia**: os caminhos de uma escritora. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

_____. Elena. **As margens e o ditado**: sobre os prazeres de ler e escrever. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

FREUD, Sigmund. A feminilidade [1931]. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud**: amor, sexualidade, feminilidade. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

_____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud**: amor, sexualidade,

feminilidade. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

_____. Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora” [1905]). **Obras Completas Volume 6:** três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. (1901-1905). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica [1915]. **Obras Completas Volume 12:** introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais [1916]. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud:** amor, sexualidade, feminilidade. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

_____. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? [1919]. **Obras Completas Volume 14:** história de uma Neurose Infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. O declínio do Complexo de Édipo [1924]. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud:** amor, sexualidade, feminilidade. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

_____. O infamiliar [Das Unheimliche] [1919]. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud:** o infamiliar e outros escritos / Simgund Freud; seguido de O homem da areia / E.T.A Hoffmann. Tradução: Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. Organização genital infantil [1923]. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud:** amor, sexualidade, feminilidade. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

_____. Psicologia das massas e análise do eu [1921]. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud:** cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2020.

_____. Questões da análise Leiga. Conversas com uma pessoa imparcial [1926]. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud:** fundamentos da clínica psicanalítica. Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina [1920]. **Obras Completas Volume 15:** psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Sobre a sexualidade feminina [1930]. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud:** amor, sexualidade, feminilidade. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

FUKS, Julián. **Romance: História de uma ideia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GONÇALVES, Lucélia Maria. **Maternidade e feminilidade na psicanálise: impasses do feminino nas doenças raras**. Curitiba: Juruá, 2021.

GUIMARÃES, Lêda. **Gozos da mulher**. Petrópolis: Editora KBR, 2014. Livro eletrônico. 2170 posições.

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. São Paulo: Zagodoni, 2020.

IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

IANNINI, Gilson. TAVARES, Pedro Heliodoro. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud: amor, sexualidade, feminilidade**. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Hiodoro; ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Prefácio: Escrever a clínica: Freud entre a ciência e a literatura. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud: histórias clínicas: Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica**. Tradução: Tito Lívio Cruz Romão. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. São Paulo: Boitempo, 2016.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução: Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, feminino e solidão: um estudo psicanalítico sobre invenções da existência**. 2021. 190 f. Tese. (Doutorado em Psicanálise) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/19618>. Acesso em: 12 maio 2023.

KUSS, Ana Suy Sesarino. Tornar-se mãe, o que é isso? Considerações psicanalíticas sobre o tornar-se mãe em tempos de redes sociais. In: MENA, Luiz (org). **O infamiliar na contemporaneidade: o que faz família hoje?** Salvador: Ágalma, 2021. p.62-78.

LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: _____. **Outros Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 198-205.

_____. Lituraterra. In: _____. **Outros Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.15-28.

_____. Intervenção sobre a transferência [1951]. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 214-228.

_____. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente [1957 – 1958]**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. O aturdito [1972]. *In:* _____. **Outros escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 448-497.

_____. Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** [1972-1973]. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. Televisão [1974]. *In:* _____. **Outros escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 508-543.

LEAL, Fernanda Andrade. **A tristeza comum da mãe: reflexões sobre o estado psíquico do pós-parto**. Curitiba. CRV, 2019.

LEBOVITS-QUENEHEN, Anaëlle. Mães no divã. *In:* ALBERTI, Christiane; ALVARENGA, Elisa. **Ser mãe: mulheres psicanalistas falam da maternidade**. Belo Horizonte: EBP, 2021. p. 185-187.

MANDIL, Ram. Literatura e Psicanálise: modos de aproximação. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**. v. 12, p. 42-48, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.12..42-48>. Acesso em: 9 dez. 2022.

_____. **Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

MASSARA, I. H. M. **Uma verdadeira mulher e seu extravio: figuras da feminilidade em Lacan**. 2014. 270f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível: <http://www.fafich.ufmg.br/pospsicologia/wp-content/plugins/download-attachments/includes/download.php?id=1898>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MILLER, Jacques-Alain. Mulheres e Semblantes I. **Opção Lacaniana Online**. ano I, n. 1, p. 1-16, 2010. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_I.pdf. Acesso em: 3 abr. 2023.

_____. Mulheres e Semblantes II. **Opção Lacaniana Online**. ano I, n.1, p. 1-25, 2010. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_I.pdf. Acesso em: 3 abr. 2023.

MEIRA, Ana Cláudia Santos. **Histórias de captura: investimentos mortíferos nas relações mãe e filha**. São Paulo: Blucher, 2021.

MIRANDA, Ana Augusta Wanderley Rodrigues. O texto literário e o texto inconsciente. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**. v.12, p.116-117. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.12..116-117>. Acesso em: 9 dez. 2022.

MIRANDA, Elisabeth da Rocha. **Desarrazoadas: devastação e êxtase**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017.

MITCHELL, Juliet. **Psicanálise da sexualidade feminina**. Tradução: Luiz Orlando C. Lemos. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

NOEL, Jean Bellemin. **Psicanálise e Literatura**. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Cultrix, 1978.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. **As armadilhas do saber**: relações entre literatura e psicanálise. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. **Confluências, crítica literária e psicanálise**. São Paulo: Edusp, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RANGEL, Maria Luiza. Devastação, o que há de novo? **Opção Lacaniana**. ano 7, n.21, p. 1-10, 2016. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero21/texto7.html>. Acesso em: 2 maio 2023.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SECCHES. Fabiane Vertemati do Amaral. **Elena Ferrante**: uma longa experiência de ausência. São Paulo: Claraboia, 2020.

SLONGO, Cleudes Maria. Amor atravessado pela pulsão de morte. **Opção Lacaniana**. ano 3, n. 8 p. 1-6, 2012. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_8/amor_atravesado.pdf. Acesso em: 16 maio 2023.

SOLANO-SUÁREZ, Esthela. Maternidades Blues. *In*: ALBERTI, Christiane; ALVARENGA, Elisa. **Ser mãe**: mulheres psicanalistas falam da maternidade. Belo Horizonte: EBP, 2021. p. 71-73.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. **O brincar e a realidade**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Adriana Buzzetti. São Paulo: Lafonte, 2020.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe & filha**. São Paulo: Elsevier Editora, 2003.

_____. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2007.

_____. **De menina a mulher**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2019.